



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA
CAMPUS JAGUARI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

João Marcos Botton Consentino

**Memórias agroecológicas e as relações com a Educação Profissional
Tecnológica**

Jaguari, RS
2025

João Marcos Boton Consentino

**Memórias agroecológicas e as relações com a Educação Profissional
Tecnológica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Jaguari do Instituto Federal Farroupilha, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Dra. Vanessa de Cássia Pistóia Mariani

Jaguari, RS

2025

Ficha catalográfica
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C755m Consentino, João Marcos Boton
Memórias agroecológicas e as relações com a Educação
Profissional Tecnológica / João Marcos Boton Consentino. -
Jaguari, 2025.
106 f. : il.

Orientadora: Vanessa de Cássia Pistóia Mariani
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação
em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, 2025.

1. Agroecologia. 2. Educação Profissional e Tecnológica.
3. Educação - memórias. I. Mariani, Vanessa de Cássia Pistóia,
orient. II. Título.

CDU: 631.95:37

Elaborada por:
Márcia Della Flora Cortes CRB10/1877

JOÃO MARCOS BOTON CONSENTINO

**MEMÓRIAS AGROECOLÓGICAS E AS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Farroupilha, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 17 de Abril de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **VANESSA DE CASSIA PISTÓIA MARIANI**
Data: 07/07/2025 09:58:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Vanessa de Cássia Pistóia Mariani

Instituto Federal Farroupilha

Orientador
Documento assinado digitalmente
 **LAILA AZIZE SOUTO AHMAD**
Data: 03/07/2025 11:37:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Laila Azize Souto Ahmad

Instituto Federal Farroupilha

Documento assinado digitalmente
 **CELSO SILVA GONCALVES**
Data: 11/07/2025 08:54:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Celso Silva Gonçalves
Instituto Federal Sul Rio-grandense

JOÃO MARCOS BOTON CONSENTINO

**MEMÓRIAS AGROECOLÓGICAS E AS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Farroupilha, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 17 de Abril de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **VANESSA DE CASSIA PISTÓIA MARIANI**
Data: 07/07/2025 10:00:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Vanessa de Cássia Pistóia Mariani
Instituto Federal Farroupilha
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **LAILA AZIZE SOUTO AHMAD**
Data: 03/07/2025 11:38:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Laila Azize Souto Ahmad
Instituto Federal Farroupilha

Documento assinado digitalmente
 **CELSO SILVA GONCALVES**
Data: 09/07/2025 16:26:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Celso Silva Gonçalves
Instituto Federal Sul Rio-grandense

RESUMO

A agroecologia é uma ciência que vai muito além da simples produção de alimentos, pois além dos aspectos produtivos, abrange também questões sociais, políticas e humanas, estando correlacionada com a formação integral que os Institutos Federais preconizam. Sob essa ótica, e indo de encontro ao atual modelo agrário produtivo, que está pautado apenas na geração e acumulação de renda, é que se desenvolve essa pesquisa de mestrado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), pois entende-se que o agronegócio além de ser altamente danoso ao meio ambiente também gera exclusão e exploração de grande parte dos indivíduos envolvidos, enquanto a agroecologia, pelo contrário, busca respeitar os recursos naturais, bem como, valorizar as pessoas que estão no campo. Centrada na linha de pesquisa, Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica e no Macroprojeto 4: histórias e memórias no contexto da EPT, este trabalho tem cunho qualitativo e está desenhado em forma de um estudo de caso, com objetivo geral de investigar quais são as memórias que os estudantes do curso Técnico em Agricultura do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) *campus* São Vicente do Sul possuem em relação a agroecologia e quais relações pode-se estabelecer com os propósitos da Educação Profissional e Tecnológica; e como objetivos específicos: registrar as memórias e entendimentos dos estudantes do curso Técnico em Agricultura em relação a agroecologia; entrevistar docentes em relação aos saberes agroecológicos e a formação dos técnicos em agricultura; e, desenvolver, aplicar e avaliar o Produto Educacional em formato de *podcast*. O público-alvo constitui-se por estudantes maiores de 18 anos, devidamente matriculados no curso Técnico em Agricultura do IFFAR- SVS e de docentes de disciplinas apontadas na análise documental através do termo “agroecologia” presente na ementa curricular. Para o tratamento dos dados foi utilizado a metodologia de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011). Os resultados da pesquisa bibliográfica a qual explorou o descritor “memórias agroecológicas”, resultou em um breve mapeamento de produções científicas sobre esta temática. A pesquisa documental analisou os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) dos cursos do Eixo de Recursos Naturais do IFFar *campus* de São Vicente do Sul; o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do IFFar e a Lei 11892/2008, onde constatou-se que o termo “agroecologia” é pouco citado dentro das ementas dos cursos analisados e normalmente se encontra como indicação de bibliografia complementar ou em disciplinas eletivas. Especificamente no curso Técnico em Agricultura, foram encontrados apenas seis vezes distribuídas em quatro disciplinas. A pesquisa de campo apontou, através das memórias dos discentes e docentes que poucos são os docentes que trabalham a temática agroecologia dentro na formação do Técnico em Agricultura, fato que está basicamente relacionado as suas vivências, memórias e perfil e quanto aos discentes, percebeu-se que no geral possuem noção do que é agroecologia, sendo esta concepção, fruto de vivências com sua família ou de abordagens realizadas pelos docentes.

Palavras-chave: Agroecologia; Memórias; Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

Agroecology is a science that goes far beyond simple food production, since in addition to productive aspects, it also encompasses social, political and human issues, and is correlated with the comprehensive education that the Federal Institutes advocate. From this perspective, and in opposition to the current agrarian production model, which is based solely on the generation and accumulation of income, this master's research is being developed, together with the Postgraduate Program in Professional and Technological Education (PROFEPT), since it is understood that agribusiness, in addition to being highly damaging to the environment, also generates exclusion and exploitation of a large part of the individuals involved, while agroecology, on the contrary, seeks to respect natural resources as well as value the people who work in the countryside. Focused on the research line Organization and Memories of Pedagogical Spaces in Professional and Technological Education and on Macroproject 4: stories and memories in the context of EPT, this work has a qualitative nature and is designed in the form of a case study, with the general objective of investigating what memories students of the Agricultural Technician course at the Instituto Federal Farroupilha (IFFar) São Vicente do Sul campus have in relation to agroecology and what relationships can be established with the purposes of Professional and Technological Education; and as specific objectives: to record the memories and understandings of students of the Agricultural Technician course in relation to agroecology; to interview teachers in relation to agroecological knowledge and the training of agricultural technicians; and, to develop, apply and evaluate the Educational Product in podcast format. The target audience consists of students over 18 years old, duly enrolled in the Agricultural Technician course at IFFAR-SVS and teachers of disciplines indicated in the documentary analysis through the term "agroecology" present in the curriculum syllabus. The Content Analysis methodology proposed by Bardin (2011) was used to process the data. The results of the bibliographic research which explored the descriptor "agroecological memories" resulted in a brief mapping of scientific productions on this topic. The documentary research analyzed the Course Pedagogical Projects (PPCs) of the courses of the Natural Resources Axis of IFFAR campus in São Vicente do Sul; the Institutional Development Plan (PDI) of IFFAR and Law 11892/2008, where it was found that the term "agroecology" is rarely mentioned within the syllabuses of the courses analyzed and is normally found as an indication of complementary bibliography or in elective disciplines. Specifically in the Agricultural Technician course, it was found only six times distributed in four disciplines. The field research indicated, through the memories of students and teachers, that few teachers work on the theme of agroecology within the training of Agricultural Technicians, a fact that is basically related to their experiences, memories and profile. As for the students, it was noticed that in general they have an idea of what agroecology is, this conception being the result of experiences with their family or approaches carried out by teachers. Keywords: Agroecology; Memoirs; Professional and Technological Education.

Keywords: Agroecology; Memoirs; Professional and Technological Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Agroecologia
ABHO	Associação Brasileira de História Oral
ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
BA	Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNAPO	Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONDRAF	Conselho Nacional de Desenvolvimento Sustentável
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CONSEA	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CRA	Coordenação de Registros Acadêmicos
DF	Distrito Federal
EduCAPES	Portal de Objetos Educacionais Abertos do Ministério da Educação
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFs	Institutos Federais
IFAM	Instituto Federal do Amazonas
IFFar	Instituto Federal Farroupilha
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ISBN	International Standart Book Number
ISEC	Instituto de Sociología y Estudios Campesinos
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MG	Minas Gerais
MS	Ministério da Saúde
MST	Movimento dos Trabalhadores sem Terra

ONG	Organização Não Governamental
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PE	Pernambuco
PE	Produto Educacional
ProfEPT	Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PR	Paraná
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SECNS	Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde
SVS	São Vicente do Sul
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TE	Termo de Confidencialidade
UFMS	Universidade Federal de Santa Maria
URI	Universidade Regional Integrada
USAID	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 APROXIMAÇÕES SOBRE O TEMA DA PESQUISA	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	25
2.1 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, TRABALHO E OS INSTITUTOS FEDERAIS	25
2.2 AGROECOLOGIA, EXPLORANDO ALGUMAS ABORDAGENS.....	29
2.3 CONCEITUAÇÕES E INTER-RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E A HISTÓRIA ORAL	34
3 METODOLOGIA	39
3.1 METODOLOGIA, UMA BREVE CONCEITUAÇÃO	39
3.2 DESCRIÇÃO DO TIPO DE PESQUISA	39
3.3 LOCAL E PÚBLICO DA PESQUISA	41
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	41
3.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	44
3.5.1 Riscos, confidencialidade e benefícios da pesquisa ao participante	44
4 RESULTADOS	48
4.1 ANÁLISE DOCUMENTAL	48
4.2 PESQUISA DE CAMPO	51
4.2.1 Entrevistas com docentes	51
4.2.2 Entrevistas com discentes	72
5 PRODUTO EDUCACIONAL	83
5.1 CONCEITUANDO PRODUTO EDUCACIONAL.....	83
5.2 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO EDUCACIONAL EM FORMATO DE PODCAST	85
5.3 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	95
ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA	99
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO IFFAR	101

APRESENTAÇÃO

A produção agropecuária é uma realidade que sempre esteve presente no meu dia-a-dia, seja no contexto familiar, como também na minha formação acadêmica e profissional, assim procurei trazer essa temática no desenvolvimento dessa pesquisa.

Filho de pequenos agricultores em um município de porte médio da região Centro-oeste do estado do Rio Grande do Sul (RS), cresci em meio a esse tipo de produção, sendo basicamente àquela voltada para subsistência familiar e o pouco excedente para comercialização. Desde a infância, sempre me interessei em compreender o funcionamento dos processos produtivos, abrangendo o cultivo e desenvolvimento das plantas até, posteriormente, as relações de consumo envolvidas com as pessoas que atuavam nesse meio.

Foi com esse viés de aprender e buscar conhecer as formas de produção cada vez mais a fundo que ainda adolescente ingressei no curso técnico em agropecuária integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) *campus* de São Vicente do Sul. Nessa instituição pública de ensino obtive minha primeira formação profissional juntamente com a conclusão do Ensino Médio. No ano seguinte ingressei como bolsista do Programa Universidade para Todos no curso superior de Agronomia na Universidade Regional Integrada (URI), *campus* Santiago.

Devido a minha primeira formação profissional ingressei no mundo do trabalho de maneira formal, pois em torno de um ano após concluir o curso técnico, prestei concurso e fui nomeado para o cargo de Técnico em Agropecuária, também pelo IFFar *campus* de São Vicente do Sul, onde ainda estou atuando.

Posteriormente, à formação em Agronomia, cursei uma especialização em Agroecologia e Educação do Campo no IFFar *campus* Jaguari e também ingressei no curso superior em Administração pela mesma instituição, porém no *campus* São Vicente do Sul, onde recentemente coleí grau. Novamente no *campus* Jaguari, há aproximadamente dois anos ingressei no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

A partir desses relatos relacionados com a temática da produção agropecuária no decorrer da minha vida, é que justifico o interesse pessoal em abordar a questão da agroecologia nesse cenário produtivo, pois notei que esse tema praticamente não é discutido no meio acadêmico e até mesmo marginalizado pelo saber científico, este

que caminha, em quase sua totalidade, alinhado ao modelo capitalista de produção e acumulação de renda.

Esta pesquisa está organizada em seis (6) capítulos, que estão apresentados a seguir:

Capítulo um (1): refere-se à introdução da pesquisa e suas fundamentações que justificam a escolha da temática que foi abordada. Na primeira seção do capítulo é trazido à pauta as questões dos inúmeros problemas socioambientais que o modelo produtivo convencional acarreta, em seguida é apresentado o problema que motivou a pesquisa, bem como as justificativas para o seu desenvolvimento e, ao final desta seção, estão descritos os objetivos que se espera alcançar com este trabalho.

Na segunda seção do capítulo estão apresentados os resultados de uma pesquisa bibliográfica que buscou conhecer quantos e quais obras já haviam sido realizadas na mesma linha dessa pesquisa. Para tal atividade foi utilizado como fonte de dados o Catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Capítulo dois (2): é destinado a apresentar o referencial teórico que sustenta este trabalho, ele foi subdividido em três (3) sessões, a primeira delas se buscou abordar algumas relações entre educação, trabalho e os institutos federais, na segunda seção foram exploradas algumas abordagens a respeito da agroecologia. Já na última seção o autor buscou relacionar alguns conceitos de memória e história oral.

Capítulo três (3): este capítulo comporta os aspectos metodológicos da pesquisa e está subdividido em seis (5) seções. Inicialmente é feita uma conceituação de metodologia em pesquisa científica à luz de alguns autores que trabalham a temática, em seguida é descrito o tipo de pesquisa que foi utilizado, o local e o público da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e os aspectos éticos.

Capítulo quatro (4): neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos com essa pesquisa. Para facilitar o entendimento o capítulo foi dividido em duas seções. A primeira delas foi construída com a análise documental, enquanto na segunda constam os dados da pesquisa de campo, iniciando com as entrevistas dos docentes e, logo em seguida, as entrevistas com os estudantes.

Capítulo cinco (5): este capítulo destina-se a apresentar e conceituar o Produto Educacional (PE). Inicialmente são trazidos conceitos a fim de explicar o que é um PE e para que se destina, logo em seguida é apresentado o PE elaborado junto a essa dissertação, bem como explicado as fases de sua elaboração. Ao fim do capítulo são

discutidos os resultados obtidos após avaliação do PE realizada pela comunidade acadêmica.

Capítulo seis (6): no último capítulo deste trabalho é apresentado as considerações finais e algumas reflexões que o autor desenvolveu ao longo da pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

O modelo de produção agrícola introduzido entre os anos de 1960 e 1970 em nossa sociedade foi moldado a partir de diversos interesses, principalmente, aqueles voltados para o agronegócio, dentro da ótica capitalista de geração e acumulação de renda. Essa mudança de paradigma na matriz produtiva agrícola brasileira recebeu o nome de Revolução Verde, pois trouxe consigo diversas técnicas e conceitos para “melhorar” a produção e produtividade das lavouras, porém desconsiderou aspectos relacionados à sustentabilidade do meio ambiente e do contexto social, ocasionando inúmeros problemas socioambientais ao decorrer do tempo (Santilli, 2009).

Também elencado por Santilli (2009), com o passar dos anos essa forma de produção se consolidou e tornou-se hegemônica na maioria das propriedades rurais, visto que foi amparada nas mais diversas esferas da sociedade, o que ajudou a legitimar a ideia de que era “a única maneira possível de produzir alimentos para matar a fome da crescente população mundial”. Dentro dessas esferas, incluiu-se a educação, pois não bastava apenas trazer novas técnicas de cultivo se não houvesse mão-de-obra capaz de operacionalizá-las e difundi-las junto aos produtores/as. Foi nesse contexto que a educação brasileira foi articulada para atender a essa demanda, formando profissionais operacionais a serviço do agronegócio, sobretudo aos interesses de órgãos internacionais, os quais financiavam a implantação da Revolução Verde em nosso país. A mesma autora define a Revolução Verde como:

A Revolução Verde associa insumos químicos (adubos e agrotóxicos), insumos mecânicos (tratores colheitadeiras mecânicas etc) e biológicas (variedades melhoradas) [...] Foram desenvolvidas variedades vegetais de alta produtividade que dependiam, entretanto, da adoção de um conjunto de práticas e insumos conhecido como “pacote tecnológico” da revolução verde (insumos químicos, agrotóxicos, irrigação, máquinas agrícolas etc). Foi criada também uma estrutura de crédito rural subsidiado e, paralelamente, uma estrutura de ensino, pesquisa e extensão rural associadas a esse modelo agrícola. Com o apoio de órgãos governamentais e organizações internacionais, a revolução verde expandiu-se rapidamente pelo mundo promovendo uma intensa padronização das práticas agrícolas e artificialização do meio ambiente. (Santilli, 2009, p. 43).

Ao longo do tempo, essa educação voltada apenas ao mercado de trabalho vem sofrendo críticas de teóricos/as e parte da sociedade que acreditam que a formação deva ser integral, abordando além dos conhecimentos técnicos, também aspectos sociais e culturais que a pessoa levará para além de sua área de atuação profissional. Foi dentro dessa perspectiva que no dia 29 de dezembro de 2008, foi

sancionada pelo Governo Federal, a Lei nº 11.892 que permitiu a criação dos Institutos Federais de Educação (IFs), para ser um espaço de formação de profissionais e cidadãos íntegros, preparados para o mundo do trabalho e para a vida.

Ao mesmo passo que a ideia da criação dos IFs vai ao encontro da formação técnica integral e emancipatória, existe um modelo alternativo de produção agrícola denominado agroecologia que segue sentido alternativo ao agronegócio. Nesse sistema, ocorre a produção de alimentos de maneira ecologicamente sustentável e segura, existindo também a valorização da pessoa que está no campo, pois busca-se sempre o desenvolvimento harmônico do indivíduo com o meio em que está inserido, levando em consideração os aspectos sociais, culturais e também econômicos. (Altieri, 2004).

Podemos notar que tanto a formação preconizada nos IFs quanto o modelo de produção agroecológico possuem semelhanças no que tange a preocupação com a integralidade dos indivíduos. Dentro desse contexto, o que impulsiona o desenvolvimento dessa pesquisa é o seguinte problema: **Quais são as memórias que os estudantes e alguns docentes do curso Técnico em Agricultura possuem em relação à agroecologia e quais relações pode-se estabelecer com os propósitos da Educação Profissional e Tecnológica?**

Nessa conjuntura, desenvolver uma pesquisa com o intuito de resgatar conhecimentos e concepções que indivíduos possuem acerca de determinado assunto, é uma maneira importante de manter viva e dar continuidade àquilo que em outros tempos teve maior relevância ou que marcou um momento específico da história, demonstrando que essa memória tem papel fundamental quando se pretende reestabelecer conceitos ou práticas passadas a uma determinada situação na atualidade (Pinsky *et al.*, 2005).

Estaria em dissonância com o pressuposto citado acima se o autor desse trabalho não tentasse aliar as suas próprias vivências e trajetórias de vida no desenvolvimento dessa pesquisa, pois conforme apresentado na seção anterior, ele sempre esteve imerso no contexto da agricultura familiar, o que contribui para justificar seu interesse pessoal ao abordar o tema em sua dissertação.

Portanto, trazer para o debate a questão das memórias, saberes e entendimentos dos estudantes em relação a agroecologia torna-se relevante pois busca trazer à tona conhecimentos por hora explorados de forma superficial ou mesmo nem abordados no processo formativo destes educandos, visto que, em

pesquisa documental desenvolvida junto aos Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs) dos cursos de Bacharelado em Agronomia, Técnico em Zootecnia, Técnico em Agricultura e Técnico em Agropecuária, que compõe o Eixo de Recursos Naturais foi observado que há pouquíssimas referências ao termo agroecologia, bem como a outras palavras relacionadas à temática sustentabilidade ambiental. Destaca-se que este é o Eixo Tecnológico que possui mais matrículas ativas da instituição, passando dos 30% do total.

Frente a esta breve análise documental pôde-se constatar que os currículos desses cursos não estão totalmente alinhados à legislação que orienta os IFs, pois conforme exposto no Artigo 6º da Lei 11892 de 2008, na Seção que compete às Finalidades e Características dos Institutos Federais, observa-se o teor do inciso IX que traz o seguinte texto: “promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente” (Brasil, 2008 p.4).

Dentro desse contexto, analisando as finalidades que essas instituições se propõem constitucionalmente, nota-se que existe uma lacuna entre os conceitos de formação integral que são preconizados e a maneira, na prática, como acontece o processo de ensino. Esse *gap* entre o que deveria acontecer e o que realmente acontece é o ponto que esse trabalho se desenvolve, buscando entender o porquê isso ocorre, quais são as principais causas responsáveis e tentando propor alternativas viáveis para minimizar esse problema, sobretudo no que corresponde às questões de educação ambiental, formas de produção agrícola e seus impactos socioambientais.

Na perspectiva de produção agrícola sustentável, considerando a produção agroecológica ou ao menos com princípios agroecológicos, é onde o autor dessa pesquisa encontra subsídios para defender seu ponto de vista e elaborar o presente trabalho, pois entende que é apenas dessa maneira, indo de encontro à hegemonia do agronegócio e acreditando em uma agricultura alternativa e menos prejudicial ao meio ambiente que será possível solucionar a crise alimentar de maneira segura e escapar de uma catástrofe ambiental.

Considerando esses aspectos e também a pouca visibilidade que movimentos como a agroecologia possuem no panorama agrícola e no meio acadêmico brasileiro, é que se justifica essa pesquisa, pois esse trabalho corroborará para o resgate dos saberes tradicionais acerca da agroecologia, visando fortalecer e divulgar a ideia de

que existe alternativa diferente para produzir alimentos, de maneira sustentável, tanto ecológica, social e economicamente.

Para tanto, foram delimitados e explorados os seguintes objetivos:

Geral: investigar quais são as memórias que os estudantes e docentes do curso Técnico em Agricultura do IFFar *campus* São Vicente do Sul possuem em relação a agroecologia e quais relações pode-se estabelecer com os propósitos da EPT;

Específicos: registrar as memórias e entendimentos dos estudantes e docentes do curso Técnico em Agricultura em relação a agroecologia; entrevistar docentes em relação aos saberes agroecológicos e a formação dos técnicos em agricultura; e, desenvolver, aplicar e avaliar o Produto Educacional em formato de *podcast*, com vistas à esclarecermos o problema de pesquisa já nominado nesta seção.

1.1 APROXIMAÇÕES SOBRE O TEMA DA PESQUISA

Constitui-se uma prática nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisas em Gestão Educacional, Currículo e Políticas Públicas em EPT (GECPOL) realizar o mapeamento das produções científicas vinculadas ao tema das pesquisas desenvolvidas, conforme as publicações de: Leal e Mariani (2024); Almeida e Mariani (2024), Lena e Ahmad (2024) e do próprio autor, Consentino e Mariani (2024).

Da mesma forma, com o intuito de conhecer quais e quantas pesquisas correlacionadas à temática desse projeto já haviam sido realizadas, no dia 05 de março de 2024 foi realizada uma busca no Catálogo de teses e dissertações da CAPES. Como descritores para a busca foram utilizados os seguintes termos: 1. Memórias Agroecológicas; 2: Memórias Agroecológicas Institutos; 3: Memórias Agroecológicas Estudantes; e 4: Memórias Agroecológicas Educação Profissional, porém apenas com a pesquisa pelo termo “Memórias Agroecológicas” foram contemplados todos os trabalhos analisados, sendo que estes se repetiam nas buscas com os demais descritores.

Na primeira busca direta, sem nenhum filtro e utilizando o descritor “Memórias Agroecológicas”, foram encontrados dezenove (19) trabalhos entre teses e dissertações. Após aplicação de um filtro temporal, onde se considerou apenas as obras realizadas nos últimos cinco (5) anos, o número de trabalhos caiu para treze

(13) títulos, o que representa um número ínfimo frente ao universo de 1.527.713 trabalhos cadastrados no acervo da CAPES na data da pesquisa.

Após a leitura atenta das obras (cinco teses e oito dissertações), no que se refere aos títulos, resumos, palavras-chave e resultados, constatou-se que dois trabalhos têm relação direta com o tema central dessa pesquisa, ou seja, memórias agroecológicas de estudantes, porém apenas um deles investiga o público específico da EPT.

Apenas as obras “Juventudes Camponesas: Práticas e Vivências Agroecológicas no Território da Borborema”, tese de Luana Patricia Costa Silva e “Narrativas e Experiências: A Prática da Extensão Rural Agroecológica no Processo de Formação das Jovens Amazonenses”, esta que é uma dissertação da autora Silvia Machado Citrini.

O primeiro texto teve por objetivo analisar as possibilidades construídas por jovens do Território da Borborema no estado da Paraíba, a partir da participação desses sujeitos no Curso de Residência Agrária, ofertado pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, PRONERA.

O trabalho se desenvolveu através de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, tendo a Pesquisa Participante como base metodológica do estudo, através da prática de observação participante e história oral, aliado a revisão teórica com referenciais acerca de Territórios, Educação do Campo e Agroecologia.

Durante o curso de Residência Agrária foram criados vários projetos com os educandos, em várias dimensões sociais, desde a produtiva/econômica, cultural, ambiental, educativa e política, possibilitando o desenvolvimento de práticas em diversas áreas, como a criação de hortas agroecológicas junto à comunidade e nas escolas bem como ações visando e incentivando a cultura, como os projetos Dança Coletiva e o Ponto de Cultura.

Como um dos resultados obtidos, a autora coloca que a partir das memórias e narrativas dos jovens acerca de suas vivências no contexto agroecológico, entende-se que esse passado e presente em que eles estão inseridos serve para (re) construir suas identidades, dando possibilidades de permanência no campo.

Já a outra pesquisa buscou analisar a interlocução entre narrativas produzidas por cinco jovens estudantes do curso integrado Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) *Campus* Tefé, e suas participações no Projeto de extensão “Mulheres da Floresta”. A metodologia

utilizada foi predominantemente qualitativa, através da Análise de Conteúdo. Foram realizadas entrevistas para buscar acesso às memórias e aos elementos narrativos, por conseguinte, a identificação das experiências pelas jovens nas atividades propostas durante a participação no projeto.

O objetivo geral da pesquisa foi identificar e analisar as narrativas das jovens sobre as experiências de participação no projeto de extensão Mulheres da Floresta, quanto aos específicos foram os seguintes: Conhecer o perfil das jovens estudantes participantes do projeto Mulheres da Floresta, que foram entrevistadas; Identificar e compreender quais são os elementos que compõem as narrativas sobre a experiência de participação das jovens estudantes do curso Técnico em Agropecuária no Projeto Mulheres da Floresta; e Compreender a importância da prática de Extensão e Comunicação Rural na formação das estudantes do curso Técnico em Agropecuária.

A partir das análises das entrevistas com as jovens, foi possível identificar dez elementos narrativos — proximidade da FLONA, dinâmica das águas, emancipação feminina, práxis da exclusão, interação comunitária, laços afetivos e juventude, processo ensino/aprendizagem, atividade de campo, resultados do projeto e agroecologia. Estes elementos serviram como indicadores para a autora no processo de significação e compreensão das experiências advindas da prática extensionista.

Como principais resultados a autora ressalta a importância de atividades como o projeto Mulheres da Floresta para a formação dos estudantes do técnico em agropecuária do IFAM, visto que os estudantes têm a possibilidade de atuar exercendo extensão rural em suas comunidades, complementando seus estudos e fazendo valer uma das prerrogativas dos IFs, que é ajudar a desenvolver e levar tecnologias sustentáveis para a região na qual está inserido.

Também foi destacado a importância do papel feminino e do empoderamento das mulheres na atuação como extensionistas, visto que esse tipo de atividade ainda faz parte de um contexto predominantemente masculino. Ações como esta são importantíssimas para combater o preconceito de gênero e desmistificar diante a sociedade de que existe profissões e/ou atribuições específicas para pessoas de diferentes identificações sexuais.

As demais obras elencadas trabalham a temática “memórias e/ou agroecologia” dentro de outros contextos, porém que possuem bastante afinidade com a temática desta pesquisa. Essas obras foram categorizadas conforme suas semelhanças investigativas nos seguintes eixos: Eixo 1: Agroecologia no contexto dos

camponeses; Eixo 2: Agroecologia no contexto dos assentamentos; Eixo 3: Agroecologia e população quilombola; e Eixo 4: Agroecologia nos povos originários.

Se considerou relevante incorporar essas pesquisas, visto que o desenvolvimento da agroecologia está muito atrelado a movimentos sociais, à luta por maior igualdade no meio rural, ao respeito e valorização aos povos originários bem como pela consideração e utilização dos conhecimentos tradicionais, que são passados através das gerações e constituem uma memória viva daquilo que foi produzido pelos nossos antepassados.

Desta forma, as teses e dissertações que compõe os eixos já nominados estão apresentados na sequência, com uma sucinta descrição das pesquisas, bem como seus principais resultados. Ao final de cada categoria tem um breve parágrafo explicativo com o intuito de situar o leitor a respeito da definição dos termos “camponeses”; “assentados e assentadas”; “quilombolas” e “povos originários”, estes que serviram de base para a categorização dos eixos.

Eixo 1: Agroecologia no contexto dos camponeses: Nesta primeira categoria estão elencados os trabalhos “Cooperação Agroecológica, Natureza e Gente” de autoria de Flavia Donini Rossito e “Memória Biocultural e Agroecologia: Cultivo e a Conservação das Sementes Crioulas” da autora Clara Soares de Freitas Guimarães que estão expostos abaixo.

A primeira obra trata-se de uma tese publicada em 2020, na qual a autora explorou o tema da cooperação agroecológica como uma criação da natureza que foi resgatada pela memória coletiva camponesa. O estudo partiu de uma experiência concreta de resistência camponesa vivenciada por uma comunidade agroflorestal do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) contra as várias faces da acumulação capitalista no litoral norte do Paraná. Foi observado que a implementação do Sistema Agroflorestal se mostrou como alternativa viável para recuperar e proteger a Mata Atlântica, ao mesmo tempo em que se passou a produzir alimentos saudáveis.

Já a segunda pesquisa foi publicada no ano de 2021 e corresponde a uma dissertação que teve por objetivo compreender a relação entre cultura e natureza, expressa no cultivo e na conservação de sementes crioulas por camponeses que praticam agroecologia, sob um olhar da memória biocultural, sendo esta, vista como uma expressão da cultura em interação com a natureza. Foi conduzida com os agricultores e agricultoras participantes da rede de Agroecologia da Zona da Mata de Minas Gerais.

Conforme Oliveira (2018), assim como outros autores, pode-se definir camponeses como as pessoas que estão no meio rural e conforme sua forma de produção que desenvolvem no campo, não estando diretamente atrelada ao modelo capitalista de geração e acumulação de renda, mas sim a um modelo mais voltado ao social, onde o vínculo com a terra é maior que apenas comercial.

Eixo 2: Agroecologia no contexto dos assentamentos: Nessa categoria foram encontrados três (3) trabalhos, conforme estão descritos a seguir:

Título da obra: “Memória dos Movimentos Sociais no Litoral Sul da Bahia: Questões de Agroecologia e Patrimônio Biocultural”. Esta pesquisa é uma tese da autora Marcella Gomez Pereira publicada em 2021 e apresenta os resultados sobre o projeto de pesquisa com o título Memórias Bioculturais: a influência dos movimentos sociais na conservação da biodiversidade, etnodiversidade e agrobiodiversidade da Mata Atlântica, Bahia, Brasil. Neste foram analisadas as memórias de trabalhadores e trabalhadoras rurais de assentamentos da reforma agrária do sul da Bahia, sendo uma das análises referente a valorização do conhecimento tradicional sobre a biodiversidade local por meio da agroecologia.

Título da obra: “Percepção Ambiental e o Manejo da Paisagem por Diferentes Comunidades Indígenas e Rurais da Amazônia Maranhense”. Este trabalho da autora Vivian do Carmo Loch é uma tese publicada em 2020, onde foi analisado como os agricultores e agricultoras da Vila Bom Jesus, que são assentados do Projeto de Assentamento Amazônia, se relacionam com a natureza e os meios produtivos em que estão inseridos, comparando essa forma de relação com outros grupos da região que também utilizam dos recursos naturais para sobrevivência. Destaca-se que os “outros grupos da região” são comunidades quilombolas e povos originários, por esse motivo a pesquisa se repete em mais de um eixo analisado.

Título da obra: “Memórias e Saberes em Referências Socioculturais na Transição Agroecológica do Assentamento de Reforma Agrária Oziel Alves III, Planaltina, Distrito Federal”. Esta pesquisa é uma dissertação de autoria de Juliana Ferreira de Assis e foi publicada em 2022, a obra teve por objetivo registrar as referências socioculturais manifestadas de modo articulado nos relatos de assentados e assentadas da reforma agrária em suas práticas agroecológicas e nas paisagens manejadas em suas unidades produtivas. Foi desenvolvida junto a três famílias assentadas que fazem parte da Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu.

Como resultados se evidenciou que aspectos fundamentais da formação de um território em transição agroecológica perpassam, junto a viabilização produtiva e de renda no campo para as famílias agricultoras, além do fortalecimento da organização comunitária em suas diversas formas e a construção de uma nova identidade camponesa a partir das referências socioculturais que carregam em sua história.

Assentados e assentadas são agricultores e agricultoras que não possuem condições de adquirir um imóvel rural, portanto recebem uma parcela de terra, seja através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), seja por planos implementados por instituições governamentais e reconhecidos pelo INCRA. Essas áreas de terra ou também denominados lotes devem ser administradas e cultivadas pelas famílias que o recebem, com o intuito de garantir seu sustento digno, através da produção para subsistência e também da comercialização dos produtos excedentes.

Eixo 3: Agroecologia e a população quilombola: Foram encontradas quatro (4) pesquisas que abordam essas comunidades e suas relações com a agroecologia e/ou memórias agroecológicas, são elas:

Título da obra: “Identidade Negra, Território e Memória: A História de Vida de Luíza Cavalcante, Sítio Ágatha – PE”. Esta é uma dissertação de Rosane Suellen de Oliveira publicada em 2021, nessa pesquisa a autora buscou compreender os processos de formação da identidade negra na história de vida de uma agricultora ecológica e educadora antirracista do sítio Ágatha, em Tracunhaém – Pernambuco, PE. Conforme a autora, essa identidade é formada a partir de vivências familiares e comunitárias nos territórios em que morou, marcados pela oralidade e memória ancestral bem como pelas lutas e movimentos pelo direito à terra.

Título da obra: “Memória Social, Agroecologia e Comunidades Quilombolas: Uma Análise a Partir da Experiência do Quilombo Rincão dos Negros - Rio Pardo/RS”. Nesta que também é uma dissertação, porém publicada em 2022, a autora Alessandra de Quadros se debruça a investigar o significado histórico e cultural da memória social nas práticas agroecológicas de uma comunidade quilombola do estado do Rio Grande do Sul, partindo do pressuposto de que a agroecologia implica dinâmicas de construção e reconstrução da memória social.

Título da obra: “Percepção Ambiental e o Manejo da Paisagem por Diferentes Comunidades Indígenas e Rurais da Amazônia Maranhense”. Essa é a mesma

pesquisa da autora Vivian do Carmo Loch já descrita anteriormente, porém ela também se encaixa nesse eixo, pois a pesquisadora buscou entender de que maneira os quilombolas realocados das Agrovilas de Alcântara utilizam a terra e os recursos naturais, comparando essa forma de utilização a outros grupos que também fazem uso desses recursos, na região da Amazônia maranhense.

Título da obra: “Interlocução de Saberes na Construção do Plano de Etnodesenvolvimento do Território Quilombola do Gurutuba, Norte de Minas Gerais”. Mais uma dissertação publicada no ano de 2020, dessa vez com autoria de um pesquisador.

Nesse estudo, Tiago Salles Teixeira teve como principal objetivo mapear as áreas que eram da comunidade quilombola do Gurutuba, no norte de Minas Gerais, cujo a maioria do território foi invadido e apossado, após o advento de políticas “desenvolvimentistas” na região. Para obter êxito nesse mapeamento foram utilizadas diversas ferramentas, desde cartografia como também memória coletiva local. Através dos resultados foi possível concluir que mesmo sofrendo sucessivas pressões os gurutubanos se mostraram como uma comunidade muito resiliente, mantendo bem vivos seus hábitos, costumes e cultura.

O termo quilombola faz referência às pessoas que são descendentes e remanescentes de comunidades formadas nos quilombos durante o período escravagista brasileiro. Os quilombos foram os locais onde os escravos, que conseguiam fugir, se refugiavam e formavam núcleos de resistência.

Eixo 4: Agroecologia nos povos originários: Nesse eixo foi encontrado apenas a pesquisa “Percepção Ambiental e o Manejo da Paisagem por Diferentes Comunidades Indígenas e Rurais da Amazônia Maranhense”. Como descrito anteriormente, essa tese buscou investigar a maneira como diferentes grupos utilizam a terra e os recursos naturais da região, sendo um desses grupos a comunidade indígena da aldeia Awa.

Povos originários são aquelas populações que se tornaram os primeiros habitantes de um território, possuindo organização social e cultura exclusivas ao seu grupo. No Brasil esses cidadãos também são chamados de indígenas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) esses povos atualmente representam apenas 0,4% da população de nosso país.

As demais obras não se enquadram em nenhum dos eixos definidos, porém versam sobre outros aspectos relacionados à agroecologia e/ou memórias, são elas:

Título da obra: “A busca da construção da agroecologia e revalorização da Comunidade do Guaraguaçu: uma ênfase a partir da segurança alimentar”. Nessa dissertação publicada em 2019, a autora Thais Bordenowski da Silva aborda sobre a temática da segurança alimentar e os saberes locais da comunidade do Guaraguaçu no Paraná. A pesquisa se propôs a identificar possíveis potencialidades e limitações em relação à segurança alimentar dos agricultores familiares por intermédio de práticas agroecológicas na construção da soberania alimentar.

Título da obra: “Mulheres Velhas/Envelhecidas em Discurso: da Invisibilidade no Espaço do Campo Rumo à Marcha das Margaridas na Cidade”, tese publicada também no ano de 2019 pela autora Wanderléia da Consolação Paiva.

Com esse estudo a autora buscou compreender como são produzidos os efeitos de sentidos sobre as mulheres velhas/envelhecidas do campo, representantes da agricultura familiar e da agroecologia. Para essa análise foi utilizado como base o material “Margaridas seguem em Marcha por desenvolvimento sustentável com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade”, contido no Caderno de Textos para Estudos e Debates: Marcha das Margaridas.

Título da obra: “Paisagem Cultural e Rural de Carrancas – Minas Gerais, (MG)”, pesquisa da autora Luciana Pierangeli Vilela Costa que serviu para sua dissertação no ano de 2020. O objetivo principal desse estudo foi identificar por meio dos elementos da arquitetura rural, a paisagem cultural de quatro fazendas históricas representativas no município de Carrancas em MG. Os elementos analisados pela autora foram os seguintes: Habitação Rural, Arquitetura Agroecológicas, Arquitetura Agrícola, Patrimônio Cultural, Infraestrutura física, bem como os costumes, histórias e tradições.

Como principais resultados se observou que a fazenda que mais se modificou ao longo do tempo foi a que inseriu a agricultura industrial, mudando completamente seu modo de produção e interação com a natureza, outras duas fazendas não tiveram mudanças significativas, pois mantiveram seus meios produtivos ainda semelhante como eram no passado, enquanto a outra delas transformou-se em um hotel-fazenda, tendo como sua maior fonte de renda o turismo, porém manteve-se sua arquitetura original.

Após a realização desta pesquisa bibliográfica, observou-se que existem poucos trabalhos que abordam juntas as duas temáticas (memórias e agroecologia), ainda mais se limitarmos essa busca às “memórias agroecológicas de estudantes”,

onde localizamos duas obras, sendo que a segunda, a qual trabalha com o público da EPT tem seu foco nas ações extensionistas e menciona poucos aspectos sobre memórias agroecológicas.

Os dados apresentados mostram que a área desta pesquisa ainda é pouco explorada no meio acadêmico, o que abre espaço para o autor conduzir seu projeto e torna-lo, quem sabe, um dos percursos nesse contexto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo está dedicado a apresentar a pesquisa teórica realizada acerca de três temas que são os pilares desse trabalho, inicialmente é feita uma reflexão à luz dos principais autores sobre as relações entre educação, trabalho e os institutos federais, na sequência são trazidos alguns conceitos a respeito da temática agroecologia, bem como sua atuação e organização no contexto produtivo do país. Por fim, faz-se algumas conceituações e inter-relações entre memória e história oral.

2.1 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, TRABALHO E OS INSTITUTOS FEDERAIS

Entender sobre educação e trabalho no contexto da Educação Profissional e Tecnológica é imprescindível para potencializar a formação social, crítica e emancipatória do ser humano, para tanto se faz necessário um resgate histórico amplo, a fim de trazer à tona questões importantes que causam impacto nas propostas educacionais da atualidade.

Assim, recorre-se a história para verificar que o acesso à educação era direito apenas dos detentores do poder econômico e político. Desde os primórdios, existe a distinção entre as pessoas detentoras desse poder, e aquelas que são submissas a ele.

Posteriormente, na idade média, o poder está muito atrelado à igreja e ao império, pois eram os detentores de toda riqueza e saberes, nos quais era permitido acesso apenas aqueles que fossem convenientes a seus interesses. No século XVIII com advento da revolução industrial na Inglaterra e da Revolução Francesa, o poder da igreja e do império passou para a burguesia, porém os explorados continuaram os mesmos.

Segundo Antunes (2009), com o advento da Revolução Francesa se intensificou o processo de exploração do trabalho, pois ocorreu um acúmulo de pessoas nos centros urbanos, advindos da necessidade de mão-de-obra para produção nas fábricas. Essa mão-de-obra era oferecida pelos cidadãos pobres que trocavam sua força de trabalho por uma recompensa em dinheiro. Constituindo-se numa relação muito desigual entre as partes, visto que os trabalhadores recebiam

baixas remunerações e não tinham condições adequadas de trabalho. Enquanto isso, os burgueses se beneficiavam, acumulando capital com a exploração dessa mão-de-obra barata. Esse modelo de produção e distribuição de renda, conhecido como capitalismo, espalhou-se em grande parte do mundo, incluindo o Brasil, preservando em sua essência a distinção de classes sociais e a exploração dos pobres pela elite.

No início do século XX, o fordismo e o taylorismo marcam explicitamente o modelo de produção que está consolidado na sociedade, tendo como características principais a padronização da produção, tempo para se produzir e a grande especialização da mão-de-obra, com a figura do funcionário, onde este realiza apenas uma atividade repetitiva. Essa forma de produção acaba por distanciar e alienar o trabalhador daquilo que ele próprio produz, equiparando seu trabalho como a de uma máquina que está a serviço de seu proprietário, não levando em consideração as peculiaridades da formação humana.

Dentro dessa perspectiva, Antunes (2004) destaca que em nosso país, que vem de uma forte matriz escravocrata, o capitalismo se encaixou bem para manter a hegemonia dos dominantes, principalmente após a “abolição da escravidão”, quando um enorme contingente de pessoas ficou “livre” e tiveram que vender sua mão-de-obra praticamente de graça para poder sobreviver.

Conforme Saviani (2007), se olharmos para o passado com o intuito de analisar como ocorreu a evolução da educação no Brasil, vamos notar que ela sempre esteve alinhada ao modelo de divisão de classes sociais, existindo uma dualidade na educação, sendo uma propedêutica, de formação universal e crítica, porém destinada apenas a elite da sociedade e outra oferecida para o restante da população. Essa destinada à classe trabalhadora sempre se mostrou fragmentada e instrumentalizada, não sendo capaz de proporcionar aos indivíduos um desenvolvimento integral como cidadãos, pois sempre foi modelada conforme os interesses do capital.

Tal análise quanto ao envolvimento da classe trabalhadora na luta pelo direito à educação também é realizada por Marise Ramos, onde a autora traz que, não obstante, sempre esteve marcado pela dualidade social que se expressou na delimitação do acesso dessa classe aos níveis educacionais superiores ou a processos educativos de melhor qualidade (Ramos, 2017).

Nesse contexto de classe dominante e classe dominada, desenvolveu-se dois tipos de educação, àquela voltada para o conhecimento amplo, crítico e politizado que

estava disponível apenas para os filhos da elite e outra que era voltada exclusivamente a aprender ofícios, sendo destinada aos filhos e filhas dos trabalhadores, pois estes deveriam aprender o necessário para continuarem trabalhando no chão de fábrica. Essa dualidade na educação ocasionou um processo de alienação das grandes massas populacionais, tornando-as manipuláveis conforme os interesses da elite, acarretando um enorme impacto negativo na formação desses jovens, visto que afasta completamente o sujeito de uma formação integral como pessoa membro de uma sociedade.

Atualmente o capitalismo está presente em praticamente todas as áreas produtivas e sociais, não apenas nas relações de consumo do meio urbano, como também no meio rural. Nas últimas décadas, novas tecnologias desenvolvidas para a agricultura ocasionaram mudanças radicais na forma de produzir e se relacionar no campo, o que impactou diretamente na vida das pessoas e também aumentou exponencialmente os danos causados ao meio ambiente.

Para Santilli (2009), foi nos anos posteriores a Segunda Guerra Mundial que iniciou o processo de modernização da agricultura. Tecnologias desenvolvidas em prol da guerra, desde pesquisas com moléculas usadas como armas químicas, quanto fábricas para produção de armas e carros de combate, foram aproveitadas para o desenvolvimento de agroquímicos e máquinas em geral para a agricultura.

De outro modo, ao se observar o desenvolvimento da produção agrícola em nosso país também notamos que essa atividade, em quase sua totalidade, está pautada no agronegócio. Essa forma de gerir os meios de produção nas propriedades rurais se desenvolveu principalmente a partir da década de 1970 com a introdução da Revolução Verde, que nada mais foi que um pacote tecnológico desenvolvido por multinacionais para modernizar e “melhorar” os sistemas produtivos agrícolas (Santilli, 2009).

Também descrito por Santilli (2009), ao passo que a Revolução Verde se instalou e foi se consolidando como forma dominante de produção, se tornou necessário o desenvolvimento de mão-de-obra qualificada para operacionalizar e difundir esse conjunto de técnicas junto às propriedades. A partir dessa perspectiva, a educação brasileira foi articulada para atender essa nova demanda do capital, sobretudo aquele de interesse internacional. Houve, nessa época acordos entre o Ministério da Educação e Cultura – MEC e Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional – USAID (Santilli, 2009).

Além do enorme problema ambiental gerado por essa nova concepção, também pode-se observar que o aumento na produção de alimentos não serviu para diminuir a fome no mundo, ao contrário, aumentou as desigualdades sociais e possibilitou o acúmulo de terras e bens nas mãos de poucas pessoas, enquanto um enorme contingente de produtores e produtoras se viram marginalizados ao processo produtivo e tiveram que encontrar outras maneiras de sobrevivência, abandonando o campo e migrando para os grandes centros urbanos, ocasionando o êxodo rural e o aumento descontrolado das comunidades periféricas nesses locais.

Com o intuito de superar essa educação tecnicista e utilitarista, é que autores como Gaudêncio Frigotto, Marise Ramos, Maria Ciavatta, entre outros, defendem que a educação deve ser integral, abrangendo os diversos aspectos da vida humana e que prepare o indivíduo para o mundo do trabalho e seus mais diversos desafios, tornando-o capaz de decidir sobre os rumos de sua vida. Dentro dessa concepção de formação integrada, é que foram criados os IFs, com uma proposta inovadora para formar profissionais para o mundo do trabalho e para a vivência em sociedade, de forma integral e crítica.

Indo ao encontro dessa discussão, Eliezer Pacheco, em entrevista concedida aos professores Antônio Righes e Rosane Sarturi, cita que em toda nossa história como nação houve uma dualidade no ensino, sendo apenas no início desse século, a partir do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva que se passou a pensar formas de superar essa dicotomia na educação. A maior expressão desse movimento foi o sancionamento da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008 que possibilitou a criação dos Institutos Federais de Ensino, tendo como objetivo principal a formação integral dos estudantes, proporcionando um ensino amplo, crítico e libertador, sobretudo para os jovens e adultos da classe trabalhadora, para os quais historicamente esse tipo de educação sempre foi negado (Righes e Sarturi, 2021).

Além da criação dos institutos, nesse período houve um grande investimento de recursos para a educação em geral, tanto para pesquisa, infraestrutura das unidades existentes e criação de novos polos de institutos e universidades federais ao longo do país, bem como a abertura de inúmeros concursos públicos para nomear novos servidores e servidoras para atuarem nesses locais (Righes e Sarturi, 2021).

Silva e Pacheco (2022) citam que os institutos federais já com quase 15 anos de existência são reconhecidos por ser excelência em educação, tanto em nível médio e técnico como também em cursos superiores, porém destaca que um grande

desafio é manter viva a essência para a qual essas instituições foram pensadas, ou seja, de formar os estudantes em sua plenitude, tanto para a vida profissional como também para o mundo. Assim como o autor descreve, essa dificuldade existe principalmente porque os profissionais que dão corpo e voz aos IFs vêm, em sua grande maioria, de universidades, onde a formação ainda é muito academicista, diferente da proposta de formação integral, pensada para os IFs.

Isso explica em grande parte o porquê de praticamente não ser abordado a temática agroecologia nos currículos dos cursos do Eixo de Recursos Naturais, pois como já apontado, a forma de produção agroecológica não se encaixa nos interesses do agronegócio e, infelizmente, não é bem vista por grande parte da comunidade acadêmica das ciências agrárias, visto que respeita e utiliza os saberes populares, não ficando limitada apenas ao saber científico.

Trazido por Caetano (2023), nos últimos anos, especificamente entre 2016 a 2022, outro desafio que a educação e áreas afins enfrentaram, foi o modelo de gestão política que passou a governar nosso país, no qual evidenciou claramente a intensão de desmontar e desarticular a educação pública, seja pelos consecutivos cortes orçamentários, seja pela desvalorização e desmerecimento da ciência.

Não obstante a isso, a proposta para a educação desse novo “des”governo ocasionou um retrocesso nos modelos de ensino já estabelecidos, tendo como programas educacionais o aumento de escolas civis-militares, bem como a reforma do ensino médio, onde tirou-se a obrigatoriedade de disciplinas como filosofia e sociologia, as quais são chaves para um desenvolvimento crítico e político dos estudantes. Felizmente esse período chegou ao fim, e hoje podemos novamente ter esperanças para uma educação de qualidade, justa e para todos e todas (Caetano, 2023).

2.2 AGROECOLOGIA, EXPLORANDO ALGUMAS ABORDAGENS

Conforme Gliessman (2000), o termo agroecologia surgiu por volta da década de 1930, podendo ser considerado como um sinônimo de ecologia aplicada à agricultura, contudo ao passar dos anos observou-se um aprofundamento da divisão do trabalho na sociedade capitalista, incluindo o meio rural, fazendo com que ecologia e agricultura caminhassem separadas, essa ruptura ocorreu sobretudo após o fenômeno denominado como Revolução Verde.

Ainda que no princípio a agroecologia tenha sido concebida como uma disciplina específica que se ocupava em estudar os agroecossistemas (sistema agrícola baseado na diversidade local) nas décadas seguintes outras áreas do conhecimento foram se agregando a ela, como o ambientalismo, a sociologia, a antropologia, a geografia e os estudos de sistemas tradicionais de produção, também incorporando e valorizando técnicas e saberes dos povos locais (Guhur e Toná, 2012).

O termo agroecologia se popularizou nos anos 1980, principalmente a partir dos trabalhos de Miguel Altieri e, posteriormente, de Stephen Gliessman, pesquisadores de universidades estadunidenses e atualmente considerados os principais expoentes da denominada “vertente americana” da agroecologia (Guhur e Toná, 2012).

Também descrito por Guhur e Toná (2012), a outra principal vertente da agroecologia é a que se desenvolveu na Europa, mais especificamente na Andaluzia, Espanha, em meados da década de 1980, na “escola europeia” como é chamada, o conceito englobou um viés mais sociológico. Na concepção dessa escola, a agroecologia surgiu a partir da interação entre as disciplinas científicas (naturais e sociais) e as próprias comunidades rurais, sobretudo as da América Latina. Seus principais expoentes são Eduardo Sevilla-Guzmán e Manuel González de Molina, ambos ligados ao Instituto de Sociología y Estudios Campesinos (ISEC), da Universidade de Córdoba, Espanha.

Torna-se importante ressaltar a diferença entre agroecologia e agricultura orgânica, pois é comum para muitas pessoas acharem que ambos os termos são sinônimos, quando, na verdade são terminologias distintas. Mattei e Michellon (2021), trazem a seguinte definição para agricultura orgânica:

[...]é uma atividade de produção que procura manter a saúde do solo, dos ecossistemas e das pessoas, a partir da não utilização de agrotóxicos e métodos agressivos para solo, plantas e animais. A história da agricultura orgânica está ligada ao pesquisador inglês Albert Howard, na década de 1920. No entanto, entre as décadas de 1930 e 1970, esta prática espalhou-se por vários países, até que os produtos orgânicos começaram a ser comercializados em escala mundial, a partir dos anos 1990 (Mattei e Michellon, 2021, p. 2).

Quanto para agroecologia, Miguel Altieri, em seu livro *A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável*, a define da seguinte forma:

A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e

socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. (Altieri, 2004, p. 23).

Além das definições que os principais autores trazem, também é necessário destacar as condições de surgimento da agroecologia. Guhur e Toná (2012), ressaltam a importância de ter presente que a questão ecológica envolve relevantes questões sociais, como a luta de classes no meio rural, pois após a Revolução Verde, tornou-se cada vez mais difícil a permanência das camponesas e camponeses em suas terras, visto que o capitalismo/agronegócio, funcionou e funciona até hoje, como um mecanismo de poder e dominação que está disponível para poucos, seja no que tange à distribuição de terras e também no domínio de tecnologias e patentes voltadas à agricultura.

É dentro desse viés de luta e resistência contra o agronegócio que se moldaram os conceitos da agroecologia ao redor do mundo, sendo construída através da interação e sistematização de várias áreas do conhecimento e tendo como enfoque principal a valorização e o resgate dos saberes tradicionais, visto que muitos desses saberes se perderam, pois foram menosprezados pelo modelo padronizado e artificializado de agricultura que a Revolução Verde impôs.

No contexto nacional, o primeiro movimento que foi de encontro à Revolução Verde, denominou-se “agricultura alternativa”, tendo início no fim da década de 1970 e estendendo-se até meados de 1980, porém ficou restrito a um pequeno grupo de intelectuais, na sua maioria profissionais das ciências agrárias. Desse período inicial destacam-se alguns nomes, como José Lutzenberger, Adilson Paschoal, Ana Primavesi, entre outros, cujas obras deixadas permanecem até hoje como referência para a agroecologia nos trópicos (Guhur e Toná, 2012).

O termo agroecologia, no Brasil, passou a ser utilizado a partir do ano de 1989, após a publicação do livro *Agroecologia: As Bases Científicas da Agricultura Alternativa*, de Miguel Altieri (1989). A partir do ano seguinte, principalmente através das Organizações não Governamentais (ONGs) e de movimentos populares do campo, o debate agroecológico ganhou maior visibilidade no contexto social.

Destacam-se aqui alguns momentos que marcaram essas conquistas: a Jornada de Agroecologia, realizada anualmente no Paraná desde 2002; a campanha “As sementes são patrimônios da humanidade” em 2003; e também em novembro do

mesmo ano, o I Congresso Nacional de Agroecologia, realizado em Porto Alegre, RS, este que vem acontecendo anualmente desde então, ainda em 2002 ocorreu o I Encontro Nacional de Agroecologia, no Rio de Janeiro, que marcou a tentativa de articulação dos movimentos ligados à agroecologia em nível nacional. A partir desses últimos dois eventos foram criadas duas entidades de abrangência nacional, sendo: a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), fundada em 2002, e a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), fundada em 2004. (Guhur e Toná, 2012).

A ANA consiste em um espaço de articulação e convergência entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira que estejam engajados na promoção da agroecologia e do fortalecimento da produção familiar a partir de alternativas sustentáveis para desenvolver o meio rural, atualmente a entidade articula vinte e três redes estaduais e regionais, que reúnem centenas de grupos, associações e ONGs em todo o país, além de quinze movimentos sociais com abrangência nacional (ANA, 2021).

Suas ações estão divididas em três frentes, sendo que a primeira delas consiste em articular as iniciativas realizadas pelas organizações que a integram, em seus programas de desenvolvimento local/territorial, promovendo trocas entre elas e fomentando a reflexão coletiva sobre as lições dela extraídas. A partir dessas lições inicia-se a segunda frente de ação, pois através da prática de trocas de experiências e de debates, são identificados gargalos e desafios para o desenvolvimento da agroecologia e elaboradas propostas para a criação e o aprimoramento de políticas públicas visando seu desenvolvimento.

Esse esforço tem fortalecido a ANA como importante ator político representante do campo agroecológico, legitimado para propor e negociar o aprimoramento de políticas junto ao governo. A terceira frente de ação se refere ao diálogo com a sociedade, que busca dar visibilidade à realidade da agricultura familiar e às propostas defendidas pelo campo agroecológico e, assim, estimular uma atitude proativa em defesa dessa causa (ANA, 2021).

Nota-se, principalmente nos últimos anos que a ANA tem estabelecido e estreitado relações de parceria com outras redes e fóruns que atuam em áreas com ligação com a agroecologia, essas parcerias se intensificaram a partir da realização do Encontro Nacional “Diálogos e Convergências”, realizado em Salvador, Bahia, BA, em 2011. Essa aproximação tem sido eficaz na adesão das redes parceiras às propostas e bandeiras do campo agroecológico.

Além dessas parcerias, a ANA realiza um relevante trabalho de promover espaços de diálogo entre governo e sociedade, destacando a atuação na Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO), no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) e no Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (CONDRAF), até 2019, pois esses espaços foram extintos pelo governo que esteve no poder entre os anos de 2019 a 2022. Após esse retrocesso, felizmente no ano de 2023, esses órgãos foram recriados, bem como a retomada da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, no dia 28/06, após assinatura da revisão do decreto 7.794/2012, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (ANA, 2021).

Na região do sul do Brasil existe a Rede Ecovida de agroecologia, sendo um órgão também vinculado à ANA, sua área de abrangência são os estados do Paraná, PR, Santa Catarina, SC, e Rio Grande do Sul, RS. A Rede Ecovida teve início a partir de iniciativas de ONGs e 11 organizações de agricultores/as. Sua formalização oficial como entidade data de 1998. Atualmente é composta por 34 núcleos regionais, abrangendo cerca de 352 municípios com, em torno de 436 grupos de agricultores/as, o que envolve aproximadamente 2848 famílias, além de 20 ONGs. A Rede tem um funcionamento horizontal e descentralizado, estando baseado na organização das famílias em grupos informais, associações ou cooperativas. Essas associações se articulam com demais associações ou cooperativas de consumidores, ONGs e outras instituições, formando um Núcleo Regional, sendo a soma desses núcleos, (nos estados do RS, SC e PR) que compõe a Rede Ecovida de Agroecologia (Rede Ecovida, 2025).

A Rede Ecovida é vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, MAPA, e possui o caráter de atuar como reguladora e certificadora da produção orgânica ou agroecológica, pelo método participativo, ou seja, onde cada produtor ou produtora fica responsável de fiscalizar a produção dos outros membros de sua associação, através de visitas periódicas nas propriedades. Cabe ressaltar que essa metodologia requer comprometimento e responsabilidade de todos/as, pois caso alguém esteja em desconformidade na sua propriedade, todo o grupo é penalizado.

Além das visitas/reuniões que os membros realizam dentro de cada associação, também são realizados encontros mais amplos para debater e trocar experiências sobre agroecologia, sendo as plenárias de núcleos, plenárias estaduais,

plenária geral e encontro ampliado, este último se realiza a cada dois anos e reúne um maior número de pessoas (Rede Ecovida, 2023).

2.3 CONCEITUAÇÕES E INTER-RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E A HISTÓRIA ORAL

O conceito de memórias é algo amplo e dependendo da condição em que é pesquisado possui diversas definições, indo da neurociência, com explicações bioquímicas de como elas se formam no cérebro até estudos das memórias pelas ciências sociais, como antropologia, sociologia, psicologia, etc. estas tratam do contexto social e cultural da formação das memórias, sejam elas individuais ou coletivas.

Para Izquierdo (2018) a memória se desenvolve basicamente da mesma maneira em todos os animais, incluindo os humanos, onde complexos mecanismos bioquímicos ocorrem nos neurônios, mais especificamente no arranjo de suas sinapses com outros neurônios, nesse processo atuam estímulos internos e externos aos indivíduos.

O mesmo autor traz que existem três formas de a memória atuar: memória rápida ou de trabalho, que serve para possibilitar atividades cotidianas do dia-a-dia, como o ato de ler, por exemplo; a memória de média duração que, em humanos corresponde de minutos a poucas horas; e a memória de longa duração, esta que pode acompanharmos durante anos, ou mesmo boa parte da vida. Destaca-se que esta última normalmente está carregada de forte conteúdo emocional, seja no momento de sua formação no cérebro, seja em sua externalização (Izquierdo, 2018).

Nos afastando do conceito bioquímico da formação de memórias, encontramos autores como, Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Verena Alberti, por exemplo, que abordam o tema a partir de vieses sociológicos, antropológicos e psicológicos, destacando o contexto social, econômico e político que os indivíduos se encontram e como isso afeta na formação, perpetuação e também modelagem da memória.

Maurice Halbwachs coloca que a formação de memórias não é um processo individual, mas sim uma formação social que os indivíduos constroem a partir de suas interações familiares, crenças religiosas, ambiente escolar e demais instituições que fornecem as molduras sociais que estruturam e dão rumos na formação das memórias (Halbwachs, 1990).

Nessa abordagem, o autor defende que cada indivíduo não lembra isoladamente sobre os fatos, mas sim reflete uma perspectiva a partir de uma memória coletiva que está difundida com o grupo social ao qual faz parte, fazendo com que a perpetuação ou esquecimento dessas memórias esteja fortemente atrelada às crenças e valores que tal grupo compartilha (Halbwachs, 1990).

Halbwachs também conceituou as diferenças entre memória e história, sendo a memória um processo dinâmico que está em constante reconstrução e reorganização devido as influências do meio social, a história, por outro lado, procura reconstruir o passado de maneira sistemática e objetiva (Halbwachs, 1990).

Já Michael Pollak trouxe um conceito de memória que explora a relação de como as memórias individuais dos sujeitos e as memórias coletivas que esses indivíduos constroem juntos se inter-relacionam e avançam dentro de uma sociedade. Para esse autor a memória não é apenas uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado, mas constitui-se também em tentativas mais ou menos conscientes de pertencimento e fortalecimento da coesão dos grupos sociais que estão inseridos (Pollak, 1992).

Nesse sentido ao fazermos uma pesquisa com relatos de indivíduos e suas memórias acerca de determinado assunto se torna necessário lançar mão de uma metodologia adequada a essa finalidade, bem como conceituar tais métodos. Dessa maneira Pinsky *et al.*, (2005) expõem que a História Oral se configura como uma boa alternativa metodológica para realizar tal trabalho, sendo uma fonte interessante para auxiliar no estudo da história contemporânea.

Os mesmos autores destacam que a História Oral é essencialmente uma metodologia interdisciplinar, pois se utiliza de diversas disciplinas das Ciências Humanas, como Antropologia, Sociologia, História e Psicologia, por exemplo, podendo ser aplicada nas mais variadas áreas do conhecimento (Pinsky *et al.*, 2005).

Já para Bosi (1994), a história oral se configura como uma forma de acessar os saberes e percepções daquelas pessoas que viveram em outra época e que, mesmo sem deixar legados escritos, guardam consigo uma vasta riqueza de experiências, símbolos e memórias. A escuta atenta dessas vozes torna-se uma forma consciente de resgatar a história vivida, especialmente pelas classes sociais mais populares.

A autora também defende que a memória pessoal é uma fonte legítima do conhecimento devido estar carregada de significados sociais e afetivos, onde ela

considera as experiências de vida como sendo a própria história, principalmente às de pessoas idosas.

Devido a esse leque de abrangência e possibilidades de investigações desse conceito e também metodologia, tornou-se possível o desenvolvimento da presente pesquisa, que buscou relacionar conhecimentos que indivíduos possuem sobre agroecologia à forma como o tema é trabalhado em uma instituição de ensino, correlacionando essas duas abordagens aos propósitos da EPT.

No livro *Fontes Históricas*, mais precisamente no capítulo “Histórias dentro da História”, a historiadora Verena Alberti (2005) aborda com mais especificidade sobre o desenvolvimento da História Oral no século XX, defendendo essa metodologia como uma fonte legítima para a realização de pesquisas com o intuito de compreender o passado.

A autora descreve que essa maneira de investigar a história não é algo novo, alguns historiadores na antiguidade já utilizavam esse procedimento para descrever acontecimentos importantes de suas épocas, porém a História Oral “moderna” tem como precursores os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores poloneses que publicaram histórias de vidas de imigrantes do seu país de origem para os Estados Unidos da América (Alberti, 2005).

Estas pesquisas foram consideradas muito inovadoras para época, pois os autores deveriam sair das bibliotecas e largar de mão metodologias convencionais de coleta de dados e ir “a campo” em busca de relatos orais para compor suas fontes. No ano de 1948 foi inventado o gravador a fita que culminou com o “marco inicial” da História Oral “moderna” e também a criação, no ano seguinte, do programa de História oral da Universidade de Columbia em Nova York (Alberti, 2005).

Nas décadas de 50 e 60, a história oral teve uma significativa alavancagem, principalmente nos Estados Unidos e na Europa estavam sendo realizados diversos trabalhos com essa metodologia, contudo destaca-se que a maioria dessas pesquisas e coletas de relatos estavam dedicadas a investigar as memórias de pessoas que tiveram notoriedade pública em seus países (Pinsky *et al.*, 2005).

Os mesmos autores colocam que nos anos seguintes a metodologia da memória oral também passou a ser utilizada para investigar pessoas “comuns”, as quais não eram personalidades públicas e até então não tinham possibilidades de expressar suas formas de ver o mundo. Esse movimento ficou conhecido como

história oral “militante” e seu principal intuito era opor-se à “história das elites e dos vencedores” (Pinsky *et al.*, 2005).

Verena Alberti também destaca que a possibilidade dessas pessoas “comuns” terem a oportunidade de contar seus relatos e histórias de vida foi um avanço inegável no campo da história oral, porém essa nova abordagem sofreu bastante resistência dentro das Ciências Humanas, passando a ter maior reconhecimento e credibilidade apenas depois de um amplo movimento de reformulação dessas ciências, onde a comunidade científica passou a reconhecer que existem “múltiplas histórias”, ao invés de uma “única história ou história nacional” (Alberti, 2005).

No Brasil, considera-se o ano de 1975 como marco do início da História oral, sendo realizado o primeiro curso nacional de história oral. Em decorrência desse curso, ainda no mesmo ano teve início das coletas das primeiras entrevistas do Programa de História Oral, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Esse programa tinha o intuito de estudar o percurso da elite brasileira desde a década de 30 até o momento atual (1975) (Pinsky *et al.*, 2005).

Também na década de 70 teve início a um movimento de tentar sistematizar e definir padrões metodológicos à história oral, principalmente nos Estados Unidos foram lançados alguns manuais com o intuito de orientar como realizar esses procedimentos, assim como na Itália e na Alemanha se iniciaram debates com reflexões mais metodológicas para o campo da história oral. Nesse período, concomitantemente, teve início a encontros internacionais para discutir e trocar experiências sobre a temática (Pinsky *et al.*, 2005).

Assim como em outras partes do mundo, no Brasil, mais especificamente a partir da década de 80, também começaram a se formar núcleos de pesquisa e programas de história oral voltados a investigar diversas áreas do conhecimento. Um levantamento realizado pelo CPDOC entre 1988 1989, publicado junto ao seu manual de história oral, mostrou que já havia 21 instituições de pesquisa que se dedicavam ao uso de História oral em dez estados brasileiros, incluindo o Rio Grande do Sul. Em 1994 durante o II Encontro Nacional de História Oral, foi criada a associação brasileira de História oral (ABHO) (Pinsky *et al.*, 2005).

Após esse breve apanhado sobre o desenvolvimento da história oral no mundo e no Brasil à luz dos conceitos e estudos de Verena Alberti, destacamos um ponto que a autora enfatiza que são os equívocos que devem ser evitados pelas pessoas que

se utilizam de história oral em suas pesquisas, entre eles se destaca que os pesquisadores não devem considerar o relato obtido a partir da História oral já como a própria “história”, mas sim uma fonte histórica, e como toda fonte histórica, ela necessita ser analisada e interpretada sob a luz de uma metodologia definida (Alberti, 2005).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, inicialmente é descrito o que é metodologia em pesquisa científica sob a visão de alguns autores que são referência no tema, em seguida é feita a descrição do tipo de pesquisa que foi adotada para conduzir esse trabalho, a identificação do local e do público-alvo, apresentação dos instrumentos de coleta de dados. Ao final do capítulo constam os aspectos éticos relacionados ao trabalho e, por fim, o produto educacional.

3.1 METODOLOGIA, UMA BREVE CONCEITUAÇÃO

Maria Cecília Minayo conceitua metodologia como um caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, ocupando um lugar central no interior das teorias e estando sempre referida a elas. Também referida pela autora, a metodologia inclui as concepções teóricas da abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e a potencial inspiração criativa do investigador/a (Minayo 2002).

Para conduzir adequadamente uma pesquisa, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente e elaborado, que seja capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. O pesquisador/a deve ter o cuidado para não deixar que os métodos atinjam um nível exacerbado de formalismo, pois isso pode levar ao encontro de respostas estereotipadas. Contudo o desprezo pelas técnicas leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis (Minayo 2002).

3.2 DESCRIÇÃO DO TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa será conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, a qual se constitui em uma ferramenta importante na condução de trabalhos investigativos, sobretudo nas ciências sociais, pois busca compreender seus fenômenos, questionamentos e complexidades, valorizando o contexto onde as situações ocorrem e considerando as relações e interações dos atores envolvidos no processo. Para Minayo (2002), pesquisa qualitativa pode ser definida como:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2002, p 21 - 22).

Indo ao encontro dessa ideia, Gil (1999), coloca a pesquisa qualitativa como sendo subjetiva ao objeto de estudo, pois está ancorada sobre a perspectiva do problema pesquisado e visa descrever e interpretar questões dentro de um sistema complexo de significados, não dando importância para a quantificação dos fenômenos, pois aborda a compreensão do contexto em que ocorre o fenômeno.

O desenho metodológico adotado segue os passos de um estudo de caso, que na definição de Gil (1999) consiste em realizar um estudo aprofundado de um ou de poucos objetos, de tal forma que permita sua compreensão ampla e detalhada, a qual dificilmente seria possível a partir de outro método.

O mesmo autor descreve que o estudo de caso vem sendo utilizado em diversas áreas, sobretudo em pesquisas sociais com diferentes propósitos, entre as quais se destacam as que exploram situações de vida real cujo os limites não possuem clara definição e as que se propõe a explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não cabem métodos quantitativos, por exemplo (Gil, 1999).

Também foi desenvolvido paralelamente ao estudo de caso, uma pesquisa bibliográfica em forma de revisão sistemática de literatura sobre os princípios agroecológicos junto aos Institutos Federais. Para Lakatos e Marconi (2003, p.182) “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A fonte de dados consultada para a construção da revisão bibliográfica foi o Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES. Nessa busca foram utilizados descritores como: agroecologia; princípios agroecológicos; formação integral e agroecologia.

Quanto a pesquisa documental, foram analisados os PPCs dos cursos que compõe o Eixo de Recursos Naturais do IFFar *campus* São Vicente do Sul, as ementas desses cursos, bem como a Lei 11.892 de 2008, a qual dispõe sobre a criação dos Institutos Federais. Entre os cursos listados se escolheu desenvolver a pesquisa de campo com o Técnico em Agricultura devido ser um curso de nível médio e que todos os estudantes já eram maiores de 18 anos.

Gil (1999) define esse tipo de pesquisa como sendo muito semelhante à pesquisa bibliográfica, diferindo apenas na natureza de suas fontes pois, enquanto a bibliográfica se nutre de materiais desenvolvidos por diversos pesquisadores acerca de uma temática, a documental utiliza-se de materiais que não passaram ainda por nenhum tratamento analítico.

3.3 LOCAL E PÚBLICO DA PESQUISA

A pesquisa de campo foi desenvolvida nas dependências da sede do Instituto Federal Farroupilha, Campus São Vicente do Sul, localizado na rua Vinte de Setembro, nº 2616 – São Vicente do Sul, RS, na região central do estado. Essa unidade do IFFar conta com uma área total de 332 hectares, dos quais 97 são ocupadas pela sede e 235 hectares pela fazenda-escola, que fica a uma distância de 15 quilômetros da sede.

O *Campus* de São Vicente do Sul conta com 1627 matrículas ativas, distribuídas entre os 18 cursos ofertados, sendo esses cursos alocados em eixos tecnológicos conforme suas similaridades. A instituição possui atualmente 5 eixos tecnológicos, os quais são: Desenvolvimento Educacional e Social; Informação e Comunicação; Gestão e Negócios; Produção Alimentícia; e Recursos Naturais. Dados referentes à data de 12/11/2024, obtidos através da Coordenação de Registros Acadêmicos (CRA) do campus.

O público-alvo da pesquisa de campo foram os estudantes, maiores de 18 anos, do curso Técnico em Agricultura e alguns docentes do mesmo curso. Tanto os estudantes quanto os docentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no início da pesquisa. O curso que serviu de análise, juntamente com os cursos Técnico em Agropecuária, Técnico em Zootecnia e Bacharelado em Agronomia compõem o Eixo de Recursos Naturais.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados, na pesquisa de campo, ocorreu através da realização de entrevista semiestruturada e individual com os participantes. Pinsky *et al.* (2005, p. 178) ressalta que “uma entrevista de história oral é, antes de mais nada, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações

diferentes”, sendo o entrevistado solicitado a falar de sua vida para uma pessoa praticamente estranha e ainda mais diante de um gravador ou câmera. Tal fato requer sensibilidade do entrevistador para conduzir a entrevista e captar da melhor maneira possível os sentidos das falas dos entrevistados, pois às vezes, até mesmo um momento de silêncio possui uma importante significação (Pinsky *et al.*, 2005).

As entrevistas foram agendadas previamente e seguiram um roteiro com perguntas abertas, permitindo que o entrevistado expusesse sobre o assunto. Todas as entrevistas foram gravadas utilizando dispositivo de áudio-gravação (telefone móvel), posteriormente foram transcritas e armazenadas em *pen drive*, após foram analisadas e guardadas em local seguro.

Em primeiro momento foram realizadas as entrevistas com os docentes e posteriormente com os estudantes.

Quadro 1 – Roteiro da entrevista semiestruturada com os docentes:

Questionamentos

1. Tempo de serviço no IFFar;
2. Tempo de atuação nesta disciplina;
3. Como é a organização da disciplina?
4. Ela prevê conteúdos que abordam a temática de produção agroecológica ou agricultura orgânica?
5. Você julga que esses conteúdos são importantes para a formação dos estudantes do Técnico em Agricultura?
6. Quando você trabalha essa temática em aula, percebe que os estudantes já sabiam sobre isso? Eles atribuem importância?
7. Onde você aprendeu sobre agroecologia/agricultura orgânica?
8. Você, enquanto professor (a), considera adequada a maneira como a temática agroecologia/agricultura orgânica é discutida e trabalhada dentro do IFFar?
9. Poderia ser mais ou menos explorada dentro do *campus*?
10. Você percebe alguma ligação entre a Agroecologia e a Missão dos IFs?

Fonte: Próprio autor.

Quadro 2 – Roteiro da entrevista semiestruturada com os estudantes:

1. Cidade em que mora;
2. Meio rural ou urbano
3. Você já ouviu falar em Agroecologia?
4. Se sim, onde?
5. Se sim, o que você entende sobre agroecologia?
6. Em alguma disciplina do seu curso, você estudou sobre agroecologia/agricultura orgânica?
7. Se sim, em qual disciplina?
8. De que forma a temática foi abordada?
9. Em sua família, você lembra de ter desenvolvido ações agroecológicas?
10. Se sim, quais tipos de ações?
11. Quem te ensinou?
12. Hoje, estas ações ainda acontecem?
13. Se sim, na mesma frequência com que eram realizadas antes?
14. Você considera importante estes conhecimentos para sua formação como Técnico em Agricultura?
15. Você acredita que usará estes conhecimentos em sua vida profissional?
16. Você sabe que os IFs são instituições de ensino com uma proposta de formação diferente das demais?

Fonte: Próprio Autor.

Todos os dados coletados foram analisados utilizando a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), onde a autora descreve essa metodologia como um conjunto de técnicas que emprega procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, contemplando os aspectos individuais e atuais (em ato) da linguagem, pois trabalha o sentido da fala dos emissores, tentando compreender o ambiente de análise em um determinado momento através dessas mensagens.

Essa técnica leva em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas (índices formais e análise de ocorrência), procurando assim conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre quais se debruça. A Análise de Conteúdo trabalha com a semântica, ou seja, propõe descobrir o estudo dos sentidos das unidades linguísticas como frases ou de

enunciados compostos por frases, além de levar em consideração variáveis de ordem psicológicas, sociológicas, histórica etc. (Bardin, 2011).

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi necessário o envolvimento de seres humanos, tornando assim indispensável que todas as normas éticas e legais fossem inteiramente respeitadas, para atender esses preceitos, este projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFFar, tendo sua aprovação na data de 25/03/2024, com o número do **Parecer: 6.724.137**. A partir dessa data o autor deu início a coleta de dados junto às/aos participantes.

3.5.1 Riscos, confidencialidade e benefícios da pesquisa ao participante

Com o objetivo de preservar a confidencialidade dos dados e a identidade dos participantes, foram entregues dois documentos: o TCLE, que os convidou a participar da pesquisa e o Termo de Confidencialidade (TE). Torna-se importante destacar que esses documentos trazem de maneira clara e objetiva os termos de aceitação ou não na pesquisa, bem como os direitos dos participantes. Essas medidas cumprem o papel de assegurar o cumprimento dos princípios éticos que permeiam à pesquisa com seres humanos.

A participação nesse estudo se deu de maneira totalmente voluntária e anônima e a decisão de participar ou não da pesquisa foi exclusiva do/da participante. Durante todo o estudo, o participante pôde solicitar informações sobre os procedimentos relacionados à pesquisa. Sempre esteve livre para interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer nenhum tipo de penalidade ou prejuízo.

Fica garantido o anonimato dos envolvidos em qualquer circunstância, no que envolve todas as atividades ou materiais escritos que se originarem deste estudo. O convite para participação da entrevista foi realizado previamente com data e horário marcados de acordo com a disponibilidade de cada um. Não foi obrigatório a participação de todas as atividades, bem como responder a todos os questionamentos.

O retorno deste documento ao pesquisador aconteceu dentro do prazo de sete dias, a contar do recebimento pelo estudante. Esse intervalo de tempo serviu para os

participantes pudessem refletir e tomar uma decisão livre e esclarecida sobre sua participação ou não, deixando claro que não se tinha o intuito pressiona-los ou forçá-los a tomar uma decisão precipitada.

Benefícios: A participação na pesquisa prevê benefícios indiretos aos colaboradores e a comunidade onde o participante está inserido, além de ter o intuito de contribuir com a formação profissional e cidadã dos estudantes. A aceitação voluntária nesta pesquisa tornou-se fundamental para as contribuições científicas que foram produzidas, estas que se espera que contribuam para a ampliação e difusão de conhecimentos acerca da agroecologia na sociedade e no meio acadêmico, ajudando a alavancar a pesquisa científica na educação profissional e tecnológica.

Uma das finalidades deste trabalho é ressaltar a importância de produzir alimentos saudáveis e de maneira segura, expostos aqui, através dos saberes tradicionais sobre agroecologia, que os estudantes trouxeram a partir de suas memórias e entendimentos.

Riscos: Considera-se que toda a pesquisa que envolva seres humanos está sujeita a algum tipo de risco, sendo físico ou psicológico, imediato ou tardio. No entanto os riscos que esta pesquisa trará são considerados mínimos, conforme a definição e graduação de risco definida pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510/2016.

Quanto aos possíveis riscos psicológicos pode-se descrever os relacionados ao tempo despendido para participação da entrevista, ao desconforto em falar sobre algum episódio triste que possa vir na memória durante esses momentos, ou até mesmo a lembrança de algum familiar ou amigo querido que já partiu, pois, essas experiências relatadas provavelmente envolvam os saberes que os participantes herdaram de seus antepassados. Caso alguma dessas situações, ou qualquer outra que o participante julgue desagradável, venham a ocorrer, ele poderá interromper o relato ou continuar com o mesmo, sem qualquer tipo de prejuízo.

Por ventura, se algum desses riscos citados ou qualquer outro vir a causar algum tipo de dano à saúde dos participantes, em função dessa pesquisa, estes serão inteiramente amparados pelo pesquisador, seja financeiramente ou de outra forma.

Despesas e danos: A princípio o participante não terá despesas e nem será remunerado pela participação na pesquisa. Se porventura ocorrer algum gasto quanto a deslocamento, alimentação, problemas de saúde, necessidade de compras de medicamentos ou de outra ordem, o pesquisador tem ciência que este é um direito do

participante, sendo necessário ressarcir-lo mediante contato prévio, portanto, você participante, em momento algum terá despesas ao participar dessa pesquisa.

Quanto a indenização para reparação de danos que a pesquisa possa vir a causar, seguiremos todos os preceitos éticos descritos nesta investigação, e caso ocorra, fica a cargo do pesquisador o custeio dos mesmos. E ainda se houver imprevistos durante esta pesquisa o pagamento da indenização fica integralmente na responsabilidade do pesquisador. O ressarcimento de despesas e a indenização frente a danos, caso haja necessidade, serão assegurados ao (s) participante (s) e ao seu/sua (s) acompanhante (s).

Eventos adversos: Entende-se por qualquer ocorrência desfavorável ao participante da pesquisa, após a assinatura do "TCLE", que resulte em 1: Morte; 2: Ameaça ou risco de vida; 3: Necessidade de hospitalização; 4: Prolongamento de hospitalização preexistente; 5: Incapacidade ou dano permanente; 6: Anomalia congênita; ou 7: Ocorrência médica significativa que pode prejudicar o participante e/ou requerer intervenção médica ou cirúrgica para prevenir quaisquer das demais ocorrências citadas.

Caso algum evento adverso venha a ocorrer em função da participação nessa pesquisa o pesquisador fica inteiramente comprometido em amparar o/a participante ou seu companheiro/a, seja financeiramente ou de outra maneira. Para realizar a tramitação de um efeito adverso pela Plataforma Brasil será seguido as orientações da Carta Circular nº13/2020- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa; Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde, CONEP/SECNS/MS.

Sigilo: Destaca-se que os participantes da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta investigação forem divulgados e publicizados. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando assim a identidade dos participantes. Nenhum tipo de prejuízo ocorrerá quanto ao envolvimento no estudo, pois nenhum dos participantes sofrerá qualquer tipo de atividade invasiva ou privativa de benefícios.

Nesse contexto, o mestrando responsável por esta pesquisa compromete-se a preservar a privacidade dos participantes, as informações coletadas serão utilizadas única e exclusivamente para execução do referido projeto e para produção de artigos técnicos e científicos. O material físico ficará sob guarda e responsabilidade do pesquisador e será armazenado em local seguro pelo período de cinco anos, após

esse período será descartado pela técnica de trituração, as gravações de áudio e transcrições serão armazenadas em mídia digital removível (*Pen drive*) por igual período e após serão excluídas permanentemente.

Cabe salientar, que o projeto foi submetido ao Comitê de Ética do IFFar, garantindo, assim, as exigências éticas. Toda e qualquer informação fornecida pelos participantes para este estudo serão confidenciais. Em nenhum momento da apresentação pública dos dados será divulgado nomes, sendo a identificação representada por um número ou letra.

O termo de consentimento livre e esclarecido foi feito em duas vias, sendo que uma delas está em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa. Informações adicionais podem ser obtidas com o autor da pesquisa ou com sua orientadora.

4 RESULTADOS

Neste capítulo estão dispostos os resultados obtidos ao longo do desenvolvimento desse trabalho. A primeira seção contém os resultados da análise documental, tanto dos PPCs dos cursos do eixo de recursos naturais quanto de alguns aspectos da Lei nº 11892 de 2008. A segunda seção traz os resultados da pesquisa de campo, esta que foi dividida em duas subseções, com a primeira demonstrando os resultados das entrevistas com os docentes, e a segunda os resultados das entrevistas com os discentes.

4.1 ANÁLISE DOCUMENTAL

Nesta seção foram analisados os PPCs mais recentes dos cursos: Técnico Integrado em Agropecuária; Técnico Integrado em Zootecnia; Técnico Integrado em Agricultura e Bacharelado em Agronomia. Escolheu-se esses cursos para análise, pois juntos formam o Eixo de Recursos Naturais, este que se fundamenta nas questões de produção agropecuária. Ainda foi objeto de análise a Lei 11.892/2008, a qual possibilitou a criação dos IFs.

A pergunta geradora da análise documental foi a seguinte: “A agroecologia faz parte do currículo dos cursos do Eixo de Recursos Naturais”?

Para responder a esse questionamento foi realizada uma busca direta com termo “agroecologia” nos PPCs desses cursos, buscando identificar a frequência e dentro de quais ementas curriculares se encontravam. Os dados foram tabulados na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência de ocorrência do termo “agroecologia”

	CURSO	NÍVEL	FREQÜÊNCIA	LINK DE ACESSO	PÁGINAS
1	Técnico Integrado em Agropecuária	M	3	PPC_TECNICO EM AGROP_SVS_2020.pdf	49 e 53
2	Técnico em Agricultura Subsequente	M	6	Técnico em Agricultura Subsequente_2014.pdf_iffar	31, 34, 39 e 40
3	Técnico em Zootecnia Subsequente	M	2	PPC_TECNICO_EM_ZOOT_SUBS_SVS_2022.pdf	39 e 45
4	Bacharelado em Agronomia	S	12	PPC_Bachar_em_Agron_SVS_2022.pdf	66, 70, 74, 78, 83 e 85

Fonte: Próprio autor.

No PPC do Curso Técnico em Agropecuária o referido termo foi localizado duas vezes como indicação de bibliografia complementar da disciplina de Agricultura I do 2º ano letivo, na página 49 do documento. Também foi encontrado uma vez como indicação de bibliografia complementar da disciplina de Extensão Rural do 3º ano letivo, estando na página 53 do documento.

No PPC do curso técnico em Agricultura, primeiramente o termo foi encontrado como indicação de bibliografia básica da disciplina de Sociologia e Extensão Rural do 1º semestre, na página 31 do arquivo. Outras três vezes foi localizado na disciplina de Olericultura I, sendo uma como indicação de bibliografia básica e outras duas como bibliografia complementar. A referida disciplina está contida no 2º semestre do curso e descrita na página 35 do PPC. A quinta e sexta vez que o termo agroecologia foi encontrado, ocorreu na disciplina de Olericultura II e Gestão Ambiental, respectivamente. Na primeira como indicação de bibliografia complementar e na segunda como bibliografia básica. Ambas disciplinas são do 3º semestre do curso e estão descritas, respectivamente, nas páginas 39 e 40 do PPC analisado.

No arquivo do PPC de Zootecnia o termo aparece apenas duas vezes, a primeira como indicação de leitura básica da disciplina de Gestão Ambiental do 1º semestre do curso e na segunda também como indicação de leitura básica da disciplina de Extensão Rural no 2º semestre do curso. As aparições estão respectivamente nas páginas 39 e 45 do arquivo.

No PPC do curso superior em Agronomia o termo aparece mais vezes, 12 no total. A primeira delas é como indicação de bibliografia complementar da disciplina de Sociologia e Extensão Rural do 6º semestre letivo, que está descrita entre as páginas 65 e 66 do arquivo. As próximas três vezes que ocorrem o termo são consecutivamente na Disciplina de Projeto Integrador Extensionista, a qual está dividida entre 'I', 'II, e 'III', sendo ministradas respectivamente no 7º, 8º e 9º semestre do curso. Todas elas são indicações de bibliografia complementar e estão indicadas nas páginas 70, 74 e 78 do documento.

As outras oito vezes que o termo aparece encontra-se dividido em duas disciplinas que são componentes curriculares eletivos do curso, na primeira delas, "Agricultura de Base Ecológica" a palavra agroecologia é mencionada cinco vezes, a primeira vez na ementa curricular, outras três vezes como indicação de bibliografia básica e outra vez como indicação de bibliografia complementar. Já na disciplina de "Bioinsumos na Agricultura" a referência é feita uma vez como indicação de leitura

básica e mais duas vezes como indicação de leitura complementar. Essas duas disciplinas encontram-se descritas respectivamente nas páginas 83 e 85 do referido PPC.

Vale ressaltar que na maioria dos casos de ocorrência do termo, foi em indicação de bibliografia complementar e no caso da agronomia, oito das 12 ocorrências estão em disciplinas eletivas, sinalizando assim o quão pouco é abordada a temática agroecologia no contexto geral dos cursos do Eixo de Recursos Naturais do IFFar *campus* São Vicente do Sul.

Frente ao exposto com esses dados e analisando o contexto em que o termo “agroecologia” se encontra dentro dos PPCs, nota-se uma baixa frequência da palavra em todos os cursos analisados, o que subentendesse que a temática é muito pouco debatida durante a formação dos estudantes do Eixo de Recursos Naturais.

Dentro desse enfoque de procurar entender as relações que definem os processos de formação dos IFs, Silva e Pacheco ressaltam que um dos principais desafios de manter viva a essência para qual essas instituições foram pensadas, ou seja, de oferecer uma formação integral e emancipatória, talvez seja a formação dos servidores que as integram, pois esses, em sua grande maioria, vêm de universidades, onde o processo formativo ainda é muito academicista, diferentemente da proposta da Rede Federal dos IFs (Silva e Pacheco, 2022).

Essa questão da formação dos profissionais que atuam nos IFs auxilia também para explicar a pouca abordagem a temas relacionados à agroecologia e a educação ambiental, pois conforme Juliana Santilli, a produção agrícola convencional está muito atrelada a técnicas que o conhecimento acadêmico desenvolve dentro de universidades e centros de pesquisa, técnicas estas que foram implementadas em nosso país principalmente a partir da década de 60 com a Revolução Verde (Santilli, 2009).

Também trazido por Santilli (2009), nesse período ocorreram diversos acordos entre o, MEC e a USAID, com o intuito de fomentar e desenvolver no Brasil uma formação tecnicista capaz de difundir junto aos produtores e produtoras o novo pacote tecnológico trazido pela Revolução Verde. Estes acordos estavam moldados aos interesses do capital norte-americano, sobretudo ao das multinacionais que iniciavam um processo de expansão durante aquele período. Desde então é esse o modelo de ensino que predomina na grande maioria das instituições brasileiras, sendo os IFs, pelo menos em teoria, uma das poucas exceções à regra.

Ao projetarmos esse debate à luz do que dispõe a Lei 11.892 de 2008, nota-se uma assimetria entre a maneira como são trabalhadas as questões ambientais dentro do IFFar e o que o texto legal orienta, pois conforme exposto no Artigo 6º, na Seção que compete às Finalidades e Características dos Institutos Federais, observa-se o teor do inciso IX que traz o seguinte texto: “promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente aquelas voltadas à preservação do meio ambiente” (Brasil, 2008).

Dentro desse contexto de tentar resgatar os verdadeiros propósitos as quais essas instituições foram criadas, ainda em 2022 os autores Eliezer Pacheco e Caetana Silva já destacavam que os Institutos Federais, já próximos aos 15 anos de existência, são reconhecidos nacionalmente pela excelência em educação, seja em nível técnico como em nível superior, porém o que não pode ocorrer é que essas instituições percam seu propósito de formar cidadãos íntegros e acabem sucumbindo ao interesse do capital (Silva e Pacheco, 2022).

A partir desta análise documental, partiu-se para a validação da pesquisa de campo, investigando junto ao curso Técnico em Agricultura, a percepção dos docentes que ministram as disciplinas apontadas por terem alguma abordagem com as questões agroecológicas e, posteriormente, a percepção dos estudantes do curso.

4.2 PESQUISA DE CAMPO

Nesta seção constam os dados da pesquisa de campo que está organizada em duas subseções. Inicialmente foi realizada entrevista de registro de história oral com os/as docentes que ministram as disciplinas apontadas pela análise documental, em outro momento foram realizadas as entrevistas com os discentes do curso Técnico em Agricultura.

4.2.1 Entrevistas com docentes

Para a obtenção dos dados da pesquisa de campo com os docentes, foram agendadas e realizadas entrevistas que seguirem um roteiro pré-determinado. As respostas obtidas deram origem a quatro categorias, apresentadas, junto as questões mobilizadoras, no Quadro 3.

Quadro 3 – Categorias e questões mobilizadoras para a entrevista com os docentes

Nº	Categoria	Questões mobilizadoras
1	Processo formativo dos docentes	Onde você aprendeu sobre os conceitos e manejos agroecológicos/orgânicos?
2	A agroecologia e seu espaço no Curso Técnico em Agricultura - PPC e componentes curriculares - Vivências no Curso e no Campus	Tempo de serviço no IFFar? Tempo de atuação nesta disciplina? Como é a organização da disciplina? Ela prevê conteúdos que abordam a temática da produção agroecológica ou agricultura orgânica? O curso em geral aborda a temática de produção agroecológica ou agricultura orgânica? Poderia ser mais ou menos explorada dentro do <i>campus</i> ? Você, enquanto professor (a), considera adequada a maneira como a temática agroecologia/agricultura orgânica é discutida e trabalhada dentro do IFFar?
3	A importância da agroecologia na formação dos técnicos em agricultura	Você, enquanto professor (a), considera adequada a maneira como a temática agroecologia/agricultura orgânica é discutida e trabalhada dentro do IFFar? Você julga que esses conteúdos são importantes para a formação dos estudantes do Técnico em Agricultura? Quando você trabalha essa temática em aula, percebe que os estudantes já sabiam sobre isso? Eles/elas atribuem importância?
4	Aproximações e distanciamentos da agroecologia com a Missão dos IFs	Você percebe alguma ligação entre a Agroecologia e a Missão dos IFs?

Fonte: Próprio autor

Conforme demonstrado no Quadro 3, as perguntas realizadas aos docentes deram origem a quatro categorias, conforme suas semelhanças dentro do contexto pesquisado, sendo: 1. Processo formativo dos docentes; 2. A agroecologia e seu espaço no Curso Técnico em Agricultura, subdividida em duas subcategorias, que são elas: 2.1. PPC e componentes curriculares e 2.2. Vivências no Curso e no Campus; 3. A importância da agroecologia na formação dos técnicos em agricultura; e 4. Aproximação e distanciamentos da agroecologia com a Missão dos IFs.

A Tabela 2 apresenta a codificação dos respondentes, mantendo o caráter de anonimato e confidencialidade da pesquisa. Cada respondente foi identificado por um código, onde D1 representa o/a docente 1, assim sucessivamente até o último

docente. Também são apresentadas características de formação e tempo de atuação no IFFar.

Tabela 2 – Características dos respondentes quanto suas formações

Código	Público	Formação	Tempo de IFFar
D1	Docente	Agronomia	10 anos
D2	Docente	Agronomia	16 anos
D3	Docente	Agronomia	15 anos
D4	Docente	Agronomia	17 anos

Fonte: Próprio autor.

Na sequência, são apresentadas as quatro categorias que emergiram das entrevistas com registro da história oral desenvolvida com os docentes.

Categoria 1. Processo formativo dos docentes:

Ao analisar a questão mobilizadora dessa categoria, se percebeu clara semelhanças nas respostas dos entrevistados, pois conforme suas falas em suas formações acadêmicas não foram trabalhadas a questão da agroecologia nem da produção orgânica, sendo que aqueles e aquelas que tinham interesse na área buscaram por conta própria essa formação, conforme fala da D1:

Nós, na nossa formação da década de 80 e 90, nós não tínhamos nenhum assunto sobre esta questão, então nós estudávamos em grupos, principalmente aqueles estudantes que moravam na casa do estudante. Nós nos reuníamos, conseguíamos alguns livros, estudávamos separadamente e éramos chamados de “ecoixitas” (aquelas pessoas que pensavam numa preservação, mas que naquele momento não existia nenhuma importância em relação a esses manejos), então eu consegui trabalhar a agroecologia assim né, estudando praticamente quase que escondido e como me dediquei ao controle biológico, então eu me inseri muito em relação ao manejo agroecológico (Docente 1, 2024).

Nessa fala percebemos o quanto a temática da produção agroecológica e orgânica foi marginalizada na academia ao longo do tempo. Além de não ser trabalhada em sala-de-aula, ainda havia o preconceito com as pessoas que se disponibilizavam a estudá-la.

Atualmente, nota-se que essa realidade infelizmente ainda existe, como podemos destacar o PPC do próprio curso em análise nessa pesquisa, em que o termo agroecologia aparece apenas 6 vezes. Aliado a essa deficiência acerca dessa temática no processo formativo dos estudantes em geral de ciências agrárias, existe um enaltecimento do agronegócio, principalmente pela grande mídia, onde se criou

um *lob* do “agro é isso, o agro é aquilo”, porém não são considerados os inúmeros problemas socioambientais que atividade traz consigo.

A fala do D2 vai ao encontro da primeira, porém para chegar até a resposta de como ocorreu sua formação em relação à agroecologia e temáticas afins, ele descreveu um pouco de sua história acadêmica e profissional, que em linhas gerais, ocorreu da seguinte maneira:

Antes de ser professor o entrevistado trabalhou na prefeitura de Santa Maria, junto a secretaria de agropecuária do órgão, mesmo seu cargo sendo administrativo, ele atuava junto a colegas técnicos e agrônomos e também junto a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) municipal, iniciando assim a relação mais próxima com agricultores e agricultoras familiares e despertando o interesse de trabalhar e levar soluções e alternativas a esses grupos de pessoas (Docente 2, 2024).

Foi em meio a essas assistências técnicas, com o intuito de solucionar um problema de doenças na produção convencional de tomates, que o recém formado engenheiro agrônomo e ainda servidor da prefeitura de Santa Maria, juntamente com seus colegas, começaram a perceber que existiam outras alternativas para se produzir, sem a necessidade (pelo menos de uso intensivo de produtos químicos), mais voltadas à sustentabilidade do sistema e ao uso racional de insumos, a exemplo a produção orgânica e/ou agroecológica (Docente 2, 2024).

Após esse período, o entrevistado ingressou no mestrado, onde passou a trabalhar com substrato (alternativa ao cultivo de plantas diretamente no solo), ainda não se caracterizava como produção orgânica ou agroecológica, porém sinalizava para um caminho alternativo do convencional. Foi em meio ao mestrado que ele passou em um concurso e foi trabalhar em Santa Catarina, onde aprimorou práticas e conhecimentos em relação à agroecologia, que conforme suas palavras:

[...] daí lá eu encontrei o pessoal desenvolvendo...é na época a agroecologia estava bem mais...daí comecei a ver as propriedades em produção, com cobertura morta, alguns programas, contatos com o pessoal da Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina) lá bem mais evoluídos do que na época aqui no Rio Grande do Sul e aí então meu conhecimento veio muito mais pela relação com esse pessoal, pesquisadores na área de lá [...] (Docente 2, 2024).

Conforme observamos, o D2, ao longo de toda sua formação acadêmica, também não obteve formação formal em relação à agroecologia, o que pode ser destacado em outro trecho de sua fala:

[...] eu tinha aprovado no doutorado, resultado é que com agroecologia mesmo eu não consegui porque não tinha quem me orientasse, acabei

trabalhando com semente crioula de feijão que era... não fiquei muito longe do que eu pretendia, mas na minha busca por um possível projeto de pesquisa, eu encontrei muitas pessoas ligadas a produção agroecológica do estado de Santa Catarina, da Epagri, lá com atuação... produção de cebolas, produção de hortifrutigranjeiros e organização de grupos de produtores. E aí que veio mais o fato de que a gente criou lá em Rio do Sul, um curso técnico em agroecologia, e aí as disciplinas eram ministradas pelos professores que tinham pelo menos um olhar voltado, né [...] e aí eu acabei estudando mais ou menos que por conta, fiz bastante participações em seminários e encontros de formação em agroecologia. De maneira geral eu procurei esse tipo de formação, porque durante meu curso de doutorado foi pouca coisa voltado especificamente para isso. Então foi assim, os conceitos eu fui aprendendo com as pessoas que trabalhavam, com a vivência e sempre acompanhando agricultores, tendo uma proximidade com os agricultores que trabalham com isso (Docente 2, 2024).

Além da falta de formação formal em agroecologia, outro aspecto interessante que se destaca da fala do entrevistado é justamente o oposto, ou seja, a formação informal, através do contato direto com as pessoas envolvidas nesse meio, sobretudo os agricultores e agricultoras, pois essas pessoas são detentoras de saberes empíricos, tão valiosos quanto os saberes acadêmicos/científicos.

Consolidando essa afirmação, Gomes (1999) afirma que os conhecimentos ou saberes cotidianos são de grande importância para a própria produção de conhecimento científico, podendo dizer assim que na ciência, predomina o saber, enquanto na sabedoria, o conhecer.

A fala do docente 4, foi na mesma linha das anteriores, relatando que praticamente não teve nenhuma formação específica na área de agroecologia ou agricultura orgânica, conforme observamos no trecho abaixo:

Eu, em formação de agronomia, tive muito pouco sobre isso, mais foi estudando depois, fazendo cursos, projetos que a gente escreveu na área e depois nós estudamos dentro desses assuntos aí, em conversas com os colegas, fazendo leituras. Mas assim, formação específica, algo mais na cadeira da escola mesmo, eu tive muito pouco sobre isso. Até porque quando eu estudei já faz um bastante tempo né. Então, naquela época não tinha dentro do currículo da agronomia ou mesmo do técnico, eu fiz o técnico em agropecuária né, menos ainda (Docente 4, 2024).

Nesse relato, assim como nos anteriores, ficou evidente como a temática aqui em análise sempre foi negligenciada pela comunidade acadêmica. Os entrevistados, que são todos/todas agrônomos/a, colocam que isto ocorre principalmente em decorrência de fazer bastante tempo que cursaram as formações iniciais, porém vimos atualmente que essa realidade, infelizmente, continua a mesma.

Justificando esse relato foi realizada uma pesquisa no PPC do curso superior em agronomia da mesma instituição na qual se desenvolveu esse trabalho. Nessa busca direta pelo termo “agroecologia”, foi encontrado apenas 12 vezes, onde quatro

delas estão contidas nas bibliografias complementares de poucas disciplinas, enquanto as outras oito vezes encontram-se divididas em duas disciplinas de caráter eletivo.

Na prática, isso indica que, se não for por interesse pessoal do/da docente em abordar em sala de aula sobre agroecologia e temas afins, essas temáticas continuam passando despercebidas ao currículo do profissional de agronomia. Também vale lembrar que serão esses profissionais que atuarão como novos e novas docentes nas mais diversas instituições que ofertam cursos técnicos e cursos superiores nessa área, criando de certa forma um ciclo, onde se repetem sempre as mesmas coisas.

O docente 3 não respondeu esse questionamento, fato este, que aliado a outras de suas respostas, nos permite compreender sua pouca afinidade com a temática agroecologia, mesmo que este conteúdo esteja presente na ementa de sua disciplina.

Arroyo (2011), traz uma importante reflexão acerca da formação de um currículo escolar, descrevendo-o como um território em constante disputas pelo reconhecimento e validação de diferentes formas de saberes, deixando evidente que essa construção está intrinsecamente ligada a relações de poder e à dinâmica social. Nessa perspectiva o professor/a assume um papel central na construção desse currículo, pois assim como esse profissional pode ser apenas um transmissor de conteúdos padronizados, também pode agir como um mediador de saberes, articulando-os às especificidades dos educandos e de cada contexto.

O mesmo autor também ressalta a importância de incluir os saberes e experiências locais aos currículos, bem como as diversidades que cada estudante traz consigo, rompendo com a padronização e centralização dos currículos oficiais, que vêm impostos e apenas devem ser cumpridos (Arroyo, 2011).

Essa abordagem caminha de mãos dadas com a agroecologia, pois assim como os currículos escolares devem ser plurais, a agricultura também deve explorar outras formas de produção, sendo que instituições de ensino, sobretudo as públicas, devem proporcionar esse tipo de formação.

Categoria 2. A agroecologia e seu espaço no Curso Técnico em Agricultura:

A categoria 2 foi subdividida em duas subcategorias explorando o entendimento das respostas às questões estabelecidas, dispostas da seguinte maneira:

Subcategoria 2.1, PPC e componentes curriculares

Após análise do PPC do curso Técnico em Agricultura, na seção da ementa do curso, foi visualizado que o termo “agroecologia” aparecem seis (6) vezes distribuídas em quatro (4) disciplinas, Sociologia e Extensão Rural; Olericultura I; Olericultura II e Gestão Ambiental, de posse desses dados, buscou-se conhecer como os/as docentes entrevistados abordam as temáticas agroecologia e produção orgânica dentro da disciplina que ministram, bem como é a organização dos conteúdos nessas disciplinas.

A D1, fez o seguinte relato em relação a cadeira que conduz:

[...] ela é organizada de maneira que eu traga os princípios básicos e a essência da extensão rural, então é nesse sentido que eu trabalhei com eles, é para que a gente entenda que muitas vezes que a extensão, ela tem uma linha muito tênue em relação a assistência/assistencialismo, então alguns projetos quando nós avaliamos, eles se enquadram mais na linha de assistência do que realmente na linha de extensão rural, porque quem construiu aquele projeto não tem a essência da extensão rural. Então a minha preocupação é essa, trabalhar essa essência e os conceitos da extensão rural (Docente 1, 2024).

No que tange a abordagem ou não de conteúdos relacionados à agroecologia a entrevistada destaca o seguinte trecho:

Nós abordamos uma série de conteúdo, entre eles a produção orgânica e agroecológica, para que eles entendam que agricultura orgânica é um manejo, não necessariamente ela é uma produção agroecológica, então eu sempre digo que nem todo o produtor orgânico é agroecológico, mas todo o produtor agroecológico é produtor orgânico [...] (Docente 1, 2024).

Essa diferenciação trazida pela D1 é de extrema relevância, mostrando que percebe a diferença entre os conceitos de agroecologia e produção orgânica, pois muitas pessoas confundem esses termos ou os tratam como sinônimos, inclusive na academia. Enquanto a agroecologia se caracteriza como uma filosofia de vida dentro de um sistema produtivo, a agricultura orgânica é apenas uma série de manejos culturais.

Nessa linha, Miguel Altieri (2004), define agroecologia como uma abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos com uma visão sistêmica da produção agrícola e da sociedade como um todo.

O D2 descreveu da seguinte maneira como é organizada uma das disciplinas em que é o responsável:

Na Olericultura I tem uma parte do conteúdo que é bastante prática, é aplicada [...] a gente trabalha com os conteúdos teóricos em sala de aula, conhecimento das culturas, dos tratamentos culturais, da classificação... depois eu procuro levar os estudantes para o campo, para eles implementar essas

culturas, conhecer e acompanhar o ciclo delas e irem vendo os problemas na prática e tal (Docente 2, 2024).

O D2 também coloca que pelo fato de desenvolver boa parte da disciplina com aulas-práticas, torna-se possível trabalhar os manejos e tratos culturais diretamente com os estudantes, estes que conforme sua fala: “é muito próximo de uma agricultura orgânica, eles também aproveitam para perceber que tem como produzir sem utilizar adubação química, usando um manejo correto [...] (Docente 2, 2024).

Quando expõe sobre a outra disciplina que conduz no curso, faz o seguinte relato:

Já na disciplina de Gestão Ambiental, por ser mais teórica, a agricultura orgânica/agroecologia aparece no conteúdo quando a gente fala dos problemas ambientais, que eles têm uma grande relação com a exploração dos recursos naturais, enfim, que são importantes para a sobrevivência do ser humano e tal. Aí esse assunto é abordado quando se fala nas possíveis soluções para esses problemas (Docente 2, 2024).

Quando o D2 fala que a temática agroecologia é abordada como uma possível solução para os problemas ambientais, nota-se que esse professor possui consciência dos danos que o modelo convencional de agricultura acarreta ao meio ambiente e vê na agroecologia uma possível saída para reverter esse quadro. Esse entendimento vai ao encontro das Finalidades e Características dos IFs, que, entre outras coisas, é de promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente aquelas voltadas à preservação do meio ambiente, assim como está descrito na Lei 11892 de 2008.

Porém, no geral o que se observa dentro do curso analisado e na instituição como um todo é que abordagens voltadas à sustentabilidade ambiental estão muito mais atreladas ao perfil do profissional que se dispõe ou não em trabalhar com os estudantes do que a uma política institucionalizada, isso nos traz novamente a discussão relativa ao processo formativo acadêmico desses profissionais e na consequente importância de a instituição realizar contínua formação em EPT para todos os servidores envolvidos no processo de ensino.

Subcategoria 2.2. Vivências no Curso e no Campus

Esta subcategoria engloba registros de história oral que evidenciam a vivência de momentos variados em que ocorrem abordagens agroecológicas durante a formação do curso Técnico em Agricultura e na instituição como um todo.

Ao ser questionada sobre a maneira como a temática agroecologia e produção orgânica é discutida e trabalhada dentro do campus, a D1 fez os seguintes relatos:

Essa temática é pouco discutida dentro da nossa academia, nós não temos muitas disciplinas voltadas à agroecologia, nós temos poucos projetos de desenvolvimento de pesquisa e extensão envolvendo a agroecologia, ainda a agricultura convencional está mais presente nos projetos do que a agroecologia (Docente 1, 2024).

Nesse trecho podemos identificar que a entrevistada tem consciência da pouca visibilidade que a temática possui dentro da instituição, não somente em sala de aula, como também nos projetos de pesquisa e extensão, estes que junto com o ensino, constituem a base do desenvolvimento das atividades dos IFs.

A promoção de projetos, tanto de ensino, pesquisa como de extensão são fundamentais para a formação integral dos estudantes, pois são práticas complementares à sala-de-aula e auxiliam tanto no aperfeiçoamento técnico e também crítico dos educandos, isso se desenvolvidos alinhados à missão e objetivos institucionais.

Na sequência de sua fala, coloca:

Então nós precisamos repensar dentro da nossa instituição o nosso papel em relação a questão da sustentabilidade. A sustentabilidade é uma bandeira né, e é uma bandeira hoje que está na política, na política educacional, na política pública, mas de fato, ela não é praticada. Então nós precisamos discutir a sustentabilidade dentro da educação e praticar mais atividades que envolvam agroecologia, que envolvam a agricultura orgânica, para que a gente tenha um suporte de conhecimento, que a discussão consiga evoluir (Docente 1, 2024).

A fala acima é complementada pela docente, no momento em que é questionada se considera que o tema agroecologia poderia ser mais ou menos explorado dentro do campus? Nesse ponto, ela frisa que “*ela é pouco explorada, então nós temos 247 professores aqui no campus, se não me engano, no meu entendimento quatro professores apenas que trabalham a parte da agroecologia*” (Docente 1, 2024).

Com essa fala, reafirma-se o que já havíamos constatado em outro momento, que para a temática ser ou não trabalhada em sala-de-aula, depende muito mais do perfil do docente do que de uma cultura à sustentabilidade que exista na instituição.

Quanto ao docente 2, no que se refere a à subcategoria 2.2, ele faz os seguintes relatos:

A inferência destacada a partir da fala da docente 1, que depende do perfil do/da professor ou professora para abordar sobre agroecologia e temas afins, pôde ser confirmada pelo docente 2, quando ele faz o seguinte relato:

A gente consegue abordar aqueles professores que tem uma vivência né, que chegam aqui com a vivência [...] a gente fica restrito no grupo pequeno de professores que eu sei que fazem essas abordagens, com quem, às vezes, eu até converso, troco umas ideias e tal (Docente 2, 2024).

Muito importante destacar o seguinte trecho: *“que chegam aqui com a vivência”*, isso indica que a instituição não incentiva nem oferta atividades de formação em agroecologia para os profissionais de educação que ingressam na instituição.

Em outro trecho da entrevista, o D2 descreve essa mesma percepção que o autor inferiu acima, quando diz: *“[...] no sentido de que precisaria dar mais formações, mais formação para os professores, mais possibilidades para que os professores pudessem abordar de uma maneira mais adequada” (Docente 2, 2024).*

A fala do D2 também vai ao encontro da fala da D1 quando ele responde aos questionamentos se considera adequada a maneira como agroecologia/agricultura orgânica é discutida e trabalhada dentro da instituição, e se poderia ser mais ou menos explorada? Destacando-se os seguintes trechos:

[...] mas eu acho que ela poderia e deveria ser discutida com mais profundidade, com mais pessoas, se a gente for falar em agricultura orgânica em si, ela fica mais restrita para a área técnica, para quem trabalha com a formação nas atividades agrícolas mesmo, mas quando falamos em agroecologia, o termo é bem amplo, ela está nas outras disciplinas, na sociologia, na física, na matemática, no dia-a-dia [...] (Docente 2, 2024).

Com esse trecho descrito acima, nota-se que o D2 também tem bem claro quais são as diferenças entre agricultura orgânica e agroecologia, pois destaca que a agroecologia é uma ciência transversal que se insere nas mais variadas áreas do conhecimento, diferentemente da agricultura orgânica, que se restringe, basicamente a um conjunto de manejos produtivos.

O D2, no decorrer da sua fala, quando explica sobre a pouca abordagem da temática na instituição, coloca que seria importante ter no campus um sistema produtivo com viés agroecológico e/ou ao menos orgânico, para mostrar aos estudantes e comunidade em geral que existem outras maneiras de produção (Docente 2, 2024).

Ele também destaca que na horta, que é o local onde ministra suas aulas, é possível se trabalhar alguns desses manejos, conforme sua fala: *“[...] aqui na horta a gente consegue fazer, porque é um sistema menor, ciclo mais curto. Então a gente tem um manejo da horta muito mais voltado para isso” (Docente 2, 2024).*

No trecho que segue abaixo, podemos ver que o D2 possui consciência e preocupação com os impactos ambientais que a atividade agrícola causa ao meio, como descrito:

A gente tem uma preocupação grande agora, por exemplo, com enchentes, com mudanças climáticas e tal, e eu entendo que tem uma relação muito grande com a forma que a gente explora os recursos naturais. É a qual é a atividade que mais explora os recursos naturais? É a área da agricultura, e a agricultura orgânica, agroecológica, alternativa, enfim, são modelos que exploram menos, ou que exploram de maneira mais sustentável [...] (Docente 2, 2024).

Finalizando sua fala acerca desses pontos da subcategoria 2.2, o D2 expõe, que além da importância de se trabalhar mais diretamente os manejos agroecológicos e orgânicos, também há necessidade de ter no campus mais espaços para discussões que enriqueçam o entendimento sobre essas temáticas, bem como suas diferenças e similaridades, que muitas vezes as pessoas os confundem, e o que há previsto na legislação que normatiza essas práticas (Docente 2, 2024).

Quanto ao docente 3, no que tange ao tempo de atuação no campus e o tempo de atuação na disciplina de Olericultura II, ele traz o seguinte relato: *“eu sou professor aqui do instituto federal desde 2009, 05 de março, então 15 anos fechou em 05 de março desse ano. Na disciplina eu trabalho desde o início, desde 2009”* (Docente 3, 2024).

Em relação a organização da disciplina, o D3 menciona o seguinte: *“a Olericultura II, ela é organizada em função do cultivo em ambiente protegido e o cultivo fora do solo, onde eu abordo então a produção em substrato e a produção hidropônica”* (Docente 3, 2024).

A partir desse trecho já notamos que a disciplina não é voltada à produção agroecológica ou orgânica, o que se confirma na fala seguinte do entrevistado, quando questionado se ela prevê conteúdos que abordem sobre essas temáticas, pois conforme suas palavras:

Ela não prevê conteúdos relacionados a agroecologia ou agricultura orgânica, por isso eu não abordo nisso, então a gente tem um acordo aqui, entre eu e o professor da disciplina de Olericultura I, que essa parte é abordada nessa disciplina, aonde vê a produção no solo, no sistema convencional e no sistema orgânico ou agroecológico, está bem (Docente 3, 2024).

A partir dessa fala, pôde-se concluir que o D3 não tem nenhum contato com a agroecologia em suas aulas, mesmo que o termo esteja contido na ementa de sua disciplina no PPC do curso Técnico em Agricultura.

Ao responder se considera adequada a maneira como a temática é discutida e trabalhada dentro do campus, o D3 relatou o seguinte:

Bom, em relação a como a temática é abordada dentro do campus, como eu não abordo ela, eu acredito que ela seja feita da melhor maneira possível, tenho certeza que o professor xxxxx é um excelente professor na área, tem um domínio muito grande do tema, além de uma prática muito grande também na área de produção orgânica e agroecológica, e ele, com certeza, faz muito bem a apresentação desse tema para os estudantes (Docente 3, 2024).

Se poderia ser mais ou menos explorada dentro do campus, o D3 expõe o seguinte entendimento:

“Acredito que poderia ser, o que eu estou vendo de tendência é que algumas abordagens agroecológicas ou de base orgânica, elas têm sido apreciadas dentro dos outros cultivos também, principalmente agora com o uso dos biológicos, dos bioinsumos [...] (Docente 3, 2024).

Ele continua descrevendo que o uso de controles biológicos e bioinsumos estão sendo usados de forma consorciada com os manejos convencionais, para principalmente diminuir o uso de fertilizantes químicos e, conforme suas palavras, de defensivos químicos, possibilitando assim manter a alta produtividade que é buscada dentro desses cultivos (Docente 3, 2024).

A partir dos trechos destacados acima, podemos identificar claras diferenças do D3 em relação aos D1 e D2, no que se refere a percepção sobre a temática agroecologia, talvez isso ocorra devido o D3 não ter vivências nem práticas na área em questão, diferentemente de seus colegas mencionados.

No entanto deve-se destacar que o D3 possui consciência dos problemas de contaminação por resíduos de agrotóxicos que praticamente todos alimentos consumidos atualmente possuem. Conforme descreve em sua fala: *“hoje já não sei se tem algum alimento produzido no Brasil, que não seja dentro de uma característica orgânica/agroecológica, que não tenha resíduo de produto químico” (Docente 3, 2024).*

Também destaca que na horta, onde ministra suas aulas, eles trabalham nessa perspectiva, pois conforme sua fala: *“nós aqui no setor trabalhamos fortemente isso, em utilizar bioinsumos para reduzir o uso de produtos químicos, seja da parte nutricional ou da parte de defesa fitossanitária” (Docente 3, 2024).*

Nessa linha, mesmo não sendo manejos agroecológicos, é muito importante destacarmos que vêm sendo desenvolvidos trabalhos e pesquisas com insumos alternativos aos convencionais, conforme a fala do D3:

Então a gente tem dois trabalhos hoje, já em fase de escrita de artigo, que é o uso de substratos alternativos ao substrato orgânico convencional, que é o uso de matéria-prima que a gente tem na região aqui, por exemplo, cama de cavalo e cama de suíno como substrato. E o uso de biosoluções associadas a esses insumos orgânicos (Docente 3, 2024).

Em linhas gerais, nota-se que mesmo de maneira ainda sutil, estão acontecendo algumas ações visando diminuir a dependência de insumos químicos nos processos produtivos, onde se procura utilizar insumos alternativos de dentro da propriedade (nesse caso, do próprio campus e proximidades) ao invés de trazer tudo de fora. Ações como estas devem ser fortalecidas nas mais diversas áreas da produção agropecuária, visando criar uma cultura à sustentabilidade dentro da instituição.

Na fala do docente 4, que já está no campus há 17 anos, quando perguntado sobre como enxerga a abordagem da agroecologia ou agricultura orgânica no curso, descreve o seguinte:

Ele não é voltado especificamente para isso, os professores trabalham de acordo com os seus perfis dentro de suas disciplinas, eles têm o perfil deles. É meio assim, cada um puxa um pouco para o que entender mais [...] o curso não é formalmente direcionado para a formação em agroecologia, algumas disciplinas, principalmente nas olerícolas, o professor xxxx direciona para esse viés (Docente 4, 2024).

Mais uma vez fica evidente que a abordagem sobre agroecologia fica restrita ao perfil do/da docente, sendo que os docentes, 3 e 4 citam o mesmo colega docente “xxxx” como um dos que trabalham a temática. O D4 continua sua fala da seguinte maneira:

Nas outras disciplinas depende de cada, pouco mais de cada professor, se ele prefere puxar um pouco, falar mais desse assunto ou não, depende da atuação de cada um [...] mas a gente quer, pensa que o curso vai prever essa possibilidade de formação, a gente gostaria que sim (Docente 4, 2024).

Nesse contexto apresentado, infelizmente torna-se muito difícil que essa formação aconteça de maneira adequada, pois conforme pudemos confirmar em falas anteriores, são poucos/as os/as docentes que abordam a temática dentro da instituição, estando contida em disciplinas pontuais, o que vai de encontro a própria transversalidade que a agroecologia comporta.

Quando o autor faz essas considerações a respeito da pouca visibilidade que o Curso Técnico em Agricultura dá para agroecologia e áreas afins, é importante salientar que não há a intenção de desqualificar o curso, nem tão pouco os profissionais que compõe o quadro de docentes, no entanto essas reflexões se fazem necessárias, uma vez que a formação dos estudantes fica comprometida e

fragmentada, contrariando assim a premissa de formação integral e politécnica que devem dar rumos aos IFs, e que estão contidos nos documentos formais dessas instituições, inclusive no PPC do referido curso.

O D4 finaliza sua fala expondo que acredita que o curso deveria ter algo formalizado que abordasse a temática, destacando também as incertezas sobre o futuro do curso dentro da instituição, conforme sua fala:

É, talvez como documento formal lá do PPC do curso têm algumas coisas escritas, mas para ficar mais evidente, mais claro no texto essa possibilidade de formação, talvez seria melhor até uma disciplina em futuras mudanças (Docente 4, 2024).

[...] já faz tempo que os técnicos subsequentes não têm muita procura, então como tem pouco público o curso está meio naquela... não se sabe o futuro dele ainda, se vai continuar ou não, então a gente até nem foi a fundo em pensar em reformulação do currículo porque não sabemos se vale a pena mesmo ou se já partimos para outro curso, fazer uma mudança (Docente 4, 2024).

Nesse último trecho de sua fala, o D4 expõe suas dúvidas sobre a continuidade ou não do Curso Técnico em Agricultura, bem como se vale a pena propor mudanças no currículo ou se já se deve pensar em ofertar outro curso. Nesse viés de mudança e incertezas, surge a pergunta: será que não seria interessante discutir uma mudança de currículo que esteja mais voltado a produções sustentáveis, visto que isso é uma preocupação crescente no contexto atual?

O docente 4 conclui sua fala acerca desses questionamentos, respondendo se considera adequada a maneira como a temática agroecologia/agricultura orgânica é trabalhada dentro do campus, conforme suas palavras:

Não, eu acho insuficiente, eu acho que deveria ter mais espaços formais para trabalhar esse conteúdo, seja disciplinas ou até mesmo uma área, uma área tipo um LEPEP, ou uma parte de um LEPEP, que possibilitasse assim uma formação mais na área. A gente sabe que tem o professor “xxxx” que faz um bom trabalho, a professora “yyyy” fala também em suas aulas (...) tem um pouco desses espaços mas poderia melhorar, eu acho que é insuficiente da maneira que é trabalhado (Docente 4, 2024).

Ao finalizarmos análise das falas da categoria 2, foi possível identificar algumas similaridades entre os entrevistados, principalmente no que tange a percepção sobre a relevância do tema abordado, e também ao concordarem em relação de ter poucos profissionais que atuem com agroecologia, bem como poucos espaços para discussões sobre a temática.

Em contrapartida, foi observado diferenças no que tange ao entendimento sobre agroecologia e suas vivências profissionais. Enquanto dois profissionais expuseram um elevado nível de conhecimento sobre a temática e que trabalham os

conceitos e/ou manejos em sala de aula, outros dois descreveram-na de maneira mais superficial e que não abordam em suas aulas.

3. A importância da agroecologia na formação dos técnicos em agricultura:

Costa *et al.* (2023), discutem sobre a importância de práticas agroecológicas nos cursos técnicos agrícolas e como isso reflete para uma formação de profissionais mais capacitados a atuar de forma mais sustentável, pois proporciona uma formação mais sistêmica aos estudantes, que são capazes de aliar seus conhecimentos técnicos a aspectos sociais e ambientais que permeiam a produção agrícola.

No mesmo enfoque, Sousa e Cruz (2015), defendem que a educação profissional para o campo deve ter seus pilares cunhados na agroecologia, onde os profissionais dessa área sejam capazes de usar os princípios agroecológicos em prol de uma agricultura mais sustentável, articulando os saberes locais e acadêmicos às peculiaridades de cada região.

Quanto a essa categoria a D1 inicia sua fala da seguinte maneira:

Esses conteúdos são extremamente importantes, até porque a agricultura convencional, ela não é uma agricultura sustentável. Quando me perguntam, qual o futuro da agricultura? – Agricultura orgânica. Esse é o futuro [...] então nós precisamos estudar, compreender, entender esse manejo, essa filosofia de cultura e ter informações muito mais voltadas à dinâmica de sistema (Docente 1, 2024).

Assim como já foi visto em falas anteriores, se nota claro entendimento e relevância que a D1 têm sobre o tema, nessa última apresentada, além de expor que a agricultura convencional não é uma prática sustentável, também enfatiza que o futuro da agricultura será agricultura orgânica/agroecológica.

Dando seguimento a sua narrativa, a D1 retoma outra fala que havia dito antes, se referindo à sua formação profissional, com suas palavras:

Então aquela formação que eu tive na década de 80 na agronomia, em que a gente simplesmente fazia um determinado controle com determinado produto, essa prática de manejo, ela não é mais sustentável, então eu tenho que exigir do meu aluno que ele tenha uma compreensão de dinâmica de sistema, por que que aquelas situações acontecem? Existe uma rede de interação entre espécies no sistema com as plantas e toda aquela, o envolvimento das variáveis climáticas (Docente 1, 2024).

Essa preocupação externalizada pela D1 para que seus estudantes tenham uma visão ampla dos sistemas produtivos pode se tornar mais difícil, uma vez que muitos deles ainda têm certa resistência ao abordar a temática agroecologia, conforme segue sua fala:

Essa discussão quando ela se dá em sala de aula, essa temática, há uma certa tensão dos alunos, mas nós percebemos ainda que existe uma certa resistência, eles têm um interesse maior pela agricultura convencional, até porque essa agricultura está presente em 78% dos agricultores de acordo com os dados do IBGE [...] (Docente 1, 2024).

Contudo ela faz uma ressalva quanto a evolução da agricultura orgânica nos últimos anos:

[...] mas nós tivemos na pandemia uma evolução da agricultura orgânica, e os consumidores também estão exigindo um alimento mais saudável, com menor quantidade de resíduos, sem uso de agrotóxicos, e aí a gente começa a ter uma evolução nesse sentido (Docente 1, 2024).

Na fala do D2, ele cita como muito importante que os estudantes tenham essa formação, e vai além, quando menciona a importância de os consumidores também terem consciência de sustentabilidade e segurança alimentar, pois são fatores que auxiliarão no fortalecimento da agricultura de base orgânica (Docente 2, 2024).

Em outro trecho, ele pontua a necessidade de os estudantes e futuros profissionais em desenvolver consciência socioambiental:

E mesmo que os estudantes acabem não atuando depois como técnicos né, eles vão ser cidadãos, procuro passar, como cidadãos essa consciência maior... para procurar um consumo, para escolher ou para saber, pelo menos aquilo que eu estou consumindo, o jeito que eu vivo, se eu estou causando mais ou menos impactos e como que de acordo com cada um pode, se quiser daí né, melhorar em relação a isso (Docente 2, 2024).

Além dessa visão sistêmica e crítica, que é extremamente importante no processo formativo de qualquer profissional, o D2 também destaca que a assistência à produção sustentável, pode ser uma alternativa interessante para os técnicos em Agricultura do ponto de vista financeiro, de acordo com sua fala:

[...] o que a gente vê na prática é que muitos agricultores e muitos consumidores, mais pelos consumidores, eles querem consumir produtos que sejam produzidos dentro desse sistema de produção, mas ainda falta produtos, falta os produtores conseguir produzir. Quando a gente conversa com os agricultores, falta assistência técnica, falta gente que conheça, falta auxílio. Então eu tento passar isso também para o técnico, que é importante não só para a vida dele como um todo, mas também como uma possibilidade de renda, porque a agricultura orgânica, esses sistemas alternativos... a procura por esses tipos de produtos cresce a cada ano, e a gente como instituição formadora precisamos dar esse suporte aí para que eles possam atuar futuramente [...] (Docente 2, 2024).

Em outro fragmento de sua fala, ele faz uma comparação da rentabilidade da produção convencional de grãos com a produção de hortifrutigranjeiros, sobretudo aqueles produzidos em sistemas orgânicos:

[...] isso em sala de aula eu acabo conversando, fazendo as vezes a comparação do quanto se é possível ter lucratividade na agricultura extensiva de um grão em grandes áreas, porque, as vezes precisa de uma grande área

para ter o mesmo retorno econômico que tu tens na produção de hortifrutigranjeiros, ainda mais se for em um sistema sustentável, orgânico, enfim, agroecológico (Docente 2, 2024).

Ao ler essas falas acima, surge mais uma vez o questionamento que o autor fez em outro momento a respeito à fala do D4. Será que não está na hora de realizar uma mudança no currículo do curso Técnico em Agricultura, para dar formação mais adequada sobre agroecologia/produção orgânica a esses profissionais? Pois conforme o D2 descreveu, está faltando assistência técnica especializada nesse ramo, visto que é área que está em ascensão dentro do contexto de produção e consumo agrícola.

Quanto a percepção, se os estudantes atribuem importância ou mesmo se sabem sobre agroecologia/agricultura orgânica, o D2 menciona que é variado conforme a turma, não somente do Curso Técnico em Agricultura, mas também dos outros cursos que ele trabalha a temática, porém nos últimos anos tem notado um aumento no número de estudantes que se interessam pela área (Docente 2, 2024).

Complementando sua fala, descreve o seguinte:

Bom, aqui só resumindo né. Muitos estudantes hoje de vários cursos já conhecem essa temática, mas assim, de uma maneira bem superficial, a tal ponto de saber diferenciar orgânico de agroecológico, o que é a questão da certificação, como é que certifica, o que pode e o que não pode. Então é um conhecimento superficial, mas tem. E isso faz com que eles se interessem quando a gente aborda o assunto em sala de aula, para saber e tirar dúvidas (Docente 2, 2024).

O D3 também concorda com os anteriores quando fala da importância desses conteúdos para a formação dos estudantes, porém nota-se em sua fala que ele atribui essa importância mais no sentido técnico, de produtividade e uso de insumos, do que uma visão sistêmica e crítica relacionada aos sistemas produtivos, conforme suas palavras:

Em relação aos conteúdos de agroecologia e de produção orgânica dentro do Técnico em Agricultura eu acho que são importantíssimos, é uma visão diferente da agricultura convencional, seja ela no solo ou fora do solo. Acredito que tenha uma filosofia totalmente diferente por trás disso, onde se preconiza principalmente o equilíbrio ambiental e não altas produtividades em si ou o uso exagerado de insumos, principalmente insumos que vêm de fora da propriedade (Docente 3, 2024).

O D4, assim como os demais, atribui importância à temática e retoma parte anterior de sua fala, onde citou a formalidade desses conteúdos no PPC do curso, descrevendo o seguinte:

Sim, sim, muito importante. É como eu disse, ela está incluída, mas talvez fosse melhor se fosse mais formalizada, né. Tem a disciplina de Gestão

Ambiental que não é bem a mesma coisa né, e talvez devesse ter uma disciplina específica para agroecologia ou produção orgânica e tal. Mas isso também é uma decisão política né, é decidido num coletivo, não é a minha vontade que prevalece. Então tem um coletivo que discute o que o pessoal entende como mais importante ou até também dá para pensar assim mercadologicamente, o que está se buscando com o técnico agrícola, né (Docente 4, 2024).

A partir dessa fala, pode-se subentender o porquê da pouca abordagem sobre agroecologia e temas afins no curso Técnico em Agricultura, pois como já visto anteriormente são poucos/poucas profissionais que trabalham a temática na instituição, e são essas mesmas pessoas que formam o “coletivo” mencionado pelo D4.

Outro aspecto muito importante de ressaltar é a relevância que o D4 dá para a formação mercadológica. Essa afirmação está em contradição com as próprias diretrizes que dão rumos aos IFs, onde dizem que a formação dos estudantes deve ser integral, humana, crítica e para o mundo do trabalho e não para atender ao interesse do mercado.

Continuando sua fala:

Mas eu acho principalmente aquelas pessoas que pretendem fazer uma produção particular, voltar para casa, voltar para sua propriedade, tem espaço para trabalhar nessa área de maneira individual. Voltando para a propriedade até pode ser uma saída para permanência no campo, para valorização dos produtos em agroecologia, pensando em pequenas propriedades. Que claro que o mercado que contrata mais não é a pequena propriedade, são as grandes propriedades, e aí então nessa grande propriedade a gente sabe que o perfil é pouco diferente né, é outro (Docente 4, 2024).

Se identifica que o D4 considera importante a formação agroecológica mais para aquelas pessoas que irão voltar para suas propriedades e produzir basicamente para subsistência. Também traz a expressão “mercado que contrata mais”, referindo-se às grandes propriedades agrícolas e que estas, em sua grande maioria, não têm um perfil para agroecologia.

A partir dessa visão colocada pelo D4, surgem duas indagações. Primeira: por quê um curso ofertado por um Instituto Federal tem que formar mão-de-obra para atender uma exigência do mercado, diga-se, agronegócio? E segunda: será que atualmente ainda são essas grandes propriedades que mais contratam esses profissionais? Essa segunda pergunta se justifica pelo fato do curso, como dito pelo próprio D4, ter cada vez menos procura, o que é um indicativo de que esses profissionais não estão tendo lugar no mundo do trabalho.

Se deixa claro que estas considerações feitas pelo autor não têm o intuito de desmoralizar a maneira como o curso é conduzido nem tão pouco desacreditar os profissionais que são formados nele. O que se questiona, é o porquê do direcionamento ainda muito voltado apenas ao mercado de trabalho.

Se os estudantes já sabiam e se atribuem importância à agroecologia, o D4 fez as seguintes afirmações:

Eu acho que o público é bastante diversificado, alguns sim, alguns a gente vê até que são ligados a movimentos de representação, de grupos de agricultores, de pessoas, de agricultura familiar. São de origem de agricultura familiar, então, alguns sabem, mas outros não. No técnico subsequente tem muito público já vocacionado, as pessoas vêm querendo a formação técnica, mas tem essa diversidade [...] o pessoal que está querendo atuar em grandes culturas e outros estão pensando em voltar para sua propriedade ou até fazer uma assistência técnica mais generalista ou voltada para agricultura familiar (Docente 4, 2024).

Interpretando esse trecho, nota-se que o D4 faz uma análise do perfil dos estudantes partindo apenas daquilo que eles vêm buscar com a formação técnica, desconsiderando o papel fundamental que o IFFar tem que desempenhar, pois deve apresentar todas as formas de produção agrícola, mostrando que existem alternativas ao agronegócio, que são economicamente viáveis e sustentáveis do ponto de vista ambiental e social. Apenas dessa forma a instituição estará cumprindo seu papel de formar profissionais e cidadãos em sua plenitude.

4. Aproximação e distanciamentos da agroecologia com a Missão do IFFar:

Com essa categoria se buscou identificar os pontos convergentes entre a missão do IFFar que está descrita no Plano de Desenvolvimento Institucional, PDI, e os princípios da agroecologia. Como Missão institucional o documento traz o seguinte: “Promover a educação profissional, científica e tecnológica, pública e gratuita, por meio do ensino, pesquisa e extensão, com foco na formação integral do cidadão e no desenvolvimento sustentável” (PDI IFFar 2019-2026, p. 23).

Em primeira análise, apenas lendo a Missão da instituição já se pode inferir que a agroecologia deve estar bastante difundida dentro das práticas pedagógicas e da cultura organizacional. Diante dessa constatação inicial se buscou conhecer o entendimento e opiniões que os docentes têm sobre esse aspecto.

A D1 expõe a mesma percepção que motivou o autor a desenvolver essa pesquisa, pois conforme suas palavras: “A ligação da agroecologia e a missão do Instituto Federal está descrito nos documentos, nos projetos pedagógicos, na Missão

do Instituto Federal, mas efetivamente nós temos poucos trabalhos” (Docente 1, 2024).

Apesar de considerar que existe ainda pouca aproximação entre agroecologia e a Missão institucional, ela cita algumas ações e projetos que vem acontecendo dentro do campus:

Um projeto que tem... nós estamos fazendo com um grupo multidisciplinar é o Sustentabilidade na Prática, ele é um projeto grande, com várias ações de agroecologia né, para que se possa trabalhar inúmeras atividades num objetivo comum, que é chegar a uma sustentabilidade. Então a gente tem, por exemplo, a separação de resíduos orgânicos de resíduos secos, nós temos contato com os catadores, que eles vêm buscar esse material aqui no Instituto Federal. Nós temos a decomposição desses resíduos orgânicos sendo feita por projetos que envolvem, por exemplo, a Mosca Soldado Negro, que é um projeto que é um projeto que eu sou responsável [...] (Docente 1, 2024).

Também descreve as dificuldades encontradas para dar seguimento e fortalecer essas ações, pois muitas vezes não tem a colaboração do restante da comunidade acadêmica, principalmente dos discentes que compõe a maior parcela dessas pessoas, tornando-se fundamental trabalhar continuamente a essência e as práticas básicas desses projetos, sendo, conforme suas palavras: “um trabalho de formiguinha” (Docente 1, 2024).

Finalizando sua fala a D4, indica um avanço, mesmo que ainda insuficiente, em relação à temática comparado ao período de sua formação como discente.

A agroecologia ela é uma missão para quem está dentro das instituições de ensino, ela é uma missão e nós estamos tendo agora, por exemplo, dentro dos programas de políticas públicas, o último Pronaf que nós temos é o Pronaf para agricultura familiar, é o Pronaf agroecologia. Então pensando que eu estudei escondido na década de 90 e que hoje nós temos cursos de pós-graduação em agroecologia em algumas instituições, professores falando de agroecologia, projetos ainda... poucos projetos, mas existem, né. Nessa linha a gente vê que o que a gente fez lá no passado, valeu a pena [...] (Docente 1, 2024).

Esse último recorte da fala da D1, traz esperanças para as pessoas que acreditam e defendem uma produção mais sustentável, mesmo que ainda estejamos muito longe de atingir um sistema agrícola produtivo, pautado em justiça social, seguridade alimentar e equidade na distribuição de alimentos, ações como estas descritas pela D1 mostram que vale a pena continuar lutando por essa causa. É o “trabalho de formiguinha” que aos poucos vai ganhando expressão e permeabilidade no contexto social. Espera-se que esta dissertação de mestrado seja uma dessas “formiguinhas” contribuindo nessa luta.

O D2 em relação ao mesmo questionamento afirma que há relação entre a agroecologia e a Missão institucional, porém através de sua fala se percebe essa relação mais no contexto teórico, pois ele não expõe essa relação com exemplos práticos que aconteçam no campus. Como no trecho abaixo:

[...] a gente tem uma relação com Missão... primeiro de atender o público que é desassistido socialmente, né. Se a gente olha para o lado do meio rural é o pequeno agricultor, e é o que eu imagino que a produção orgânica, a agricultura familiar ela é... seria muito importante que a gente conseguisse como instituto fazer isso, né. Então eu acredito que a agroecologia tem uma relação grande com a missão dos institutos, para o desenvolvimento regional, no desenvolvimento local, certo (Docente 2, 2024).

Talvez essa relação descrita pelo D2 seja o que deva acontecer na realidade, pois converge com o que consta na Lei 11.892, precisamente em seu Artigo 6°. Destaca-se aqui os incisos I e IX do referido artigo:

I – [...] ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional; [...] IX - promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente (Brasil, 2008).

Nesse contexto surge a questão, será que realmente a instituição consegue ajudar a promover o desenvolvimento local, ainda mais levando principalmente tecnologias sociais voltadas à preservação do meio ambiente?

O D4 ao responder esse questionamento foi sincero e respondeu que não lembrava qual a Missão institucional, conforme suas palavras:

Mas sabe que eu de cabeça não me lembro muito bem claro a Missão do IF, mas eu acho que sim, mas eu não tenho assim bem o conceito, bem claro. Para fazer esse paralelo aí eu não tenho muita firmeza no que eu vou responder, mas acredito que sim (Docente 4, 2024).

Considerando essa última fala, pode-se inferir que assim como esse docente, muitos outros que trabalham na instituição, tanto docentes quanto técnicos administrativos, não lembram ou mesmo não sabem qual a Missão e as finalidades que dão rumos aos IFs. Podemos usar como indicativo, o universo de docentes que foram entrevistados para realizar essa pesquisa, onde de 4 pessoas entrevistadas, apenas uma delas relacionou de maneira mais coerente a Missão Institucional com agroecologia e como essa relação acontece na prática.

O entendimento desses conceitos que direcionam a instituição é de extrema importância que todos e todas saibam, e ainda mais importante, pratiquem e difundam

junto à comunidade acadêmica e sociedade em geral, inserindo assim na cultura organizacional.

Diante da preocupante realidade ambiental que vivemos, a Missão institucional do IFFar tem grande valor potencial para propor mudanças nesse cenário, sobretudo por se tratar de uma instituição de ensino que atua em várias áreas do conhecimento, porém o grande desafio que devemos enfrentar, é conseguirmos implantar essa Missão dentro das práticas educativas diárias.

4.2.2 Entrevistas com discentes

Ao todo foram entrevistados 11 discentes, maiores de idade e matriculados no curso Técnico em Agricultura do IFFar – SVS. Ao longo do capítulo os estudantes serão citados por siglas, desde E1 até E11.

Através dos dados das entrevistas, foram organizadas quatro categorias de análises sendo: 1. Entendimentos sobre agroecologia, 2. Memórias de práticas familiares na agroecologia, 3. Importância e utilização dos saberes agroecológicos na vida profissional e 4. Entendimentos dos estudantes em relação a proposta de formação dos Institutos Federais.

O Quadro 4 apresenta as questões mobilizadoras feitas aos discentes e as categorias que formam organizadas. Em relação ao perfil dos estudantes, investigou-se sobre o local de sua moradia, sendo que 73% residem no meio rural e 27% no meio urbano, demonstrando que a maioria dos estudantes residem no meio rural, essa informação tem relevância para ajudar identificar e categorizar o público da pesquisa, bem como servir de análise comparativa, se há influência entre o local de residência dos indivíduos e a relação com a agroecologia.

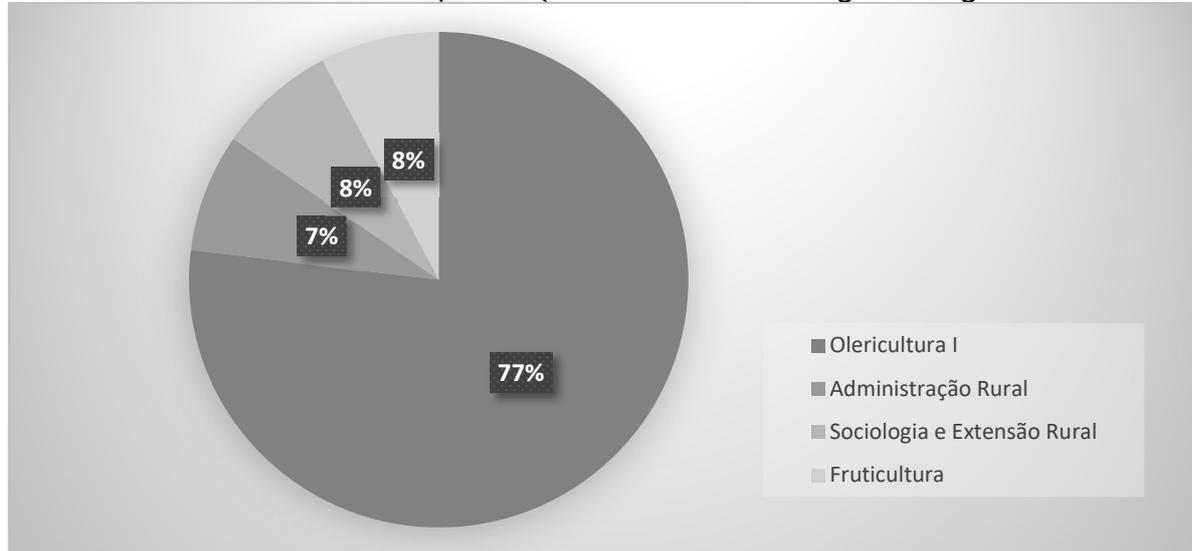
Também foi questionado aos estudantes se já haviam ouvido falar sobre agroecologia e, se sim, em que lugar foi. Todos os estudantes afirmaram já ter ao menos ouvido falar sobre a temática e também que isso ocorreu após ingresso no IFFar, o que demonstra, ao menos em primeira análise, que a instituição parece estar alinhada com sua missão de formar profissionais comprometidos com a sustentabilidade ambiental.

Quadro 4 – Categorias e questões mobilizadoras para entrevista com os estudantes

N°	Categoria	Questão/questões mobilizadora/as
1	Entendimentos sobre agroecologia	Você já ouviu falar sobre agroecologia? Se sim, o que você entende sobre agroecologia? Em alguma disciplina do seu curso, você estudou sobre agroecologia/agricultura orgânica? De que forma a temática foi abordada?
2	Memórias de práticas familiares na agroecologia	Em sua família, você lembra de ter desenvolvido ações agroecológicas? Se sim, quais tipos de ações? Quem te ensinou? Hoje essas ações ainda acontecem? Se sim, na mesma frequência que eram realizadas antes?
3	Importância e utilização dos saberes agroecológicos na vida profissional	Você considera importante estes conhecimentos para sua formação como Técnico (a) em Agricultura? Você acredita que usará estes conhecimentos em sua vida profissional?
4	Entendimentos dos estudantes em relação a proposta de formação dos Institutos Federais	Você sabe que os IFs são instituições de ensino com uma proposta de formação diferente das demais?

Fonte: Próprio autor.

Gráfico 1 – Disciplinas que abordam sobre agroecologia



Fonte: Próprio autor.

Esses dados demonstrados no Gráfico 1 nos permitem comparar aos dados da pesquisa documental no que tange a quais disciplinas constam o termo “agroecologia” em suas ementas, bem como nas disciplinas em que não aparece o termo na ementa, porém foram citadas pelos estudantes, pois os/as docentes abordam a temática durante suas aulas.

Nas disciplinas de Olericultura I e Sociologia e Extensão Rural, conforme pesquisa documental o termo agroecologia consta nas ementas e os estudantes também afirmaram que a temática foi abordada em aula. Nas disciplinas de Olericultura II e Gestão Ambiental o termo agroecologia está presente nas ementas, porém os estudantes, na data da entrevista, ainda não haviam cursado essas cadeiras, devido a isso não foi possível correlacionar, pelo ponto de vista dos estudantes, se realmente a temática é ou não discutida em sala de aula.

Entretanto, na entrevista com os docentes, o D2, que é o responsável por conduzir a disciplina de Gestão Ambiental, afirma abordar a temática em suas aulas, já o D4, que é responsável pela disciplina de Olericultura II, diz que não aborda a temática, pois não é o foco dos conteúdos nessa disciplina, mesmo que conste na ementa como conteúdo programático.

Além das disciplinas já citadas, em que o termo agroecologia aparece em suas ementas, os estudantes também mencionaram que nas disciplinas de Administração Rural e Fruticultura os docentes trabalham aspectos relacionados à agroecologia durante as aulas. Essa informação reforça o que já havíamos constatado anteriormente, que a abordagem ou não da temática está basicamente atrelada apenas ao perfil do/da docente do que a outro fator.

As informações do Gráfico 1 mostram grande similaridade entre as respostas dos estudantes, pois a maioria respondeu que a temática é mais abordada na disciplina de Olericultura I, sendo que apenas 1 entrevistado não a mencionou. Esta informação vai ao encontro dos resultados obtidos com as entrevistas dos docentes, pois conforme demonstrado o docente 2, que é o responsável por ministrar essa disciplina, afirma trabalhar essa temática em suas aulas.

A seguir, serão exploradas as quatro categorias de análise formadas pelas respostas dos discentes.

Categoria 1: Entendimentos sobre agroecologia

Nessa categoria os estudantes foram questionados a responder se já ouviram falar em agroecologia, o que sabem sobre a temática e como ela é abordada dentro do curso Técnico em Agricultura. De maneira geral as respostas foram enxutas e superficiais, pois como segue a fala do E1:

Já, bem certinho aqui no IFF, por questão de aula mesmo, de conteúdo. Bom agroecologia eu estava estudando esses dias e estava comentando com o professor, agroecologia e, como que é o outro mesmo? Agroecologia é muito

semelhante a produção orgânica, então para mim é um pouco confuso... os professores usam uma frase “todo o produto orgânico, não, todo o produto agroecológico é orgânico, mas nem todo produto orgânico é agroecológico”. E até nessa frase eu fico meio... não dá para entender bem (Estudante 1, 2024).

Ao falar da maneira como a temática é abordada dentro do curso e quais são as disciplinas que se referem, o E1 prossegue:

Em duas matérias, em Olericultura I e de ciência, como é que é? Administração Rural, que a gente estuda sobre alguns tipos de métodos de pesquisa. Mais, são exemplos de como é feito, um exemplo é aqui, aqui no IFF a horta a gente não teve demonstração, porque não têm tantas aulas práticas nesse contexto. Mas na questão de outras disciplinas a gente tem muito a parte teórica e explica realmente como que é, por exemplo mostra resultados e pesquisas... a gente assiste vídeos que mostram que ela é agroecológica e mostra efeitos [...] (Estudante 1, 2024).

A E2 também foi sucinta em suas respostas: *“Sim, aqui no curso. Bom é sobre diversidade de plantas, acho que é isso” (Estudante 2, 2024)*. Ela também respondeu que ouviu a respeito da temática na disciplina de Olericultura I, onde o professor falou sobre o uso e manejo de palhada no solo.

Quanto ao E3, ele também expõe que sabe sobre agroecologia a partir do que foi visto nas aulas de Olericultura I, porém nota-se em sua fala uma confusão entre os conceitos de agroecologia e agricultura orgânica, pois conforme segue: *“é são bastante semelhantes, mas é a gente ainda não estudou tanto assim para saber, mas são bem parecidas, eu acho, tivemos um pouco de manejo e teve teórica também” (Estudante 3, 2024)*.

Mesmo todos estudantes relatando que a temática foi explorada em sala de aula, observa-se que há uma grande lacuna entre o que os estudantes definem como agroecologia e o que o termo representa em sua complexidade, pois conforme definido por Miguel Altieri (2004), a agroecologia está disposta a compreender de maneira profunda os princípios de funcionamento dos agroecossistemas, tratando-se de uma nova abordagem que integra princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo.

Ainda sobre a primeira categoria, alguns estudantes deram respostas que mais se aproximam da definição do autor citado acima, como vimos na fala da E4 e dos E5 e E8.

Já, aqui no curso em Administração Rural e Sociologia e Extensão Rural. [...] o que basicamente eu entendo que é uma produção voltada à sustentabilidade né, maior adequação aos recursos naturais que nós temos. [...] a professora comentou bastante, ela incentiva bastante a produção

orgânica e acho que é mais por incentivo, que falta bastante pessoas assim, na área (Estudante 4, 2024).

Quanto ao E5, ele também menciona que já ouviu falar sobre agroecologia durante o curso na disciplina de Olericultura I, em suas palavras:

Olha, eu sei que o manejo tem que ser o mais natural possível para melhor adaptação das plantas, melhor desenvolvimento delas... como não é usado adubo químico e outros, é melhor para a fauna e a flora (Estudante 5, 2024).

Na mesma linha de entendimento, o E8 fez o seguinte relato:

Em agroecologia tem aquele ponto de vista de uso mínimo né, ou até o não uso de agroquímicos, eliminando esse tipo de controle [...], e eu diria que é um meio de evolução no cultivo, por conta que cada vez a gente tem que visar mais a qualidade nos alimentos, por conta que o produto químico sempre vai ter uma reação negativa em nosso corpo [...] (Estudante 8, 2024).

Em outro momento de sua fala, o E8 destaca que por mais que no curso não exista uma disciplina específica sobre agroecologia, o professor de Olericultura I cita bastante e dá ênfase à temática, o que, em seu entendimento, é muito importante. Nessa disciplina o E8 descreve que a temática é abordada da seguinte maneira:

[...] ele citou nas maneiras de cultivo, dando uma certa abrangência, falando sobre os métodos de cultivos, desde o convencional até o agroecológico. E é uma das partes assim que... claro não dá para menosprezar as outras partes que ainda tem a sua maior parte do processo embasados nela né, mas é uma parte que tem que ter um maior reconhecimento, tanto pelos benefícios que traz e também, querendo ou não, é o futuro. É uma coisa que está ganhando cada vez mais espaço, e deve, já que têm benefícios bem expressivos (Estudante 8, 2024).

Observam-se semelhanças na fala dos estudantes 7, 9 e 10, pois além de todos afirmarem terem ouvido falar sobre agroecologia dentro do IFFar, também entendem o conceito do tema como um modo de produção que se aproxima ao máximo do natural, onde o ser humano tem menos controle sobre as atividades. Seguem alguns trechos de suas falas: *“olha, eu acho que é no caso a produção mais aproximada do natural, do processo natural, a gente tem menos controle” (Estudante 7, 2024).*

Sim, o professor falou sobre esse assunto, sei pouco. O professor de fruticultura também falou que é algo que se assemelha ao natural né, que a gente não tem muito controle, porque quanto mais complexo, menos controle a gente tem [...] (Estudante 9, 2024).

A estudante 9 comenta que a abordagem sobre a temática foi mais teórica, com exposição de slides e vídeos em sala de aula, já a E10 descreve que foi feito um composto orgânico na horta do IFFar durante uma aula prática na disciplina de Olericultura I. Esta última também compartilha do entendimento que a agroecologia é

algo mais próximo do natural, conforme sua fala: *“que quanto mais perto a gente chega do natural, a gente não tem um controle”* (Estudante 10, 2024).

Nessas últimas falas percebe-se que os estudantes possuem uma visão limitada em relação ao conceito de agroecologia, pois sim, ela é uma ciência que busca produzir alimentos de forma que interfira o menos possível no meio, porém aborda vários outros aspectos, como culturais, sociais e as peculiaridades regionais.

Na fala do E6 percebe-se que por mais que ele descreva alguns conceitos que são trabalhados dentro da agroecologia, há uma aparente superficialidade nesses conceitos, pois conforme seguem trechos:

Ah, aqui na escola mesmo que falam sempre, o professor [...] também falou, os outros professores, tudo. Ah o [...] falou do cultivo orgânico, essas coisas aí, que estuda a biodiversidade também, produzir coisas saudáveis, alimentos saudáveis e tudo sem agrotóxicos, essas coisas né, isso aí (Estudante 6, 2024).

A fala do E11 foi a que mais destoou das demais, pois ele resume o termo agroecologia a apenas um manejo, conforme suas palavras: *“ah, acho que agroecologia é manutenção de solo, alguma coisa de cobertura, alguma coisa assim que é usado assim, em prol do solo, resumidamente seria conservação do solo”* (Estudante 11, 2024). Este manejo descrito pelo E11 faz parte da produção agroecológica, porém está longe de representar sozinho a temática agroecologia.

Categoria 2: Memórias de práticas familiares na agroecologia

Nessa categoria buscou investigar se os estudantes possuem memórias e saberes agroecológicos provindos de seus meios familiares, quem lhes ensinou, bem como se eram e ainda são realizadas ações nesse viés.

Sobre essa temática o E1 coloca o seguinte: *“creio que não, porém a gente não percebe, às vezes, os tipos de serviços que possam ser agroecológicos e não soubemos que é”* (Estudante 1, 2024).

Nessa resposta se percebe que o entrevistado não possui clara definição do que podem ser consideradas ações agroecológicas, o que vai ao encontro de suas respostas da primeira categoria.

Já a E2 afirma que em sua propriedade a família realiza ações agroecológicas, pois não usam nenhum tipo de produtos químicos em seus plantios, segundo ela ocorre na plantação de eucaliptos: *“sim, na verdade lá nós plantamos eucaliptos e entre as linhas dos eucaliptos nós plantamos o carreiro de feijão”* (Estudante 2, 2024).

Interessante destacar que ela descreve que aprendeu esses manejos com seu pai. Esta forma de aprendizagem é bastante comum e valorizada dentro da perspectiva agroecológica, contudo ressalta que atualmente estas ações vêm diminuindo em relação a frequência que aconteciam no passado.

O E3 tem consciência da maneira como se produz no viés da agroecologia, pois relata que possuem uma horta para consumo próprio da família onde não é usado produtos químicos, porém no cultivo do tabaco, que é a principal atividade econômica da família, é feito o uso. Em suas palavras: *“a gente tem em casa uma horta para o consumo próprio, aí a gente não usa defensivos químicos ou produtos químicos, mas de resto, não”* (Estudante 3, 2024).

Ao ser questionado sobre como adquiriu esses conhecimentos, ele responde: *“eu já vim meio que da lavoura né, a gente planta tabaco lá na nossa casa e eu já tenho um pouco de experiência com a lavoura, daí eu já sei, por isso”* (Estudante 3, 2024).

Os estudantes 8, 6 e 10 também relataram em suas falas que em casa sempre desenvolveram algumas ações ligadas a agroecologia ou ao menos voltadas à agroecologia. Segue um trecho da fala do E8:

Bem, na produção rural, no meio em que eu cresci né, sempre estive imerso, a gente sempre usa né, o mínimo possível de agroquímicos, sempre visando fazer uma capina ou uma catagem ali e evitar ao máximo esse tipo de coisa. Claro a gente não tem acesso a meios biológicos né, por conta que em agricultura familiar é um pouco mais caro, mas a gente sempre evita ao máximo esse tipo de uso, por conta que... bem como não é o certo se falar mas em excesso nos alimentos acaba sendo um veneno né, causa câncer né, e é um dos males mais vistos atualmente né (Estudante 8, 2024).

Quando questionado sobre quem lhe ensinou a respeito da temática, ele responde:

Bem, na família tem pouca influência por conta que meus pais são de pouco estudos, eles não têm nenhum fundamento nessa área. Eu sou o primeiro da família que estou estudando nessa área. O maior conhecimento meu está vindo do curso, aqui alguns professores citam sobre isso, eles dão bastante ênfase nesse tipo de assunto (Estudante 8, 2024).

Nesses dois trechos da fala do E8, percebe-se que o mesmo apresenta consciência dos malefícios que a atividade agrícola no modelo convencional traz consigo e também cita que a maior parte desse conhecimento vem sendo construído durante sua formação no IFFar.

Cabe destacar que o E8 sinaliza que seus pais não possuem conhecimento formal no qual pudessem lhe ensinar aspectos teóricos sobre cultivos

agroecológicos, porém possuem conhecimentos empíricos nessa área, tanto que priorizam o uso de técnicas como capina ou catagem.

O E6 foi mais sucinto em suas respostas porém também descreve que em sua propriedade são realizadas ações voltadas à agroecologia, no entanto não descreve quais tipos de manejos são utilizados, conforme segue o trecho: *“ah foi, tem também as produções tipo orgânica assim, sem agrotóxico né, foi feito sim”* (Estudante 6, 2024). O mesmo afirma que aprendeu com seus pais, em suas palavras: *“ah meus pais né, sempre estive junto no meio rural, a gente já vêm de família”* (Estudante 6, 2024).

Já a E10 menciona alguns manejos voltados à agroecologia: *“sim, lá em casa nós reciclamos as coisas que dão adubo, como folhas, erva mate, essas coisas e colocamos nas plantas, na horta”* (Estudante 10, 2024).

Quanto a quem lhe ensinou e se essas ações ainda acontecem, a E10 faz os seguintes relatos: *“minha avó que fala, ah isso dá adubo, isso dá para fazer isso [...]”* (Estudante 10, 2024). *“Sim, e cada vez mais, com conhecimento a gente vai aprimorando também”* (Estudante 10, 2024).

Os entrevistados 4, 5, 7, 9 e 11 disseram que não realizam em suas propriedades, nem era realizada nenhuma atividade relacionada à agroecologia, alguns explicaram que cultivam tabaco, o que torna difícil tais manejos, porém destaca-se a fala do E5, onde ele demonstra interesse em mudar essa realidade: *“não, nada, mais convencional mesmo. É mais convencional, agora eu quero implementar mais orgânico”* (Estudante 5, 2024).

Com esse trecho da fala do E5, observa-se uma mudança em sua concepção acerca da agricultura, o que pode ser em virtude dos conhecimentos que estão sendo construídos durante o curso Técnico em Agricultura.

Categoria 3: Importância e utilização dos saberes agroecológicos na vida profissional

Nessa categoria os estudantes foram questionados a descrever o quanto consideram importante a temática agroecologia, bem como se acreditam que irão utilizar esses conhecimentos em suas vidas profissionais. No geral as respostas foram similares, sendo que a totalidade dos entrevistados disse considerar importante e que em algum momento de suas vidas irão utilizar. Segue a fala do E1:

Claro, eu creio que ainda não estou assimilando 100% os conceitos do que é orgânico ou agroecológico, porque ainda estamos estudando e aprendendo bem sobre isso, mas acredito que seja bom para nosso estudo e para um dia na nossa vida profissional [...] por exemplo, até um produtor se gostaria de usar, para dar assistência e mostrar como funciona (Estudante 1, 2024).

Já os estudantes 4, 9 e 11 colocam o seguinte em suas falas:

Considero importante, porque cada vez mais isso, esse tema vem sendo abordado e muitos técnicos não vão para essa área e realmente está faltando técnicos e agrônomos nessa área” (Estudante 4, 2024).

Eu acho que tudo que a gente aprende, a gente vai levar para a frente né, então para mim, por exemplo, posso não ter conhecimento, mas eu vou chegar num lugar que eu vou precisar saber, por mais que não tenha ligação na família. Então eu acho que sim, é essencial saber um pouco de tudo (Estudante 9, 2024).

[...] porque daí eu acredito que futuramente a maioria das coisas, não digo assim por obrigação, mas vai ser uma necessidade porque todos esses contratemplos que estão acontecendo aí, clima e coisa, acredito que ajude, né [...] acredito que sim, porque a gente vai precisar dar assistência né, em muitos casos vai precisar dar assistência e acredito que tenha que saber nem que seja o básico né, e é bem precário né (Estudante 11, 2024).

Nas falas desses três estudantes, nota-se que além de todos atribuírem importância à agroecologia, também sinalizam que essa área está em ascensão e há uma precariedade de assistência técnica capacitada para atender produtores e produtoras interessados em ingressar nesse tipo de produção.

Nessa linha de pensamento, o E8 destaca que esse fator pode ser uma oportunidade de atuação profissional, segue sua fala:

Considero sim, por conta que primeiramente é uma área que está agregando muito valor de mercado né, esses produtos sem uso de agroquímicos estão sendo muito valorizados por serem mais benéficos à saúde e também por ser uma área que está em desenvolvimento, então é uma boa oportunidade de trabalho também. Sim, o meu principal objetivo de trabalho não é na área de olerícolas nessa parte assim, eu quero ir para anuais mas creio que até mesmo nessa área que há um maior uso, a gente pode tentar dar uma amenizada nesse uso de agroquímicos. Não vai se tornar obviamente uma produção completamente livre desses produtos, mas dá para sempre visar o uso mínimo né, visar o mínimo para amenizar custos e também ter maior qualidade de vida né, até mesmo para os operadores ter menos contato com esses tipos de produtos (Estudante 8, 2024).

Nesse trecho se observa uma maior relevância ao fator econômico que a atividade pode proporcionar aos futuros técnicos, porém também há a consciência que mesmo em monoculturas anuais é possível diminuir o uso de produtos químicos.

Os demais estudantes responderam esses questionamentos de maneira mais sucinta, normalmente utilizando expressões mais curtas, como nos trechos da fala do E6: “ah é importante né, ter um pouquinho mais de conhecimento” (Estudante 3, 2024). “Oha, acredito que sim” (Estudante 3, 2024).

A E7 traz um aspecto interessante em sua fala, pois na categoria anterior ela coloca que em sua propriedade não são realizadas ações no viés agroecológico, porém ela está tentando mudar essa realidade, segue um trecho de sua fala: *“sim, até estou tentando mudar o jeito de produção lá de casa, o nosso jeito de produção”* (Estudante 7, 2024).

Categoria 4: Entendimentos dos estudantes em relação a proposta de formação dos Institutos Federais

Essa categoria buscou saber qual o entendimento dos estudantes em relação a proposta de ensino que os Institutos Federais oferecem e se compreendem os propósitos de formação integral, crítica e humana que essas instituições devem proporcionar.

As respostas foram bastante diversas, porém se observou que praticamente a totalidade dos entrevistados não possuem compreensão do modelo formativo que os IFs operam, ou ao menos deveriam operar, conforme descrito em suas bases legais.

O E1 respondeu a esse questionamento de maneira que fez uma comparação entre o ensino ofertado pelo IFFar e a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, e também citou que o IFFar está mais voltado para parte agrária. Conforme trechos de sua fala:

Vou dar exemplo na UFSM que é a mais famosa aqui da região, mais perto também, tem um pouco de diferença da universidade, que aqui se estuda mais a parte agrária, aplicada assim e de forma... muita gente fala que é muito semelhante os cursos, por exemplo agronomia e um técnico. O técnico aqui é extremamente bom, eu acho até bastante complexo por ser o técnico [...] (Estudante 1, 2024).

A E2 e os estudantes 5 e 7 responderam o questionamento indicando que o IFFar está bastante voltado para o ensino prático, ao contrário de outras instituições que eles têm conhecimento.

Trecho da resposta da E2: *“acho que sim, acho diferente das demais que tem né, como lá em Santiago, tem a URI, é diferente do que aqui, aqui tem mais técnico, né, tipo: aulas práticas, lá acho que lá não tem muito”* (Estudante 2, 2024).

Nesse mesmo viés, os estudantes 5 e 7 descrevem:

Sim, é uma formação mais voltada para o técnico mesmo né, mais na prática, onde todo o conhecimento que recebe em aula é posto mais na prática mesmo (Estudante 5, 2024).
Aham, acredito que é, acredito que é diferente. Aqui além de eles abordam a parte teórica, eles abordam principalmente a parte prática, e é isso que é

bom, que daí a gente pode aprender tanto na teórica, quanto na prática (Estudante 7, 2024).

Os estudantes 3, 4 e 11 compreendem que o ensino desenvolvido no IFFar está mais atrelado para área agrária, conforme suas palavras, muito ainda pelo histórico do *campus*. Destaca-se uma das falas:

Sim, acredito que sim. Por que aqui eu acredito que seja mais voltado para a área agrícola, tem outros ensinamentos né, tem outras questões, tem adm.... mas eu acho que é mais voltado para a área agrícola, tanto que o colégio é conhecido como colégio agrícola (Estudante 4, 2024).

O E8 respondeu essa questão relacionando à abordagem ou não da temática agroecologia dentro do IFFar e em outras instituições de ensino, segue sua fala:

Pois é, eu não tenho muito conhecimento como é trabalhado em outros locais, mas eu espero que como aqui é abordado esse tipo de assunto, eu espero que nesses outros locais também sejam né, qualquer meio de dissipação de informação sobre isso também espero que seja mais falado e que tenha né, uma visão da população em geral, que tenha esse certo conhecimento no meio agrícola como um todo, que a gente tente sempre usar o mínimo possível. Tem gente que eu acho que pensa, ahhh é... eles gostam de usar essa parte de químicos mas acho que toda pessoa que tem real ciência né, não gosta de usar. (Estudante 8, 2024).

A fala da E9 a respeito dessa última categoria traz um aspecto interessante e diferente das demais:

É diferente, porque tanto nas aulas teóricas quanto práticas, os professores estão sempre acompanhando a gente, qualquer erro, qualquer coisa, eles estão sempre ali, sabe. E aqui no IFF não é só ensino, aqui todo mundo é família assim, porque é cuidado em tudo que é lugar que tu vai tem um cuidado assim, coisa que faculdade não tem, faculdade tu tem que se virar, e aqui não, aqui a gente tem os professores sempre, sempre para auxiliar a gente. Eu acho que isso que é diferente [...] (Estudante 9, 2024).

Essa resposta foi a que mais se aproximou do intuito do questionamento, pois mostra que no processo de ensino da instituição há preocupação com os estudantes em vários aspectos, não se limitando apenas ao ensino formal acadêmico, como a própria estudante descreve, “*não é só ensino, aqui todo mundo é uma família*”. A partir dessa fala se compreende que sim, pelo menos em partes, o IFFar está cumprindo com o seu propósito de formação integral e humana.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Este capítulo destina-se a esclarecer o que é um PE bem como, apresentar e analisar o PE intitulado: “Saberes agroecológicos na formação do Técnico em Agricultura”. Este produto foi desenvolvido paralelamente à dissertação de mestrado, Memórias Agroecológicas e as Relações com a Educação Profissional Tecnológica, ambos estão vinculados à linha de pesquisa Organizações e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT do Profept.

5.1 CONCEITUANDO PRODUTO EDUCACIONAL

O desenvolvimento de um PE é uma das exigências para a conclusão de um mestrado ou doutorado profissional na área de ensino, essa exigência visa assegurar que o conhecimento produzido seja aplicado em contextos reais e relacionados a temática central da pesquisa, buscando integrar teoria e prática na educação para atender às necessidades específicas do ambiente educacional, contribuindo para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem.

O regulamento do ProfEPT no âmbito do IFFar, em consonância com o Regulamento Nacional do Programa de Pós-graduação em EPT, em seu Artigo 30, traz o seguinte texto:

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC - constitui-se em um produto educacional que possua aplicabilidade, considerando a tipologia definida pela área de Ensino. O produto educacional deverá ser acompanhado de um relatório da pesquisa que contemple o processo de desenvolvimento/validação do produto, podendo ser construído em forma de dissertação ou artigo, e terá seus critérios de avaliação definidos Colegiado do Curso (Brasil, 2017 p. 8 -9).

No documento da Área do conhecimento 46, que corresponde ao ensino, a CAPES define produto educacional, sendo:

[...] o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder uma pergunta ou a um problema, ou, ainda, a uma necessidade concreta associadas ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. Pode ser produzido de modo individual (discente ou docente) ou coletivo. A apresentação de descrição e de especificações técnicas contribui para que o produto ou processo possa ser compartilhável ou registrado (CAPES, 2019a, p.16).

Conforme Dourado e Colombo (2023), o PE é um resultado originado de uma pesquisa científica desenvolvida em uma dissertação ou tese profissional, porém não

se limita a ela, mesmo devendo estar relacionado ao tema e aos objetivos do trabalho acadêmico, o PE deve possuir autonomia e consistência como um recurso didático, com potencial para ser utilizado e replicado por outros profissionais da educação em diversos contextos no processo de ensino e aprendizagem.

As mesmas autoras, descrevem que para elaborar qualquer PE de maneira adequada é indispensável se observar alguns critérios objetivos que serão considerados no momento da validação/avaliação do produto pelos examinadores, são eles: aderência, usabilidade, publicidade, relevância e inovação (Dourado e Colombo, 2023).

A aderência consiste na relação entre o PE e as características da linha de pesquisa e do macroprojeto em que a pesquisa está contida dentro do ProfEPT, já a usabilidade diz respeito à funcionalidade desejada do PE, ou seja, o quão simples e prático será seu uso pelo público-alvo. Nesta característica estão envolvidos aspectos relativos a transparência das informações/instruções, acessibilidade ao PE e facilidade de sua replicação (Dourado e Colombo, 2023).

A publicidade do PE consiste na maneira como ele estará disponível para o público-alvo e demais comunidade acessá-lo, sendo feita a disponibilização nos canais oficiais do ProfEPT e em sistemas de informações como eduCAPES e ISBN, essas ações visam incentivar seu amplo acesso e utilização. Quanto ao aspecto “relevância”, está atrelado aos efeitos que tal PE terá sobre quem lhe fizer uso. Nesse contexto é necessário entender de maneira clara os objetivos de sua elaboração, considerando o público-alvo a que se destina (Dourado e Colombo, 2023).

As autoras trazem também o aspecto “inovação”, este que distingue um PE dos demais existentes na mesma área, devido ao seu caráter inovador ou original, seja em termos de conteúdo, metodologia, tecnologia ou formato (Dourado e Colombo, 2023).

Corroborando sobre a temática, além das características já citadas, as autoras Gonçalves *et al.* (2019), destacam a importância da linguagem que é utilizada no PE, pois esta deve ser voltada para o público-alvo a que se destina, tornando fácil sua compreensão e manuseio. Fazem destaque também para a capacidade de replicação do PE, tais aspectos vão ao encontro da usabilidade já mencionada.

Ainda essas autoras mencionam mais dois importantes aspectos relacionados aos PE, que são a internacionalização e a acessibilidade. A primeira refere-se à possibilidade de replicação e/ou utilização do PE por público que não falem o mesmo

idioma de origem do produto, já a acessibilidade é a capacidade do PE ser utilizado por pessoas com deficiência, de forma autônoma e segura, totalmente ou parcialmente assistido (Gonçalves *et al.* 2019).

A fim de catalogar os PE mais relevantes para cada área de avaliação, no ano de 2019 foi criado pela CAPES um grupo de trabalho (GT) que desenvolveu uma metodologia de avaliação da produção técnica e tecnológica aplicável a todas às 49 áreas de avaliação. Na mesma produção técnica o GT recomendou que cada área de avaliação selecionasse até 10 produtos como aqueles principais para avaliação dos programas de pós-graduação da área (Brasil, 2019).

Para a área 46, que corresponde a área de conhecimento do ensino, foram selecionados 10 tipos de produtos educacionais, são eles: 1 - Material didático/instrucional; 2 - Curso de formação profissional; 3 - Tecnologia social; 4 - Software/Aplicativo; 5 - Evento Organizado; 6 - Relatório Técnico; 7 - Acervo; 8 - Produto de comunicação; 9 - Manual/Protocolo; e 10 - Carta, mapa ou similar (Brasil, 2019).

Na presente pesquisa foi desenvolvido um PE sob a forma de episódios de *Podcast*, o qual se enquadra como um Produto de comunicação, que conforme a definido pela CAPES deve implicar na existência de um intermediário tecnológico que possibilite a realização da comunicação, caracterizando-se, assim, como um produto midiático. O termo mídia abrange o conjunto de emissoras de rádio e televisão, jornais, revistas, cinema e outras formas de comunicação de massa, além das novas mídias sociais em suas diversas plataformas (Brasil, 2019).

5.2 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO EDUCACIONAL EM FORMATO DE PODCAST

A utilização de transmissão de áudios através de *Podcast* teve origem em 2004 a partir de uma adaptação de uma tecnologia já existente, possibilitando que esses arquivos de áudio chegassem de forma automática aos computadores ou dispositivos portáteis, inicialmente essa tecnologia foi desenvolvida para uso exclusivo da Apple (Falcão e Borges, 2018).

As mesmas autoras colocam que a nomenclatura surgiu algum tempo depois que a tecnologia já estava sendo utilizada, durante uma reportagem do jornal britânico The Guardian, um jornalista referiu-se como “*podcasting*”, descrevendo um

“movimento de *blog* via rádio” que estava acontecendo nos Estados Unidos. O nome utilizado significava a união das palavras “*pod* mais *cast*”, em analogia ao iPod da Apple e a palavra *broadcast*, que significa transmissão (Falcão e Borges, 2018).

Ainda Falcão e Borges (2018), definem *podcast* como uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob encomenda de conteúdos em áudio, ou ainda, como um sistema de produção e difusão de arquivos sonoros ou como um sistema de produção e difusão de arquivos sonoros que possuem semelhanças com programas de rádio, porém estes são conceitos em movimento, que podem ter novas definições com a evolução do *streaming* (Falcão e Borges, 2018).

Entre os vários contextos que se pode utilizar *podcast*, inclui-se o ensino, conforme destaca Leal (2024), o *podcast* é uma ferramenta de mídia que cada vez mais está sendo utilizado e reconhecido como um recurso didático devido sua praticidade em produzir e disseminar conteúdos de maneira dinâmica. Além desses aspectos o consumo de *podcast* possibilita a otimização do tempo, pois o usuário pode acessar em diversos locais, até mesmo enquanto realiza outras atividades cotidianas.

Sob o viés educacional que se procurou desenvolver o PE: “Saberes agroecológicos na formação do Técnico em Agricultura”, o qual consiste em uma série com quatro (4) episódios de *podcasts* abordando a temática agroecologia. O público-alvo da série foram estudantes dos cursos técnicos em agricultura.

Cada episódio possui duração de 10 minutos a 15 minutos, sendo o primeiro deles destinado a apresentar a temática e os principais aspectos da pesquisa de dissertação; o segundo e o terceiro episódio foram construídos a partir das falas dos docentes entrevistados, dando enfoque aos aspectos de como a agroecologia é ou não é discutida em sala-de-aula. O último episódio traz abordagens da “agroecologia na prática”, seus desafios e nuances sob o olhar de um produtor orgânico/agroecológico certificado. A série de *podcasts* se encontra disponível na plataforma do Spotify no seguinte *link* de acesso: <https://open.spotify.com/show/6gxjz87pUmMoal0oJ9hJCu>, que também está cadastrado no repositório de Produtos Educacionais da eduCAPES.

5.3 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

A etapa de avaliação do PE pela comunidade da EPT constitui-se em um momento importante, trazendo elementos para seu aprimoramento e

complementação. Visando avaliar o PE, neste contexto, foram escolhidas três (3) categorias de agentes que dão corpo e voz aos cursos técnicos em agricultura, que são: os docentes, discentes e Técnicos Administrativos em Educação envolvidos diretamente nas práticas pedagógicas do curso.

Esse público foi contatado via *e-mail* institucional, onde foi explicado resumidamente a dissertação e o PE, além de explicar o porquê haviam sido escolhidos para realizar sua avaliação. Juntamente, no *e-mail* foi enviado o *link* de acesso da série de podcast e o *link* de uma planilha do google *forms* com um breve questionário, a fim de saber quais suas percepções sobre o PE. Na sequência são apresentadas as questões propostas, as respostas obtidas e a análise do pesquisador,

1- Que segmento você representa?

- Docente
- Técnico Administrativo em Educação
- Estudante.

A maioria das respostas veio do segmento dos técnicos administrativos em educação, representando 50% do total, enquanto os docentes e estudantes representaram os outros 50%, sendo 28,6% docentes e 21,4% estudantes. Cabe destacar que o PE e o *google forms* foram enviados para a mesma quantidade de respondentes em cada um dos três segmentos, porém alguns não retornaram.

2- Você avalia o tema da série de *podcast* como:

- Pouco importante
- Importante
- Muito importante

Quanto a esse questionamento 78,6% dos respondentes consideraram o tema muito importante e 21,4% disseram ser importante. Nenhuma resposta avaliou como pouco importante.

3- O tema da série de *podcast* tem relevância social?

- Sim
- Não
- Em parte

Nessa pergunta, cem (100%) por cento afirmou que o tema possui relevância social.

4- Considerando a sua experiência em ouvir a série de *podcast*, a temática traz informações importantes sobre a agroecologia na formação dos técnicos em agricultura?

- Traz muitas informações
- Traz informações básicas
- Traz poucas informações

A respeito dessa questão 71,4% do público considera que a série de *podcast* traz muitas informações importantes, enquanto 28,6% do público disse que a séries traz informações básicas.

5- Considerando a sua experiência em ouvir a série de *podcast*, a temática apresentada consegue explorar as relações entre formação integral e agroecologia?

- Sim
- Não
- Em parte

Nesse questionamento, 85,7% dos ouvintes avaliaram que sim, a série de *podcast* consegue explorar as relações entre formação integral e agroecologia, enquanto 14,3% disseram que consegue em parte.

6- Considerando a sua experiência em ouvir a série de *podcast*, a temática apresentada consegue explorar questões relacionadas as memórias agroecológicas dos entrevistados?

- Sim
- Não
- Em parte

Nessa questão, 92,9% dos ouvintes disseram que sim, o produto educacional explora questões relacionadas as memórias agroecológicas dos entrevistados, enquanto 7,1% disseram que consegue em parte.

7- Na sua análise, esta série de *podcast* pode ser usada como recurso didático?

- Sim
- Não

Nesse questionamento, todos os respondentes disseram que sim, a série de *podcast* pode ser usada como recurso didático.

8- Como você avalia a linguagem utilizada na série de *podcast*?

- Muito adequada
- Adequada

() Pouco adequada

Quanto a essa questão, 64,3% do ouvintes avaliaram a linguagem como adequada e 35,7% avaliaram como muito adequada.

9- Qual episódio da série de *podcast* você avalia como sendo o mais importante?

() Primeiro episódio, o qual realizou a contextualização da pesquisa desenvolvida, bem como alguns conceitos sobre Agroecologia e Educação Profissional e Tecnológica

() Segundo episódio, o qual apresentou as falas dos docentes que trabalham com saberes agroecológicos na formação do Técnico em Agricultura, trazendo o processo de suas formações acadêmicas

() Terceiro episódio, o qual apresentou as falas dos docentes que trabalham com saberes agroecológicos na formação do técnico em agricultura, trazendo suas visões e perspectivas sobre como o tema é explorado dentro do IFFar de São Vicente do Sul

() Quarto episódio, o qual apresenta depoimento de um agricultor que utiliza a agroecologia

() Todos os episódios.

Em relação a última questão de múltipla escolha, 78,6% dos ouvintes disseram que todos os episódios da série são igualmente importantes, enquanto 14,3% avaliaram o quarto episódio como sendo o mais importante, e 7,1% disseram ser o primeiro episódio como mais importante.

10- Quais suas sugestões você tem para que este produto educacional, em formato de série de *podcast*, seja aprimorado e atinja de uma forma mais potente os estudantes do curso Técnico em Agricultura dos Institutos Federais?

Quanto a essa última pergunta, apresentamos algumas opiniões dos ouvintes/avaliadores:

Achei interessante a abordagem, fica como sugestão, dar sequência aos episódios, envolvendo também a visão dos cursos superiores, mas acima de tudo, que estes episódios sejam divulgados em todos os Campis do IFFAR. Buscando abrir um leque e até mesmo instigar os professores a abordarem o assunto em aula (Avaliador/a 2, 2025).

Essa fala mostra que o/a avaliador/a dá importância à temática agroecologia e que vê na série de *podcast* uma oportunidade para que a temática seja expandida para mais pessoas interessadas. Essas sugestões são possíveis de serem

incorporadas ao PE, pois o autor entrará em contato com os docentes coordenadores de cursos dos outros Campis do IFFar, questionando se têm interesse em divulgar essa série junto a seus estudantes. E, em possíveis episódios futuros, será abordado também a visão dos cursos superiores.

A versão atual nos dá uma boa ideia dos desafios do ensino da Agroecologia no ensino técnico, proporcionando uma boa reflexão sobre o que temos que avançar. Uma sugestão seria elaborar uma continuidade, com mais episódios que relatem a experiência de outros produtores agroecológicos e, quem sabe, de pesquisadores sobre o tema agroecologia, que possam auxiliar na disseminação dos conhecimentos técnicos agroecológicos e incentivar os alunos e servidores a se aprofundar mais neste tema (Avaliador/a 4, 2025).

Essa sugestão do/da avaliador/a 4, de dar continuidade a série trazendo mais episódios, já era um objetivo do autor quando gravou esses primeiros 4 episódios. Espera-se, que em um futuro próximo, a série consiga trazer novas abordagens sobre agroecologia, bem como entrevistar mais pessoas ligadas à área.

Gostei bastante da temática, da forma como foi conduzida o estudo (sequência lógica). Os episódios da série do podcast são bastante didáticos. Uma sugestão é realizar uma entrevista com profissionais que estejam atuando na área de agroecológica (não lecionando), para que possa fazer um relato de como está essa atividade fora do mundo acadêmico. Por fim, outras questões importantes da agroecologia, além das melhorias para solos e meio ambiente que também pode ser tema dos podcasts são o valor agregado ao produto agroecológico e a possibilidade de se poder criar selos certificadores de qualidade do produto. Bom este tema é vasto e realmente precisa de muitos estudos. Parabéns pelo trabalho! (Avaliador/a 11, 2025).

Atender a sugestão de trazer mais episódios, entrevistando outras pessoas além de docentes, é um dos objetivos do autor para futuras gravações. Espera-se conseguir entrevistar mais produtores e produtoras, além de pesquisadores que estejam fora de sala-de-aula, bem como investigar ações relacionadas à agroecologia que estejam acontecendo na região.

A análise a seguir destaca: “A série de podcast está muito boa, pode ser apresentada como uma série didática, só precisa melhorar um pouco o intervalo de fala, tentar sair um pouco das travadas, mas de resto está tudo ótimo” (Avaliador/a 13, 2025). Essas travadas e outras falhas de gravação percebidas pelo/a avaliador/a 13, também foram percebidas pelo autor no momento das gravações, porém aconteceram devido à pouca experiência do mesmo em conduzir gravações de *podcast*. Com as próximas gravações, essas falhas serão ajustadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dessa pesquisa ocorreu a partir da pergunta motivadora: “Quais são as memórias que os estudantes e os docentes do curso Técnico em Agricultura possuem em relação à agroecologia e quais relações pode-se estabelecer com os propósitos da EPT?”.

Como primeira ação, foi realizada uma busca no banco de teses e dissertações da CAPES com o intuito de conhecer quais e quantas pesquisas similares à proposta desse estudo já haviam sido realizadas. Foi aplicado um filtro temporal dos últimos cinco anos. Como resultado, foram encontrados apenas 13 títulos dentro de um universo de 1.527.713 trabalhos cadastrados na plataforma na data pesquisada. Em posse dessa informação, o autor deu continuidade ao desenvolvimento do presente trabalho, pois observou-se que essa área ainda é pouco explorada e apresenta um grande potencial para novas investigações.

Dentro desse contexto, para conduzir o processo investigativo foi traçado como objetivo principal: investigar quais são as memórias que os estudantes do curso Técnico em Agricultura do IFFar *campus* São Vicente do Sul possuem em relação à agroecologia e quais relações podem se estabelecer com os propósitos da EPT, além dos objetivos secundários de: registrar as memórias e os entendimentos dos estudantes do curso Técnico em Agricultura em relação à agroecologia; entrevistar os docentes em relação aos saberes agroecológicos e a formação dos técnicos em agricultura; e desenvolver, aplicar e avaliar o Produto Educacional em formato de *podcast*.

O trabalho foi conduzido sob uma abordagem qualitativa, utilizando-se de um estudo de caso. Para tratamento dos dados foi adotada a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). Foi realizada pesquisa documental e pesquisa de campo, a primeira analisou documentos de PPCs de cursos, o PDI 2019-2026 do IFFar e a Lei nº 11.892/2008, enquanto a segunda caracterizou-se por realizar entrevistas com docentes e estudantes.

De maneira geral, os resultados obtidos com a pesquisa documental mostram pontos divergentes entre os documentos analisados, pois tanto a Lei nº 11.892/2008 quanto o PDI 2019-2026 trazem a temática sustentabilidade ambiental como uma das prioridades para os IFs. No entanto, ao analisarmos os PPCs dos cursos do Eixo de Recursos Naturais, notamos que o assunto não tem representatividade significativa

nesses documentos. Essa constatação vai ao encontro dos resultados demonstrados em campo, por conseguinte, observamos que são pouquíssimos docentes que abordam agroecologia e temas afins. Ainda, observou-se, a partir da fala dos estudantes, que esse público têm uma compreensão superficial a respeito do tema.

No entanto, apesar de termos observado que a temática agroecologia é pouco explorada na instituição, destaca-se que alguns estudantes do curso Técnico em Agricultura afirmaram ouvir sobre agroecologia em duas disciplinas além das listadas pela pesquisa documental. Tal fato demonstra que a temática agroecologia, para ser ou não abordada dentro do contexto de ensino do IFFar *campus* São Vicente do Sul, sobretudo nos cursos do Eixo de Recursos Naturais, depende basicamente do perfil do/da docente, pois a instituição ainda não possui uma cultura organizacional voltada à sustentabilidade e à promoção de ações correlatas.

Em relação aos objetivos da pesquisa, considera-se que o estudo, no geral, conseguiu atingi-los de maneira satisfatória, por meio da análise das entrevistas com os estudantes foi possível identificar algumas memórias que esse público possui, além de fazer correlações com a forma como a Educação Profissional Tecnológica é desenvolvida dentro do IFFar, *campus* de São Vicente do Sul, contemplando assim o objetivo geral da pesquisa. Também foi possível coletar alguns entendimentos e perspectivas dos docentes que trabalham com agroecologia dentro do *campus*, além da produção e avaliação do produto educacional em formato de *podcast*.

Cabe destacar que o objetivo de conhecer as memórias agroecológicas dos estudantes foi parcialmente contemplado, pois poucos estudantes mencionaram em suas falas sobre agroecologia no contexto domiciliar, e quando fizeram, foi de maneira superficial. Esta “falta de memórias agroecológicas”, acontece muito provavelmente devido à pouca notoriedade que agroecologia possui no contexto produtivo agrícola, visto que este se vê imerso no viés do agronegócio, das monoculturas e latifúndios.

O agronegócio que é um cenário completamente oposto a agroecologia, infelizmente está muito enraizado em nossa realidade, sendo diariamente “legitimado” pelas grandes mídias e redes sociais, com *slogans* do tipo: “o agro é pop” o “agro é top”, o “agro é isso, o agro é aquilo”. Esse movimento ocasiona o engajamento de grande parte da população, defendendo e apoiando esse modelo de produção, porém essas pessoas não compreendem a real dimensão de todo o funcionamento do agronegócio e de todas as problemáticas ambientais e sociais que ele acarreta.

É sobre a perspectiva de contestar esse *status quo* em que a produção agrícola brasileira se encontra que se desenvolveu essa pesquisa, na medida em que, na visão do autor, uma instituição de ensino, sobretudo pública e que possui princípios de formação integral, não pode fazer parte do mecanismo de legitimação de um modelo produtivo que se baseia na exploração desenfreada de recursos ambientais e acumulação de renda e terras para uma minoria. Pelo contrário, esses espaços de ensino devem abordar o agronegócio com criticidade, expondo todas as suas faces e demonstrando aos estudantes que existem alternativas a esse modelo.

É dentro desse viés, de não deixarmos que os IFs sucumbam e se tornem mais um mecanismo dentre tantos outros a serviço do capital, que devemos manter vivos os princípios de formação integral para os quais essas instituições foram criadas. No entanto, para que isso aconteça, torna-se imprescindível que todas as pessoas envolvidas no processo de ensino conheçam, discutam e promovam tais princípios, e que a formação em EPT seja uma prática institucionalizada dentro dos IFs, desde o momento de seleção de novos servidores, nas provas de concursos, essas questões já devem ser contempladas.

O autor defende esse ponto de vista, sobretudo nas questões relacionadas a produção agropecuária, de modo que, já prestou quatro provas de concurso público para essas instituições relacionadas a área, duas para técnico administrativo em educação e duas para docente e observou que em nenhuma dessas provas foram encontradas questões relacionadas a formação integral, EPT e, tampouco, no conteúdo específico, questões sobre agroecologia ou temas afins.

Esse fato é apenas um exemplo, porém demonstra como os princípios dos IFs não são trabalhados de maneira satisfatória, visto que os servidores, em sua maioria, desconhecem a real finalidade para que essas instituições foram criadas e acabam reproduzindo o que aprenderam ao longo de suas trajetórias acadêmicas e profissionais, tenha sido em universidades ou em outros locais.

Sob esses aspectos, ao final dessa pesquisa, foi possível o autor concluir que há necessidade de mudança nas matrizes curriculares dos cursos do eixo de Recursos Naturais do IFFar. Deve-se incorporar às ementas curriculares disciplinas e discussões que abordem efetivamente sobre sustentabilidade na produção agropecuária, caso contrário, estaremos girando em ciclos e reproduzindo as mesmas formações que os docentes entrevistados tiveram na década de 1990/2000.

Como mencionado anteriormente, os objetivos da pesquisa, de maneira geral, foram alcançados, porém o objetivo maior, e que motivou o desenvolvimento desse trabalho, infelizmente, ainda está longe de ser atingido, que é a sustentabilidade como um fim, não apenas no âmbito da produção agrícola e na esfera educacional, mas nos mais diversos contextos sociais. Sob esse entendimento, essa pesquisa, é apenas uma ação entre tantas outras que são necessárias para atingirmos tal objetivo.

É como nos disse a docente 1 em um trecho de sua fala, se referindo a sustentabilidade, “temos que fazer um trabalho de formiguinha”. É bem nesse sentido que a luta continua e se intensifica, pois todos que acreditam nessa causa devem ser as “formiguinhas” em seus espaços de atuação, seja no contexto que for, dentro das diferentes realidades.

Nesse intuito de entender que a sustentabilidade é algo a ser tratado de maneira omnilateral, todo trabalho e pesquisa investigativa com a temática agroecologia se encaixa muito bem nesse viés, conforme, abordado ao decorrer dessa dissertação, agroecologia é uma filosofia de vida que vai muito além da produção de alimentos, de forma que abrange aspectos sociais e humanos, o que justifica ainda mais sua necessidade de ser contemplada dentro dos currículos escolares.

Para o autor, a realização dessa pesquisa vai muito além de apenas conferir-lhe o título de mestre em educação, ela se configura como uma importante etapa em sua constante construção de conhecimentos e aprendizagens. Além disso, espera-se que esse trabalho contribua, mesmo que de maneira singela, para o avanço científico das ciências sociais e do ensino rumo à sustentabilidade social, ambiental e econômica.

Logicamente, assim como toda pesquisa acadêmica, essa dissertação está longe e não tem a intenção de esgotar as investigações a respeito da agroecologia e sustentabilidade na educação. Pelo contrário, espera-se que cada vez mais pesquisadoras e pesquisadores se interessem e investiguem a temática, pois além de ser um campo fértil para pesquisas futuras, sem dúvida, será por meio de uma educação crítica e libertadora que iremos evoluir como espécie e, quem sabe, um dia nos tornar seres sustentáveis.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena., Histórias dentro da História., **Fontes Históricas**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; São Paulo: Contexto, 2005. p. 155 – 202.

ALMEIDA, M. G. de, & MARIANI, V. de C. P. **Memórias na educação profissional e tecnológica: o estado do conhecimento sobre pesquisas direcionadas a implementação dos institutos federais**. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 17(4), e6008. 2024. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.4-094>

ALTIERI, Miguel; 2004, **A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável**; Quinta Edição, Editora UFRGS; PGDR.

ANTUNES, Ricardo. Luiz. Coltro. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho / Ricardo Antunes. - [2. ed., 10. reimpr. rev. e ampl.]. - São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. Luiz. Coltro; ALVES, Giovanni. Antonio. Pinto. As Mutações no Mundo do Trabalho na Era da Mundialização do Capital. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p.335-351, maio 2004.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, (ANA), 2021; disponível em: <https://agroecologia.org.br/>; acesso em 04/09/2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, CAPES. **Documento de Área – Ensino**. Brasília, 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 dez. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Regulamento – ProfEPT**: regulamento do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFFar. Santa Maria: IFFar, 2017.

CAETANO, Maria. Raquel.; **A Política de Educação Profissional e Tecnológica no Governo Bolsonaro** (2019-2022). Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S.l.], v. 2, n. 23, p. 1-22, e14424, nov. 2023.

COSTA, Tiago. Ferraz.; OLIVEIRA, Adelson. Dsias de.; SANTOS, Viviane. Marques. Leite dos.; OLIVEIRA, Lucia. Marisy. Souza. Ribeiro de.; FREITAS, Helder. Ribeiro.; OLIVEIRA, Luciana. Souza de. A agroecologia em cursos técnicos

agrícolas e seus desdobramentos na formação do profissional. In: MARINHO, Cristiane. Moraes.; FREITAS, Helder. Ribeiro.; OLIVEIRA, Lucia. Marisy. Souza. Ribeiro de.; OLIVEIRA, Luciana. Souza de. (Orgs.). **Transição agroecológica e territorialidades: concepções, experiências e desafios**. 1. ed. Ponta Grossa – Paraná; editora Atena, 2023. p. 165 - 181.

CONSENTINO, J. M. B., & MARIANI, V. de C. P. **Memórias agroecológicas na educação profissional e tecnológica: uma construção do estado do conhecimento**. *Cuadernos De Educación Y Desarrollo*, 16(8), e5260 . 2024. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n8-120>

DOURADO, Josi Fernandes; COLOMBO, Angélica Antonechen. **Produtos educacionais: elaboração e validação/avaliação na perspectiva do ProfEPT-IFPR** [e-book]. 2023. Disponível em: e-book 08-11-23_com ficha.pdf. Acesso em: 04 mar. 2025.

FALCÃO, Bárbara; BORGES, Taynara. **O manual do podcast**. 1. ed. São Paulo: editora Reverbera, 2018. Disponível em: manual-do-podcast-reverbera-ebook.pdf. Acesso em: 01/02/2025.

GIL, Antonio, Carlos. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

GLIESSMAN, Stephen. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2. ed. Porto Alegre: Universidade–Editora da UFRGS, 2000.

GOMES; João, Carlos, Costa. **Bases Epistemológicas da Agroecologia**; 1999.

GONÇALVES, Carmen. Érica. Lima de. Campos.; OLIVEIRA, Carolina de. Souza.; MAQUINÉ, Gilmar. Oliveira.; MENDONÇA, Andréia. Pereira. **(Alguns) desafios para os Produtos Educacionais nos Mestrados Profissionais nas áreas de Ensino e Educação**. Educitec, Manaus, v. 5, n. 10, p. 74-87, mar. 2019. Edição especial.

GUHUR, Dominique, Michèle, Periot., e TONÁ, Nilciney. **Agroecologia**. (Dicionário da Educação do Campo) pg. 59 a 66; 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018. 140 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, Aline Santana. **Memórias e Percursos Formativos das Mulheres Negras do IFFar**. 2024. 124 páginas. Dissertação; programa Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Instituto Federal Farroupilha, campus Jaguarí, 2024.

LENA, L. P., & AHMAD, L. A. S. **A temática emancipação no contexto das dissertações do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica** - ProfEPT. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 17(10), e11341. 2024. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.10-086>

MATTEI, Taíse. Fátima., & MICHELLON, Ednaldo. (2021). **Panorama da agricultura orgânica e dos agrotóxicos no Brasil: uma análise a partir dos censos 2006 e 2017**. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 59(4), e222254. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222254>

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Pedro Machado de. **Camponeses e capitalistas no lugar Entre Ribeiros - Paracatu/MG**. 2018. 333 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

PINSKY, Carla, Bassanezi., BACELLAR, Carlos., GRESPAN, Jorge., NAPOLITANO, Marcos., JONOTTI, Maria, Lourdes., FUNARI, Pedro, Paulo., LUCA, Tania, Regina., BORGES, Vavy, Pacheco., ALBERTI, Verena., **Fontes Históricas**, Editora Contexto, 2005.

Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (2019 - 2026); disponível em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/documentos-do-pdi/item/13876-pdi-2019-2026>; Acesso em: 10/08/2023.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RAMOS, Marise. Ensino Médio Integrado: Lutas Históricas e Resistências em Tempos de Regressão. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 1, nº 1, 2017.

REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA. **Como funciona a Rede?** Disponível em: <https://www.ecovida.org.br/>. Acesso em: 11/11/2023.

REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA. **Histórico da Rede Ecovida**. Disponível em: <https://www.ecovida.org.br/>. Acesso em: 24/3/2025

RIGHES, Antônio Carlos Minussi; SARTURI, Rosane Carneiro. Concepção histórica dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia: entrevista com Elizier Moreira Pacheco. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 21, p. e173, 2021.

SANTILI, Juliana. **Agrobiodiversidade e o direito dos agricultores**. São Paulo, Petrópolis, 2009.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007.

SILVA, Caetana Juracy Rezende; PACHECO, Eliezer Moreira. A concepção do projeto político pedagógico dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 1, n. 22, p. e13658, 2022. DOI: 10.15628/rbept.2022.13658.

SOUZA, Romier; CRUZ, Renilton (Orgs.). **Educação do Campo, Formação Profissional e Agroecologia na Amazônia: Saberes e práticas pedagógicas**. Belém: IFPA, 2015.

ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA



03/10/2023, 17:21



Doc=559783

sig.ifarroupilha.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&id

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO
INSTITUTO
FEDERAL
FARROUPILHA
PRÓ-REITORIA DE PESQ.PÓS-
GRAD.E INOVAÇÃO

CARTA DE ACEITE Nº 149 / 2023 - PRPPGI (11.01.01.44.19)

Nº do Protocolo: 23873.000094/2023-48

Santa Maria-RS, 03 de outubro
de 2023.

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins que tenho conhecimento da realização da pesquisa para a elaboração da dissertação/tese do(a) pesquisador(a) **JOÃO MARCOS BOTON CONSENTINO**, intitulada "**MEMÓRIAS E SABERES: ENTENDIMENTOS AGROECOLÓGICOS DOS ALUNOS DO EIXO DE RECURSOS NATURAIS DO IFFAR SÃO VICENTE DO SUL E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**", sob a orientação do(a) Prof(a). Dr(a). **VÁNESSA DE CÁSSIA PISTÓIA MARIANI**, vinculado(a) ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - PROFEPT, do(a) INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA - CAMPUS JAGUARI.

A pesquisa tem como objetivo geral **investigar as memórias relacionadas a agroecologia dos alunos dos Cursos do Eixo de Recursos Naturais do IFFar, analisando como se relacionam com os propósitos da EPT.**

Tendo conhecimento e ciência de que passará pelos trâmites e só iniciará após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, **AUTORIZO** a realização do referido projeto.

(Assinado digitalmente em
03/10/2023 17:21)

ARTHUR
PEREIRA
FRANTZ
PRÓ-
REIT
OR(A)
-
TITUL
AR
PRPP
GI



(11.01
.01.44
.19)
Matrícula:
1756640

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sig.iffarroupilha.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número:
149, ano: **2023**, tipo: **CARTA DE ACEITE**, data de emissão: **03/10/2023** e o código de
verificação: **823aa1e733**

https://sig.ifarroupilha.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=559783

**ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DO IFFAR**

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MEMÓRIAS E SABERES: ENTENDIMENTOS AGROECOLÓGICOS DOS ALUNOS DO EIXO DE RECURSOS NATURAIS DO IFFAR SÃO VICENTE DO SUL E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

Pesquisador: JOAO MARCOS BOTON CONSENTINO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 75837123.4.0000.5574

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.724.137

Apresentação do Projeto:

O projeto "Memórias e Saberes: Entendimentos Agroecológicos dos Alunos do Eixo de Recursos Naturais do IFFar São Vicente do Sul e suas Relações com a Educação Profissional Tecnológica" é uma iniciativa de pesquisa envolvendo seres humanos, proposta no PROFEPT. O projeto busca observar e entender as memórias dos estudantes pesquisados sobre a agroecologia, bem como analisar como essa temática é abordada dentro dos cursos do Eixo de Recursos Naturais do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) de São Vicente do Sul. A pesquisa se concentrará em coletar dados através de entrevistas semiestruturadas e registros de interações e memórias durante a implantação e manutenção de uma horta com princípios agroecológicos.

Metodologia:

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, seguindo os passos de uma pesquisa-ação. Os dados serão coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e anotações em um diário de bordo, abrangendo as interações e experiências dos estudantes com a horta agroecológica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195

Bairro: Nossa Sra. das Dores

UF: RS **Município:** SANTA MARIA

Telefone: (55)3218-9800

CEP: 97.050-685

E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR**



Continuação do Parecer: 6.724.137

Investigar as memórias relacionadas a agroecologia dos alunos dos Cursos do Eixo de Recursos Naturais do IFFar, analisando como se relacionam com os propósitos da EPT;

Objetivo Secundário:

- Desenvolver, aplicar e avaliar o Produto Educacional em forma de horta agroecológica, junto a alunos dos Cursos do Eixo de Recursos Naturais;
- Registrar as memórias e entendimentos expressos pelos alunos ao longo do trabalho na horta agroecológica;
- Aplicar registro de História Oral dos alunos em relação a Agroecologia, estabelecendo relações com os propósitos da EPT e as questões neoliberais;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Considera-se que toda a pesquisa que envolva seres humanos está sujeita a algum tipo de risco, sendo físico ou psicológico, imediato ou tardio. No entanto os riscos que esta pesquisa trará são considerados mínimos e moderados, conforme a definição e gradação de risco definida pela Resolução CNS n° 510/2016.

Quanto aos possíveis riscos psicológicos pode-se descrever os relacionados ao tempo despendido para participação da entrevista semiestruturada e dos relatos orais, ao desconforto em falar sobre algum episódio triste que possa vir na memória durante esses momentos, ou até mesmo a lembrança de algum familiar ou amigo querido que já partiu, pois essas experiências relatadas provavelmente envolvam os saberes que os participantes herdaram de seus antepassados.

Caso alguma dessas situações, ou qualquer outra que o participante julgue desagradável, venha a ocorrer, ele poderá interromper o relato ou continuar com o mesmo, sem qualquer tipo de prejuízo. Conforme a Resolução n° 510/2016, estes são riscos mínimos.

Se consideram os seguintes riscos físicos que os participantes estarão sujeitos ao participar dessa pesquisa: ferimento com enxada, pá ou qualquer outra ferramenta utilizada na implantação e/ou manutenção da horta agroecológica e insolação ou queimadura na pele devido a exposição ao sol, enquadrando-se como riscos médios a altos.

Para minimizar esses riscos físicos, serão disponibilizados equipamentos de proteção individual, (EPIs) a todos os participantes, bem como será orientado para que façam sua utilização. Os EPIs serão os seguintes: luvas e botinas de raspa de couro que possuam Certificado de Aprovação (CA). Também será disponibilizado protetor solar e chapéu ou boné para proteção

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195

Bairro: Nossa Sra. das Dores

CEP: 97.050-685

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3218-9800

E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR**



Continuação do Parecer: 6.724.137

contra o sol, bem como repelente de insetos, com o intuito de evitar principalmente a contaminação pelo mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue e outras doenças. Essa medida foi adotada visto o surto de casos da doença em nosso estado durante os últimos meses. Também será orientado para que todos os participantes da pesquisa sempre utilizem camisetas de mangas longa e calça comprida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Protocolo Original - 3ª Versão

Nº participantes de pesquisa: 10;

Data de início do contato com os participantes de pesquisa: após aprovação do CEP;

Data de término do contato com os participantes de pesquisa: 16/11/2024.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo da pesquisa MEMÓRIAS E SABERES: ENTENDIMENTOS AGROECOLÓGICOS DOS ALUNOS DO EIXO DE RECURSOS NATURAIS DO IFFAR SÃO VICENTE DO SUL E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA, com parecer consubstanciado nº 6.685.689 identificaram-se três (3) óbices éticos, para os quais são solicitadas as seguintes adequações.

1. Não é feita a gradação dos riscos, apenas a descrição deles. (Art. 21º da Resolução CNS 510/2016).
SOLICITOU-SE: a gradação de riscos deve ser proporcional às ações que os participantes serão expostos. Os riscos expostos não podem ser considerados mínimos"
AÇÃO: pesquisador gradou os riscos como médios a altos.
RESULTADO: PENDÊNCIA SANADA.

2. Deve ser feita, no TCLE, uma breve descrição do que é o CEP.
SOLICITOU-SE: a modificação de "Ministério da Defesa" para "Ministério da Saúde" na descrição do CEP.
AÇÃO: pesquisador realizou a modificação.
RESULTADO: pendência sanada.

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195

Bairro: Nossa Sra. das Dores

CEP: 97.050-685

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3218-9800

E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR**



Continuação do Parecer: 6.724.137

3. Após descrição dos riscos e novo surto da doença dengue.

SOLITICOU-SE: a inclusão de repelente como Equipamento de Proteção Individual para minimizar às possíveis exposições aos mosquitos *Aedes aegypti* (transmissor da dengue).

AÇÃO: pesquisador inseriu no orçamento enviado em documento anexo ("orçamento_enviar.pdf") a compra de repelentes, bem como descreveu o risco no TCLE.

RESULTADO: PENDÊNCIA SANADA

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP acata o parecer do(a) relator(a).

Orientações importantes, conforme a Norma Operacional CNS nº 001/2013:

- 1) Alterações no projeto aprovado, devem ser apresentadas ao CEP na forma de Emenda ou Extensão. Havendo modificações importantes de objetivos e métodos, deve ser apresentado novo protocolo de pesquisa.
- 2) Cabe ao (à) pesquisador(a) responsável informar a este CEP sobre o início da coleta de dados, junto aos participantes de pesquisa, no formato de Notificação
- 3) Ao final da pesquisa cabe ao (à) pesquisador(a) responsável a apresentação do relatório final ao CEP, no formato de Notificação. Na página do CEP no portal do IFFAR constam orientações e modelo para a apresentação do relatório.

Obs: Orientações sobre a submissão de emendas, extensões ou notificações estão disponíveis no Manual do Pesquisador da Plataforma Brasil. Um material informativo adicional está disponível na página do CEP IFFar: <https://www.iffarroupilha.edu.br/comit%C3%AA-de-%C3%A9tica-em-pesquisa-2>

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195
Bairro: Nossa Sra. das Dores **CEP:** 97.050-685
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3218-9800 **E-mail:** cep@iffarroupilha.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR**



Continuação do Parecer: 6.724.137

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2229634.pdf	09/03/2024 10:15:26		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_completo_pdf.pdf	09/03/2024 10:14:31	JOAO MARCOS BOTON CONSENTINO	Aceito
Orçamento	orcamento_enviar.pdf	09/03/2024 10:10:30	JOAO MARCOS BOTON CONSENTINO	Aceito
Outros	carta_resposta_enviar.pdf	09/03/2024 10:09:52	JOAO MARCOS BOTON CONSENTINO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_enviar.pdf	09/03/2024 10:07:16	JOAO MARCOS BOTON CONSENTINO	Aceito
Cronograma	cronograma_enviar.pdf	09/03/2024 10:05:16	JOAO MARCOS BOTON CONSENTINO	Aceito
Outros	autorizacao_institucional.pdf	01/02/2024 02:03:59	JOAO MARCOS BOTON CONSENTINO	Aceito
Outros	carta_de_anuencia.pdf	01/02/2024 02:03:01	JOAO MARCOS BOTON CONSENTINO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	19/10/2023 10:31:53	JOAO MARCOS BOTON CONSENTINO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 25 de Março de 2024

**Assinado por:
Talitha Comaru
(Coordenador(a))**

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195

Bairro: Nossa Sra. das Dores

CEP: 97.050-685

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3218-9800

E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br